COLEÇÃO
DOCUMENTOS BRASILEIROS

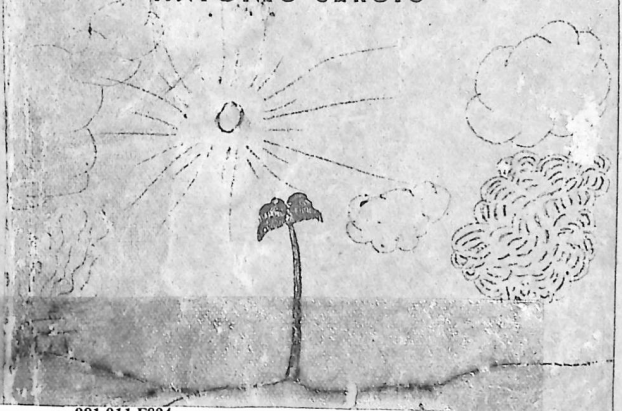
DIRIGIDA POR OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

28

GILBERTO FREYRE

mundo que o ortuguês criou

PREFACIO DE
ANTÓNIO SÉRGIO



981.011 F894
Autor: Freyre, Gilberto,
Título: O mundo que o portugues cri
589279
45318
a - Coleção Especial

Editora

LEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS

DIRIGIDA POR OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

28

GILBERTO FREYRE

O mundo que o Português criou

Aspectos das relações sociaes e de cultura do Brasil com Portugal e as colonias portuguesas

PREFACIO DE
ANTÓNIO SÉRGIO

1940

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110 — RIO DE JANEIRO

12667/92

Deste livro foram tirados, fora de commercio, vinte exemplares em papel Vergé, numerados e assignados pelo autor.

981.011
F866

INDICE

Prefacio 11
Introducção do Autor 31
I — Aspectos da influencia da mestiçagem sobre as relações sociaes e de cultura entre portugueses e luso-descendentes 42
II — Importancia dos estudos de historia social e cultural para as relações entre portugueses e luso-descendentes 69
III — Suggestões para a cooperação luso-brasileira no estudo de problemas de historia de arte culta e popular 94
IV — O Nordeste do Brasil e seus pontos de contacto com outras areas americanas especializadas na producção do açucar .. 112

APPENSOS:

I — Trechos de um ensaio da escriptora Maria Archer 127
II — Trechos do trabalho do padre J. Alves Correia 139
III — Trecho de um artigo do sr. João de Barros 146
IV — Trecho de um trabalho do dr. Luís Robalinho Cavalcanti 148
V — Trecho de uma carta do escriptor José Osório de Oliveira 149
VI — Trechos de trabalhos do dr. Ruy Coutinho 150
VII — Artigo do sr. Arnon de Mello 151
VIII — Trechos de um artigo do dr. Manuel Múrias 155
IX — Trechos de um artigo do dr. Vitorino Nemesio 160
X — Trechos de um artigo do dr. Robert C. Smith Jr. 163

PREFÁCIO

Se as relevantes conferências de Gilberto Freyre aparecessem editadas em Portugal, não seria cousa absolutamente impossível que algum mais distraído entre os leitores portugueses concebesse a ideia de que o meu prefácio poderia ser uma espécie de apresentação, se bem que o autor seja hoje entre nós um escritor já célebre entre o grande público, e não só admirado pelos especialistas; impressas no Brasil, pelo contrário, serão as conferências e o conferencista que apresentarão o prefácio e o prefaciador.

Quis pois a amabilidade de Gilberto Freyre tornar-me conhecido dos leitores do Brasil, e decidiu embarcar-me nas Conferências na Europa *para uma viagem entre o público da sua pátria.*

Sinto-me ir de passeio sôbre as águas plácidas, à pôpa do hiate de um lorde amável, e a ruminar num problema: ¿que farei neste caso? ¿que me caberá dizer?

Se tivesse sentimentos de nacionalista, e se merecesse a honra de me tornar alguém como homem representativo dos Portugueses, de si se apresentava a solução do caso: empreenderia agradecer a Gilberto Freyre, em nome da gente do meu país, o sólido prestígio que deram os seus livros à nossa capacidade de colonização, com a preclara autoridade que conquistaram. Os que me conhecem, todavia, logo perceberiam que tal atitude (que seria na maior parte dos meus conterrâneos cabalmente sin-

cera e verdadeira) desfrisaria um tanto com o meu feitio. Não, não me penso sob a categoria do nacional: e se perante um Espanhol ou um Escandinavo me não ocorre colocar-me como Português, ¿como me sentiria de diversa estirpe quando aquele que defronto é um escritor brasileiro, súbdito linguístico de el-rei Camões?

Por outro lado, pretender formular em sua própria pátria um qualquer juízo sôbre Gilberto Freyre afigura-se-me emprêsa inteiramente vácua, e um tanto ridícula de ingenuidade. A tal respeito, aos leitores do Brasil já foi dito o que cumpre pelos críticos competentes que ali não faltam; e também desta banda do Oceano Atlântico se escreveram sôbre os livros do historiador-sociológo apreciações sagazes e de cabal justiça, a que eu nada acrescentaria que tivesse préstimo. Portanto, resta-me fazer o que tenho feito até hoje: exercer a função de todo bom ignorante, que é dar ensejo às investigações alheias, com submeter o enunciado das suas próprias dúvidas às pessoas idóneas para resolvê-las.

Com tal objectivo, deverei começar por vos avocar ao espírito que das mais doutrinais e de maior relêvo entre as feições da obra de Gilberto Freyre é talvez a intensidade de luz claríssima, de distinção intelectual, de precisão científica, com que definiu o aspecto de criação social da obra dos Portugueses no Brasil. Ora, a essa lição juntou êle um'outra: a da busca da explicação de tal fenómeno, ou seja a das características de psicologia rácica, e de etno-cultura, e de geografia histórica (digamo-lo assim) que nos conferiram capacidade para tal façanha. Porém, a amplidão e originalidade da criação portuguesa no campo próprimente social-económico em regiões tropicais da América do Sul contrasta com a modéstia do que fazemos na Europa nesse mesmo domínio das realizações crematísticas, com tôdas as consequências que de aí promanam: e não é de estranhar que os leitores do sociólogo transitem do problema do Por-

tuguês no Brasil para o problema do Português em Portugal, e que alguns se inclinem a adoptar no segundo o reverso da solução que no primeiro êle deu. Para os que assim procederem, o êxito do Português na colonização do Brasil provirá de certo número de qualidades intrínsecas que o tornaram mais apto a triunfar nos trópicos que os restantes povos habitadores da Europa: e suporão que essas mesmas qualidades intrínsecas *o teriam contrariado no ambiente europeu, impedindo-o de se achar nestes tempos de hoje ao nível dos mais progressivos e dos mais prósperos. Assim, já vi quem ligasse com a de* Casa-Grande & Senzala *a teoria sustentada por um admirador dêsse livro, que é dos maiores ensaístas do Brasil actual: Almir de Andrade. A primeira dúvida, por isso, que me permito submeter aos leitores brasileiros (a começar pelos dois mestres a que acabei de aludir, evidentíssimamente) é se a interessante teoria de Almir de Andrade se poderá coadunar com a de* Casa-Grande & Senzala; *e, dado que não, se alguma hipótese se poderá propor explicativa do inêxito do Português na Europa, sem prejuízo da doutrina de Gilberto Freyre.*

Para isso, resumamos est'última.

"A singular predisposição do Português para a colonização híbrida e escravocrata" (copio agora o seu texto) "explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a européia e dando um acre requeime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana, quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escrava; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a dureza doutrinária e moral da Igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitectura

gótica, à disciplina canónica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio carácter do povo. A Europa reinando mas sem governar: governando antes a África." A miscibilidade, a mobilidade, a aclimabilidade, — conjunto de qualidades que se radicou nos nossos no ambiente peninsular originário — conferiam-lhes capacidade para a colonização nos trópicos. Favoreceu-os, em suma, na obra de colonização na Sul-América, a característica plasticidade *da sua índole, a qual dimanava de uma singular riqueza de antecedentes étnicos e de cultura; e caberia acentuar que os colonizadores do Brasil, nos séculos de Quinhentos e de Seiscentos, foram na maioria portugueses típicos, e portanto mestiços: nem os dólico-louros de Oliveira Viana, nem tampouco os judeus de Werner Sombart, nem ainda os moçárabes de Debané, senão que portugueses a que chamaria eólios um espírito dominado pelas reminiscências gregas: de complexa ascendência, de cultura mixta. Nessa origem compósita, todavia, valeria especialmente para o nosso caso o predomínio da cultura e do sangue do Mouro, do qual se derivaram para o colonizador do Brasil os dotes e factores de capacidade técnica no relativo à produção e à utilização da cana.*

Tomaríamos aí a explicação do facto que nos aparece iluminado com uma luz tão viva na obra magistral de Gilberto Freyre: "o certo é que os Portugueses triunfaram onde outros Europeus falharam: de formação portuguesa é a primeira sociedade moderna constituída nos trópicos com características nacionais e qualidades de permanência. Qualidades que no Brasil madrugaram, em vez de se retardarem, como nas possessões tropicais de Ingleses, Franceses e Holandeses. Outros europeus, êstes brancos puros, dólico-louros habitantes de clima frio, ao primeiro contacto com a América equatorial sucumbiriam ou perderiam a energia colonizadora, a tensão moral, a própria saúde física, mesmo a mais rija, como os Puritanos colonizadores de Old Providence, os quais, da mesma

fibra que os pioneiros da Nova-Inglaterra, na ilha tropical se deixaram espapaçar nuns dissolutos e moleirões. Não foi outro o resultado da emigração de loyalistas *ingleses da Geórgia, e de outros novos Estados da União Americana, para as ilhas Baamas, — duros ingleses que o clima tropical em menos de cem anos amolegou em* poor white trash. *O Português, não; por tôdas aquelas felizes predisposições de raça, de mesologia e de cultura a que nos referimos, não só conseguiu vencer as condições de clima e de solo desfavoráveis ao estabelecimento de Europeus nos trópicos, como suprir a extrema penúria de gente branca para a tarefa colonizadora, unindo-se com mulher de côr... O colonizador português do Brasil foi o primeiro, de entre os colonizadores modernos, a deslocar a base da colonização tropical da pura extracção de riqueza mineral, vegetal ou animal — o ouro, a prata, a madeira, o âmbar, o marfim, — para a de criação local de riqueza."*

Ora bem. Parece óbvio e fácil, ao primeiro relance, o ligarmos a doutrina de Gilberto Freyre com a teoria de que os dotes que nos serviram nos trópicos são os mesmos que na Europa nos desserviram; e será lícito pensarmos que nos inclina para aí um interessantíssimo ensaio de Almir de Andrade sôbre O colonizador português e o seu carácter, *nos* Aspectos da cultura brasileira, *livro delicioso e de publicação recente. Aceitando e aplaudindo com a admiração que merecem a orientação e as teses de Gilberto Freyre, diz êle que a capacidade do colonizador português foi devida "à sua própria formação psicológica e social, bastante distanciada dos traços comuns às outras sociedades da Europa, bem* anti-européia *nas suas raízes mais espontâneas e mais profundas"; e acentua: "creio mesmo que até hoje não se definiu com suficiente clareza êsse desajustamento profundo do carácter português em relação ao ambiente europeu que o envolve. Talvez êsse desajustamento explique todo êsse*

movimento de decadência e de enfraquecimento contínuo, que encheu mais de quatro séculos da história de Portugal, e que, provàvelmente, não foi mais do que uma asfixia lenta das energias recônditas do povo português, inadaptadas ao ambiente cultural europeu e esmagadas pelos seus tentáculos dominadores e hostis. Na verdade, não há nada mais anti-europeu *do que a psicologia do Português e do que a sua própria vida social, em tudo o que ainda não sofreu a influência definitiva das outras culturas européias... Os seus méritos de colonizador consistiram precisamente nos seus defeitos como nação européia, considerada do ponto de vista europeu. Foi a instabilidade dos seus ideais políticos, sociais e morais, a flutuação das suas tendências contraditórias, a falta de rigidez dos seus princípios, que lhe permitiram penetrar, sem grandes prevenções de espírito, no meio brasileiro, aproveitar os elementos nativos, amoldar-se às exigências do novo meio, compreender as suas verdadeiras necessidades, e criar, a-final, com elementos originais, típicos do novo meio social, novas formas de cultura, genuïnamente brasileira desde as suas origens mais remotas."*

O último dos períodos de que dei traslado conduz-nos a uma ideia da maior importância, que já fôra acentuada por Gilberto Freyre e que eu próprio sublinhara nos meus Ensaios: *a da plasticidade de espírito da nossa gente. E' pela afirmação dêsse dote psíquico que começa o ensaio de Almir de Andrade em que avultam as linhas que transcrevo acima: "O Português aparece na colonização do Brasil" — diz ainda o ensaísta — "como uma figura da maior plasticidade, que o meio novo modelou de acôrdo com as suas exigências próprias. Essa plasticidade foi a causa da falência do Português na Europa, mas foi o segrêdo da sua vitória nas colónias do ultramar"; e, para o fim: "os resultados dêsse encontro da cultura amerínDia com um colonizador tão plástico e tão aberto a tôda a sorte de influências foram os mais inesperados e iné-*

ditos na história das colonizações européias. Gilberto Freyre procurou caracterizá-los... Gilberto Freyre foi, sem dúvida, o primeiro sociólogo que entre nós colocou em seus verdadeiros termos o problema da adaptação do colonizador português às condições de vida da sua colónia americana. E' de notar sobretudo a penetração com que analisou o carácter da colonização portuguesa no Brasil e seus resultados, assim como o desassombro com que reconheceu e apontou os verdadeiros méritos do colonizador, que residem justamente ali onde a crítica corrente e a intransigência intelectualista dos observadores superficiais tem concentrado tôdas as suas condenações e menosprezos ao povo português: na sua flutuação intelectual e moral, no carácter vago, indeciso e contemporizador das suas tendências indefinidas, sem princípios rígidos, sem normas intransigentes de conduta." Em suma, "o português de hoje, como o de ontem, é um mundo de tendências antagónicas que se desconhecem a si mesmas... A melhor, a mais típica, a mais feliz das criações da alma portuguesa — a sua música popular, o fado *dos acentos nostálgicos e da saüdade sem fim, — reflecte essa ansiedade dos caminhos perdidos, essa procura eterna de um ponto de apoio, de uma directriz e de um ideal que se não encontra nunca"...*

De todo me dispenso de pedir vénia aos leitores pelo estirado das transcrições de que lhes dei regalo. Persuado-me, ao contrário, de que lhes mereço alvíçaras, pelo gôzo da releitura de tão belas páginas. E a seguir interrogo: o sentenciarmos a respeito da grei portuguesa que ela é inajustável à cultura européia — ¿não será negar-lhe a plasticidade de espírito em que vimos a causa da sua adaptação aos trópicos? O considerá-la "aberta a tôda sorte de influências" ¿não redunda em inibir-nos de a conceber cerrada à influência do génio e da civilização da Europa? A não *inadaptabilidade a nehuma cousa — o dote de não ser* anti *cousa alguma — ¿não será a pró-*

em Lagos, de 1 (obtém-se tal índice, como vós sabeis, dividindo a pluviosidade pela temperatura, acrescida esta do número 10). Em três quartos do nosso país sofremos de um verão excessivamente árido. Para além dos Pirenéus — muitíssimo ao invés — tanto no Noroeste como no Centro da Europa ocorre o fenómeno precisamente contrário, pois que aí a chuva é sobretudo no verão, não havendo portanto necessidade de rega, — ao passo que o Português, no território europeu, ou rega os campos durante o estio (quando haja com quê) ou se vê privado nessa mesma quadra de culturas arvenses e hostícolas (2). De anos torturados pela completa secura há exemplos catastróficos na nossa história, sendo frequentes os do século XV. Ao lado disso, sofremos invernos de não menor infortúnio com chuveiros inundantes e torrenciais (é o que sucede agora, quando escrevo estas laudas). Para o trigo são desfavoráveis o terreno e o clima; o incerto das primaveras prejudica as frutas; e pelo que respeita à produção silvícola, não temos condições de ambiente físico para nenhuma das essências superiormente ricas. Em pleno inverno, a seguir a um tempo tenebroso e ríspido, ressurtem dias de primavera esplêndida. "Êste clima nosso" (dizia-me uma vez um lavrador patrício) "está a todo momento a enganar as plantas"; e para os homens de lavoira de Portugal inteiro há sobejos motivos de repetir as queixas do Vilão da Romagem dos Agravados:

Que chove quando eu não quero
e faz um sol das estrêlas
quando alguma chuva espero.
Ora alaga o semeado,
ora seca quanto hi há...

(2) Examinados ao microscópio, os filamentos de lã dos países europeus de chuva regularmente distribuída manifestam uma grossura uniforme; os da lã portuguesa, pelo contrário, apresentam estrangulamentos, correspondentes às épocas sêcas, de pastos mais pobres. Isto sem embargo de transumância.

A excessiva secura do nosso verão, que tanto nos prejudica no labor da terra, é-nos pelo contrário extremamente propícia no que diz respeito à produção do sal. De aí a importância que êsse produto alcançou no sistema económico da nossa gente na época anterior à das explorações do ultramar; de aí a firmeza da tradição antiga de ser o sal português o de maior valia; de aí o distinguir-se o Português medievo, entre todos os povos do continente europeu, como atrevido pescador e como produtor de sal. A do sal é a única das criações crematísticas para que existem condições de favor bem franco no ambiente metropolitano da nossa Grei, — tão boas como o eram para a produção do açúcar aquelas que mais tarde nos veio a dar o Brasil; e o aspecto e a brancura dos produtos insinua uma imagem a que não sei fugir, e para cujo preciosismo vos rogarei indulto: considerados pela importância na nossa vida económica, o sal foi o açúcar do Português da metrópole nos tempos anteriores ao da expansão marítima, e o açúcar foi o sal do Português dos trópicos no terceiro século dessa mesma expansão. Se me não iludo, é muito susceptível de descaminhar o espírito aquela designação de "monarquia agrária" adoptada por João Lúcio de Azevedo para a primeira época da nossa história. Ao que pendo a crer, as condições agro-climicas da nossa metrópole não lhe permitiriam a vitalidade que ela então ostentou se assentasse num alicerce exclusivamente agrário, ou muito predominantemente de natureza agrária. Bem ao avêsso, pergunto-me se o que havia de prometedor e tónico no organismo social da nossa estirpe lhe não vinha então essencialmente do sal, do comércio marítimo, da actividade da pesca... Mas importa agregar, em primeiro de tudo, que a riqueza oriunda do sal e da pesca não poderia impulsionar o país inteiro; e logo depois, que o sal não manteve na economia moderna a importância que lhe coube na Meia-Idade. Se a houvesse mantido, acaso ao Portugal dos modernos

tempos o achássemos tão ajustado no conjunto da Europa quanto o esteve o do tempo de um D. Denis.

O sal era necessário para salgar o peixe, e o peixe salgado avultou muitíssimo na alimentação dos povos da Idade-Média: foi por isso mercadoria da maior importância, e factor económico de excepcional momento no sistema de trocas dos Portugueses. Usavam procurá-lo com o maior empenho as gentes ribeirinhas do Mar do Norte. As costas dêste mar, com efeito, oferecem-se riquíssimas de bom pescado, em especial nos bancos sôbre que nada o arenque; as águas marítimas, porém, são de fraca salinidade em tais paragens, e o frio e a humidade setentrionais impedem a evaporação bastante activa; por conseguinte, faltam os requisitos para a salicicultura. Estabeleceu-se por isso um intercâmbio intenso entre êsses povos pescadores do Norte — Escandinavos, Neerlandeses, Escoceses, Ingleses, Irlandeses, etc., — e as terras ocidentais em que a evaporação é viva, é onde se pode por isso produzir o sal. Nos Países-Baixos (o grande centro da pescaria europeia) tão grave era o problema da importação do sal que pelas flutuações no preço dêle se previam as crises da economia. Objecto, então, de copioso tráfico, servia de frete de retôrno aos navios estrangeiros que nos visitavam. As côrtes de Elvas de 1361 exaltam o valor do comércio do sal no sistema económico da nossa gente: "item ao que diziam no quinquagésimo artigo" (comenta o rei) "que bem sabíamos quanto o frete do sal é cumpridoiro e necessário aos nossos senhorios, porque por êle recudiam à nossa terra muitos mantimentos, e a nós muita prol, *e muitos de muitas partes de fora de nossos reinos, quando aí havia avondamento, dêle carregavam naves e outros navios para outras terras,* de que nós tiramos grandes dízimos..." *De salinas estabelecidas na nossa costa se fala em documentos de 929 e 978, abundando os dos primórdios da monarquia sôbre salinas estabelecidas nas margens do Lima, do Cá-*

vado, do Ave, do rio de Leça, do Douro, do Mondego, do Vouga. As do têrmo de Alcácer-do-Sal foram muito famosas sob a dominação dos Moiros. Nos forais concedidos aos concelhos do Algarve, D. Afonso III reservava para a coroa o todo das salinas que já ali existiam e as que viessem a construir-se posteriormente, bem como o monopólio da venda do sal. No tempo de D. João I, era tanta a produção das marinhas de Faro, que o monarca concedeu a mercadores estrangeiros a licença de exportação de sal algarvio. As salinas que se alongam pelo Ribatejo outro-sim procedem de remotas eras. No reinado de D. Fernando (1367-83), conta Fernão Lopes que "estavam à carga no rio de Sacavém e à ponta do Montijo, da parte do Ribatejo, sessenta e setenta navios em cada lugar, carregando de sal e de vinhos". Depois da conquista da praça de Ceuta (1415), o vedor da fazenda de D. João I, João Afonso de Alenquer, " consirando as mui grandes despesas que el-rei tinha feitas, e como lhe era necessário ainda despender no frete de todos aqueles navios" (os que tinham servido na expedição) "tanto que foi na cidade de Lisboa mandou comprar para el-rei todo o sal que havia por toda aquela terra, o qual houve assaz de bem barato, por razão da imposição; e quando lhe os mestres dos navios requeriam frete, fazia-lhes pregunta se lhes prazeria de haverem o sal em preço de sua paga; os quais todos juntamente foram contentes, considerando como lhes seria melhor levarem seus navios carregados de alguma mercadoria que levarem o dinheiro, que ligeiramente poderiam gastar; e assim foram todos mui bem pagos, com pouco custo de el-rei". (Azurara).

A produção agrícola, pelo contrário, andou sempre abaixo das necessidades, devido em boa parte àquele mesmo facto que causava a excelência da produção salina: a secura excessiva do nosso estio; e de aí um resultado que se me afigura interessante, pela lógica simplicidade com que relaciona os factos: com o sobejo do sal que nos

dava o mar se comprava o trigo que nos negava a terra. Na Idade-Média, os tabuleiros das salinas e as embarcações da pesca foram as casas-da-moeda do nosso povo: pois com sal e com peixe se comprava pão, que do estrangeiro nos vinha. Em 1635, requereram ao govêrno os mercadores de Lisboa a entrada de vinte e dois navios de trigo, os quais em retôrno tomariam sal; e em 1651 sugeriu o rei à câmara de Lisboa que se escrevesse às cidades hanseáticas alemãs, a-fim-de lhes oferecer quaisquer vantagens para que nos mandassem pão em abundância, e tentando-se que por êle nos aceitassem o sal. Estava-se no meio do século XVII; a intensidade da procura já não era a mesma; já o sal não lograva na economia europeia o privilégio que tivera na Idade-Média; bem maior importância era então a do açúcar...

Como se sabe, pelo tratado de 20 de Outubro de 1353, entre Eduardo terceiro de Inglaterra e os burgueses do Pôrto e de Lisboa, tiveram êstes autorização para irem exercer a indústria da pesca nas costas dos domínios daquele monarca. Por êsses tempos, navegávamos o peixe até o Levante, em concorrência álacre com os demais Europeus; muitos comerciantes do nosso país frequentavam os portos da Inglaterra e da França; e na época seguinte da expansão marítima, no século de Albuquerque e de Luís de Camões, não foram poucos os professores portugueses que em universidades estrangeiras regeram cursos. ¿Não hesitaremos um pouco, perante êstes factos, em admitir como provado que a nossa índole se não adelgaça ao gênio da civilização da Europa? ¿E seria excessivo propor a hipótese de que em certas épocas da nossa história, — dos Europeus mais europeus entre os habitadores da Europa foram talvez os comerciantes e pescadores portugueses, nada havendo acaso de maior cunho europeu que a legislação marítima de D. Fernando?

Desde princípio, fôramos compelidos a recorrer ao mar: porque a terra — mal regada e pobre, e de relêvo ingratíssimo na metade Norte, — nunca nos daria suficiência agrícola, nem matérias-primas de cabal importância com que lográssemos manter uma grande indústria. As feições agro-climicas da nossa pátria são muitíssimo inferiores às da França e da Inglaterra, às da Alemanha e da Flandres; e não nos encontrámos até hoje com carvão bom e acessível, e não temos ferro... Forçoso, portanto, o acudir ao Oceano, às regiões longínquas; porém, sem um sólido alicerce de produção na metrópole (produção agrícola ou extracção de minério, que sustente uma indústria), tôda prosperidade será instável.

Nesse caso, ¿eis-nos condenados para todo o sempre? Não afirmo tal cousa: porque já a ciência do nosso tempo nos permite a esperança de correcções profundas nas condições desfavoráveis do ambiente físico. Mas faz-se mister que êsse problema e o da renda sejam tidos como básicos nos nossos planos políticos, e não as propagandas e as estradas de luxo, os saldos orçamentais e as comemorações históricas.

Seria exorbitar do meu tema de agora o alongar-me nas minúcias dessa correcção do ambiente, — desde a execução de grandes obras de hidráulica e da sistemática arborização do terreno pátrio até a erecção de centrais hidro-eléctricas (sem excluir as térmicas) que permitissem a instalação de reservatórios altos de onde a água desceria a irrigar os campos e possibilitassem o emprêgo da bomba eléctrica em numerosos poços que se poderiam abrir; mas devo acrescentar que aos do ambiente físico se acrescentam os óbices de uma outra espécie: os da estrutura económico-social da Grei. Os trabalhadores da terra, com efeito, pagam aos senhorios uma renda excessiva, que os não deixa sair de uma penúria extrema: e tais trabalhadores — como é bem sabido — constituem

a maioria da população da metrópole. Reparai: constituem a maioria da população da metrópole.

Ora, antes de atribuirmos a qualidades intrínsecas a decadência actual do nosso povo, não convirá que pensemos nas repercussões sociais que resultam da falta de poder de compra na classe mais numerosa da população de um Estado?

Visiono para o futuro a socialização da renda; não é isso porém o que agora importa, mas tam-só o problema do seu montante. Ora, sucede que em Portugal o excessivo da renda nem deixa ao desgraçado que empreende a lavoira, frequentes vezes, o próprio valor do simples salário correspondente ao trabalho que êle fêz na terra. Por outras palavras: o que fica ao rendeiro, satisfeita a renda, é não raro inferior ao que teria cobrado se trabalhasse a jornal por conta alheia. Admitida a apropriação individual da renda, deveríamos considerar como sendo justa a que incluísse o juro do capital fundiário (glebas, casas de habitação, celeiro, estábulos, obras de irrigação, plantações, etc.), a compensação pela depreciação que êste vai sofrendo, e as contribuições que incidem na propriedade: a mais disso, porém, o capitalista arroga-se a importância total (ou, pelo menos, considerável parte) do chamado lucro de exploração; e das três parcelas que com justiça inteira deveriam caber ao pequeno rendeiro (a saber: o salário, a compensação do risco, o lucro proveniente da exploração) nem com o simples salário chega o pobre a ficar, em numerosos casos...

Depois, adicionem-se a isto os garrotes da usura. José Agostinho de Macedo escrevia em 1818: "Seriam mui úteis aos povos as sociedades de agricultura se estas se encaminhassem a ajudar os tristes lavradores; se em anos mofinos e escassos lhes subministrassem as sementes para a futura lavoira e animassem com fundos os miseráveis que não teem com que cultivar a terra, pagando-se depois sem aquelas escandalosas usuras *com que*

se costuma pôr o pé no pescoço dos infelizes". Escandalosas usuras: o que neste passo nos apresenta o Macedo é um transe do agrícola que perdura ainda. Em Portugal, os lavradores evitam as instituições de crédito, porque (diz um documento oficial recentíssimo) "para se obter um empréstimo, por mais insignificante que seja, são tantas as formalidades e exigências, que os interessados preferem recorrer à usura". Resultado: "como os juros absorvem, frequentemente, os lucros líquidos da exploração, o lavrador, ilaqueado de dificuldades, não consegue imprimir às suas culturas a expansão e o tratamento que lhes daria se dispusesse de facilidades financeiras, em pregando o mínimo de adubos químicos" (trechos do inquérito do Comissariado do Desemprêgo, publicado em 1938). Há pois essa "asfixia lenta das energias recônditas" do nosso povo, e aqueles "tentáculos dominadores e hostis", de que nos fala o livro de Almir de Andrade: ¿mas provirão êles do "ambiente europeu", como quere a doutrina do prestigioso ensaísta? (3)

Combinem-se com êstes males sociais os que resultam das condições do nosso solo, da distribuição nocivíssima das nossas chuvas, e ver-se-á porque definha numa indigência aguda o produtor agrícola em Portugal. Quási nada lhe fica para comprar qualquer cousa, a êsse homem paupérrimo, limitando-se a usar o que êle próprio faz: por consequência, nem o comércio nem as indústrias fabris teem aqui possibilidade de se expandir com ímpeto,

(3) E' com retórica histórico-patrioteira que se pretende entre nós galvanizar o povo. Excelentíssimo recurso para fugir ao problema, atordoando o mísero. O de que êle precisa é da deminuïção das rendas, de facilidades de crédito, de melhoramentos hidráulicos, de energia barata, de assistência técnica, da organização cooperativa para a compra e para a venda, da repressão das explorações e das especulações de que tem sido vítima, — até que chegue o momento de lhe poderem dar mais: a planificação de conjunto do seu viver económico, para o máximo rendimento e a máxima vantagem social, sem prejuízo da liberdade do homem tanto na escolha daquilo que compra como na escolha da profissão que quere seguir.

por falta de um mínimo de capacidade de compra na classe mais numerosa da nação. Quando esta vive com tal apêrto, está inapta a pagar uma tributação copiosa, — e não logra o Estado, por isso mesmo, alcançar os recursos que lhe são necessários para os serviços públicos de maior valia, para os que tocam ao progresso e à educação do povo. Por derradeiro, um país onde o mister de lavrar a terra é o seguido pela maioria dos seus habitantes, mas que não chega a granjear uma produção agrícola que o habilite a dispensar importações excessivas e lhe permita vender às demais nações matérias de primeira necessidade para estas, — tal país, íamos nós dizendo, sofre as consequências do desfavor dos câmbios. E como contragolpe da indigência rústica, um Estado na incapacidade de poder auferir, da classe mais numerosa da sua gente, as receitas bastantes para a dotar de escolas, — não dá ao povo a cultura técnica que lhe consentiria melhorar a produção das glebas. Um círculo de misérias em acções recíprocas, que a Atmosfera e o Solo nos teem imposto (além dos vícios de estrutura social) e que domina o destino da nossa Grei. Em Portugal, a penúria do trabalhador agrícola determina a fraqueza de tudo mais.

Ora bem: ¿não teríamos aí uma explicação aceitável da decadência da estirpe no seu solo pátrio, dispensando-nos de recorrer à insinuante hipótese de uma psique nebulosa da nossa gente? Com efeito, hipótese é essa que não vejo aceita por observadores dos homens dos nossos campos. Sugerem-na sem dúvida os langores do fado: *¿mas será o fado, bem vistas as cousas, uma música típica popular portuguesa? ¿Não será só a música de certos bairros, — de bairros lisboetas de gente indecisa, como são os das escórias dos grandes portos dos países marítimos de todo o mundo? (4)*

(4) As origens do *fado* deverão buscar-se, ao que nos dizem os doutos, entre os escravos negros do Brasil. Do fado-música o antecessor direto é o *lundum* — afro-brasileiro — importado em Portugal pelos fins do século XVIII; o fado-dança surgiu no Bra-

¿E quanto ao êxito do Português no Brasil? Já vos disse a pregunta que me sugere o caso: ¿não seria no Brasil que o Português encontrou — pela primeira vez — condições de ambiente francamente propícias para tirar da terra uma cultura básica (de venda assegurada, de favor no mercado)? Bem sei que os obstáculos não eram aí pequenos, nem em fraco número; tais obstáculos, todavia, não estavam nos factores essenciais *produtivos, como aqueles que na metrópole nos flagelavam; não vinham da falta e do excesso da chuva; tampouco da irregularidade incontrastável do clima, ou da extrema ingratidão da natureza do solo: estribavam em factores circunstanciais para o produto, que não eram insuperáveis para o Português do tempo, com os recursos da técnica daquela época. No Brasil, a estabilidade da cultura da cana-de-açúcar, no extremo Nordeste e na região do Recôncavo, explica-se por condições particularmente benéficas assim do solo como da atmosfera, e assim das águas como da situação geográfica, — como Gilberto Freyre o demonstrou a preceito, nesse livro admirável pela urdidura clássica, harmonioso e uno, que é o seu* Nordeste. *Quanto ao solo, o que nos dava de presente essa região brasileira era a fecunda substância do massapê; as chuvas, o vento e a acção solar adequavam-se a primor à cultura da cana; e os rios sisudos e de fiel percurso foram operários disciplinados dos engenhos de água, boas vias de transporte e servidores domésticos, divertindo as crianças, convidando ao banho... ¡Que diferença*

---

sil nos princípios do XIX, e veio para Lisboa quando a côrte regressou do Rio, em 1821. A população dos nossos campos, no entanto, não mostra permeabilidade estética a essa lamentável cantilena, só típica de alguns bairros infectos da capital, e que deveu a celebridade a uma mórbida, efémera e caprichosa inclinação do conde de Vimioso por uma rameira cantadora do fado (a Severa) aí pelos anos de 1840. Keyserling, tão apreciador dos cantos do nosso povo, só teve desdens para o repulsivo fado, e nem por sombras lhe ocorreu tomá-lo como canto popular de Portugal. Brasileiros e Portugueses devemos dar-lhe — decididamente — o pontapé final que êle bem merece.

com o solo torturado e pobre de tão grande parte do nosso lar europeu! (5) ¡Com a nossa irregularidade na distribuïção das chuvas, tão nociva aos rústicos! ¡Com os rios caprichosos e de caudais extremos, — reduzindo-se a zero sob os calores do estio, e destruindo e inundando sob os chuveirões do inverno!

Facilidades de terreno e de condições de clima no que toca ao crescimento da própria planta, e também facilidades de energia hidráulica para a necessária elaboração do seu produto: eis o que o Português foi encontrar no Brasil; eis o que a sorte lhe recusou na Europa. O que havia de adverso nas regiões dos trópicos consistia nos obstáculos à aclimação dos homens e à criação de um organismo social-económico com que se pudesse triunfar na exploração da cana: e para vencer êsses óbices é que lhe serviu o ser plástico, qualidade que na metrópole se manifestara já: no trato dos mercadores que se derramavam pela Europa; na facilidade com que assimilava as criações estrangeiras; na resolução dos problemas do descobrimento marítimo; nas relações estabelecidas pelas costas da África... Se no seu próprio território o Português tivesse — para uma cultura básica, para um produto essencial, — as facilidades que no seu teem outros povos brancos, ou aqueles que para a cana lhe presenteou o Brasil, acaso se veria em outro nível agora, como povo partícipe da civilização da Europa.

¿Será assim como eu digo? ¿Estará aí a verdade? A mim cabe a pregunta; o responder é para os sábios. Só formulo um problema, uma interrogação, uma hipótese, como simples apêndice de um admirador curioso a um dos temas da obra de Gilberto Freyre.

ANTÓNIO SÉRGIO

Lisboa, 31 de Janeiro de 1940.

(5) "As condições de pobreza constitucional que caracterizam em larga zona o solo agrícola português" são as palavras de Mário de Azevedo Gomes em *A situação económica da agricultura portuguesa*. No respeitante à irregularidade das nossas chuvas, v. os trabalhos de Ezequiel de Campos.

INTRODUCÇÃO DO AUTOR

A materia que se segue foi apresentada pela primeira vez em conferencias lidas em 1937, uma na Universidade de Londres (Kings's College), três em universidades portuguesas. Da leitura da primeira, no original inglês, encarregou-se gentilmente o meu illustre amigo, o então embaixador do Brasil na Inglaterra, sr. Regis de Oliveira. As conferencias que eu deveria ter proferido em Portugal, fez-me a fineza de lê-las por mim o meu velho amigo sr. Manuel Múrias, director do Archivo Historico Colonial de Lisboa.

Tendo seguido para a Europa em julho de 1937, em missão do presidente da Republica á qual se juntou a tarefa, que me confiou o Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, de realizar conferencias em universidades portuguesas e de investigar o problema dos documentos relativos ao Brasil existentes nos archivos de Lisboa, doença subita em pessoa de minha familia obrigou-me a antecipar o regresso ao Rio de Janeiro. Precisei assim de valer-me da gentileza do sr. Manuel Múrias para a leitura dos trabalhos escriptos especialmente para aquelle fim. As conferencias assim realizadas em Lisboa, Coimbra e Porto, e a lida em Londres pelo então embaixador do Brasil, appareceram no Rio de Janeiro em 1938, em publicação official do Ministerio da Educação e Saúde — *Conferencias na Europa* — que se esgotou rapidamente.

Surgem agora em segunda edição, com varios accrescimos, no texto e em appensos. Prestigia-as desta vez o

longo e suggestivo prefacio do sr. António Sérgio, eminente ensaista que pelo sentido novo que deu aos estudos de philosophia da historia portuguesa é uma alta autoridade nos assumptos aqui esboçados.

Surgem sob titulo novo: *O mundo que o Português criou.* Mundo que, como conjunto de valores essenciaes de cultura, como realidade psycho-social, continua a existir. Sobrevive á desarticulação do imperio simplesmente politico. Resiste á pressão de outros imperialismos meramente economicos ou politicos.

Embora o ponto de vista do autor seja sempre o da unidade de sentimento e de cultura formada por Portugal e pelas varias areas de colonização portuguesa na America, na Africa, na Asia, nas ilhas, os elementos principalmente visados são estes: Portugal, criador de tantos povos, hoje essencialmente portugueses em seus estilos de vida mais caracteristicos, e o Brasil, país onde esse processo de alongamento de uma cultura antiga numa nova, e mais vasta que a materna, attingiu sua maior intensidade.

Dá-se relevo á acção de Portugal no Brasil e procura-se esboçar a sua actividade nas demais areas de colonização ou de influencia lusitana, sem se deixar de salientar que a formação portuguesa do nosso país se fez, não dentro de uma rigida exclusividade de raça ou mesmo de cultura, mas por meio de constante interpenetração de valores culturaes diversos e de abundante miscegenação.

Justamente isso — pluralidade de cultura e miscegenação á grande — é que dá riqueza, força e capacidade de expansão não só ao todo nacional luso-brasileiro, como ao conjunto de culturas nacionaes ou regionaes marcadas pela de Portugal e de que o Brasil é hoje a expressão mais destacada.

A expressão mais destacada e a força mais contagiosa e mais prestigiosa. E esse poder de irradiação da

cultura luso-brasileira parece que tende a crescer; e não a contrahir-se, como proclama muito seguro de si certo pessimismo apressado.

Pascal escreveu que existem três fontes de fé: a razão, a inspiração e o costume. E é delle o celebre conselho aos indecisos e aos scepticos: agirem como se fossem crentes para acabarem crentes. Tomarem agua benta. Ouvirem missa. Fazerem o signal da Cruz. Ajoelharem-se deante do Santissimo. Repetirem — como os indios aos christãos, no decorrer da Primeira Missa que se disse no Brasil — os gestos dos devotos. E o acto, o gesto, a pratica, a liturgia, o rito, a conformidade com as manifestações exteriores da fé — creio que estou sendo exacto na interpretação da idéa essencial do pensador francês, embora a esteja ornando de uns pittorescos um tanto ousados — aos poucos mas com segurança conduziriam o incredulo á religião e ao seio da Igreja. Naturalmente o incredulo que não pudesse chegar á fé pela pura força da inspiração ou da razão.

No extremo Sul do Brasil, onde acabo de estar em viagem de contacto rapido com a gente e a paisagem daquella região neo-brasileira, impressionaram-me certas evidencias de abrasileiramento, do alemão e de outros colonos, pelo gesto, pelo rythmo do andar, pela pratica de actos tradicionalmente brasileiros. E sob a impressão de taes evidencias surprehendi-me um dia dando á idéa de Pascal uma extensão sociologica. O processo da nacionalização seria o processo de conversão em ponto menor: menor pelos limites de espaço e de tempo.

Afinal o individuo torna-se brasileiro pela mesma forma ou pelo mesmo processo por que se torna catholico. Segundo Pascal: pela razão, pela inspiração ou pelo costume.

Creio que se pode affirmar com inteira segurança ser muito pequeno o numero dos que se filiam á Igreja pela pura força da razão ou da inspiração. Muito maior

é o numero dos que acabam crentes pela pratica, pelo gesto, pelo costume. Por conseguinte: um tanto sob a pressão do *social* sobre o *individual* da theoria de mestre Durkheim.

Do mesmo modo, no plano da nacionalização: grande numero de individuos se nacionalizam principalmente pelo costume ou pela pratica. Pela pressão do *social* sobre o *individual*.

Admittamos que são bem raros — com relação á Igreja — os Newman, os Psichari, os Chesterton. Bem raros — com relação a uma patria nova — os von Koseritz, os von Loon, os Karl Schurz. Individuos que se convertem, que mudam de philosophia, de patria e até de "raça", que adoptam estilos novos de vida, menos pela pressão das circumstancias sobre elles, que pelo desejo claro, pela vontade exacta, pela razão lucida, pela luz interior que os conduz a novos espaços, novas actividades, novos mundos, novas attitudes, novas dimensões. São personalidades soberanas. Excepcionaes.

Viajando no Paraná, em Santa Catharina, no Rio Grande do Sul, surprehendi mais de uma vez europeus e filhos de europeus em puro flagrante de abrasileiramento. Mas europeus que, estou certo, não vieram para o Brasil, com seus filhos, tendo racionalizado antes os motivos de sua mudança radical de vida. Que não pensaram nunca em converter-se ao Brasil. Que estão na primeira ou na segunda phase dessa conversão quasi inconscientes do que se passa com elles, cedendo quasi sem o querer á pressão de um ambiente novo, á ecologia de um espaço novo. Espaço physico e principalmente social.

Esse abrasileiramento é que, segundo me parece, se faz quasi sempre pela pressão do acto sobre o espirito. O alemão ou o italiano começa a se nacionalizar ou abrasileirar pela pratica de uma serie de pequenos actos brasileiros, tradicionalmente brasileiros; e essa liturgia,

esse ritual, essas exterioridades acabam por ter uma força de persuasão que vae até ás raizes, até ao espirito, até á alma do immigrante.

Mais de uma vez, no Rio Grande do Sul, vi homens louros vestidos á gaúcha e tomando quietamente seu chimarrão. Alemães, italianos, poloneses, de ponche, de botas e sugando seu mate á maneira tradicional dos brasileiros do Sul: alguns já com o vagar voluptuoso e até o ar mystico, o ar oriental, o ar levantino que certos gaúchos assumem durante a celebração desse acto. No Rio Grande e em Santa Catharina, vi outros homens louros comendo com os mesmos gestos nortistas, segundo o mesmo ritual bahiano, a mesma liturgia mineira, entre goles de aguardente e salpicos de molho de pimenta, a velha, a brasileirissima feijoada. Vi a chinela — mas a chinela bahiana — na ponta dos pés de mulheres de cabello ruivo, olhos claros, physionomia nordica. Vi o tamanco usado por operarios de fabricas que não eram descendentes de açorianos, mas rapazes alourados, adolescentes sardentos e de nariz arrebitado, filhos e netos de alemães. Vi o palito de dentes, o luso-brasileirissimo palito de dentes, na boca de muito descendente de italiano, de polonês, de europeu do Norte. Vi a goiabada saboreada por grande numero delles: goiabada com queijo, á moda da gente brasileira mais orthodoxa em questões de sobremesa.

Cada vez que surprehendi um filho de colono praticando um acto desses — um desses actos na apparencia sem importancia, mas na verdade ricos de significados sociologicos — lembrei-me de Pascal. E mentalmente, durante grande parte da viagem pelos Estados do Sul, fui dando extensão sociologica á idéa do pensador francês.

Lembro-me de que ao entrar em Blumenau, meu companheiro de viagem, que era o José Lins do Rego, me observou que aquillo lhe parecia inteiramente alemão: o typo das casas e o ar das pessoas. E a primeira

impressão que se tem de Blumenau, ainda mais do que de Joinville ou de Santa Cruz, é esta: uma cidade alemã.

Mas quem se fixar no rythmo do andar das pessoas não hesitará em se sentir no Brasil. O andar da gente de Blumenau não é mais alemão: já é brasileiro. O andar, o gesto, o rythmo. Sente-se nessas exterioridades outro sentido de vida. Sente-se o Brasil adoçando nos descendentes de homens do Norte o que seus paes, seus avós, seus bisavós trouxeram para cá de anguloso, de duro, de hirto.

Fora a gente trabalhada por agentes politicos ou culturaes (empenhados, até há pouco ostensivamente, agora por processos subtis, em dissolver ou desprestigiar as tradições luso-brasileiras do Sul do Brasil), quasi todo homem de Blumenau ou de Santa Cruz, de Joinville ou de São Leopoldo, se já não é um meio-convertido ao que há de essencial no brasileirismo, pela pratica, senão de muitos, de alguns pequenos actos tradicionalmente brasileiros, é, mesmo contra sua vontade individual ou sua mystica politica, um individuo a caminho dessa conversão. Não tardará a ouvir vozes irresistiveis do fundo não só das matas e das aguas como das tradições brasileiras: "Fritz, Fritz, por que me persegues?" E o semialemão se tornará brasileiro e até enthusiasta do Brasil. O alemão se integrará na tradição luso-brasileira, sem deixar, é claro, de trazer para essa tradição alguma coisa de novo e dos seus antepassados. O italiano tambem. E o polonês, o hungaro, o judeu, o japonês, o austriaco, o russo ukraniano, o espanhol, o syrio. Somos o começo de uma vasta cultura plural.

Ao voltar, no mês passado, daquella viagem aos Estados do extremo Sul, um jornalista me perguntou, em Santos, que impressão eu trazia das chamadas "populações coloniaes" do Paraná, de Santa Catharina, do Rio Grande do Sul. Respondi-lhe que, ao meu ver, deviamos separar muito bem separadas essas populações — os

grupos de boa gente de origem européa desejosa de se fixar entre nós — dos agentes politicos, ou, antes, "culturaes", que procuram explorá-la, desenvolvendo uma actividade contra a "cultura luso-brasileira" que é, afinal, uma actividade contra nós: contra o Brasil. Porque seria ridiculo pretender que o Brasil exista independente de sua formação portuguesa; ou que seja um país onde outra cultura — outra lingua inclusive — possa installar-se com os mesmos direitos da de Portugal quando colonizou certa parte da America e firmou nos tropicos uma civilização com elementos predominantemente europeus e christãos.

O jornalista desejou saber que sentido eu dava a essa expressão *cultura*, em que tanto insistia; ao adjectivo *cultural*, que empregava tanto. Respondi-lhe que evidentemente não era o sentido literario. E procurei esclarecer: "Essa expressão *cultura* já saiu da esphera anthropologica ou sociologica — o sentido em que a emprego ordinariamente é o anthropologico ou sociologico — para adquirir um sentido politico que de modo nenhum devemos desprezar na nossa qualidade de povo jovem espalhado por um territorio vasto e muito visado por systemas politicos europeus nos seus sonhos de penetrações culturaes que façam as vezes das muito mais difficeis expansões territoriaes." Foi quando o jornalista de São Paulo me fez a pergunta: "Acha então que nos devemos fechar na nossa cultura tradicional luso-brasileira?" Procurando respondê-la, é que toquei no ponto, que considero de importancia capital para o Brasil, das relações da cultura luso-brasileira — que para nós é mais do que tradicional: essencial — com as culturas mais novas representadas por grupos numerosos de immigrantes: a alemã, a italiana, a polonesa, a hungara, a austriaca, a japonesa, a israelita.

Não me parece que o Brasil deva fechar-se na sua cultura tradicional luso-brasileira. Defendê-la, sim, pois

ella é nossa principal condição de vida e de nação. Mas defendê-la desenvolvendo-a. Nas paginas que se seguem — paginas em que o ponto de vista não é só o scientificamente sociologico, mas, ás vezes, o normativo e politico — procuro mostrar como é possivel defender e desenvolver aquella cultura por meio de uma solidariedade maior do Brasil com Portugal e com as colonias portuguesas.

Ao suggerir a defesa da cultura luso-brasileira como essencial ao nosso desenvolvimento autonomo em face de qualquer imperialismo de cultura — o imperialismo economico seria, por inclusão, um imperialismo de cultura — que possa nos ameaçar em futuro proximo (seja esse imperialismo europeu, asiatico, ou americano), não é nenhum nacionalismo estreito ou jacobinismo ranzinza que advogo. Nenhum jacobinismo ouriçado contra tudo que for influencia ou acção cultural, que venha dar á nossa vida e á nossa paisagem côres diversas das tradicionaes, das luso-brasileiras.

Ao contrario: creio que a nossa tradição pode enriquecer-se, e muito, no contacto com as culturas trazidas pelos immigrantes alemães, italianos, poloneses, espanhóes, hungaros, japoneses, judeus. Pode e — passando francamente do plano sociologico para o politico e normativo — deve. Creio que varios usos, elementos de culinaria, de decoração, de architectura, de musica, de literatura, de esporte, de technica de trabalho, não só de origem italiana como de procedencia alemã, polonesa, espanhola, hungara, austriaca, israelita e até japonesa, podem e devem ser lentamente incorporados ao todo cultural brasileiro.

Essa incorporação será de vantagem consideravel para nós. Será um enriquecimento para a nossa cultura, para a nossa vida, para a nossa paisagem. De modo nenhum me parece que idiomas com o rico conteúdo cultural do alemão ou do italiano devam ser desprezados

ou combatidos como inimigos pela gente brasileira. Ao contrario: devem ser acceitos como estimulos ao nosso progresso cultural. Mas nunca, é claro, ao ponto de qualquer dos dois — o idioma alemão ou o italiano — tomar, em qualquer região, o lugar da lingua tradicional, essencial, nacional, que é a portuguesa. Esta que se enriqueça de germanismos e de italianismos como já se enriqueceu de indianismos, de africanismos, gallicismos. Mas continuando, na sua estructura e nas suas condições de desenvolvimento, a lingua portuguesa e a lingua de todo o Brasil. A lingua, tambem, desse conjunto transnacional de valores de cultura que é o mundo de formação lusitana.

Esse primado da cultura de origem principalmente portuguesa no Brasil: o primado da lingua — a lingua portuguesa enriquecida, como aliás aquelle bloco inteiro de cultura, pelo que já assimilou do indigena, do africano, do hollandês, do espanhol, do francês — não deve nunca significar exclusividade. Aliás está dentro da tradição portuguesa no Brasil como no Oriente e na propria Africa a tendencia para assimilar elementos estranhos. E assimilá-los sem violencia, dada a opportunidade que sempre, ou quasi sempre, lhes tem dado, de se exprimirem. De modo que a assimilação se faz docemente e por interpenetração. A assimilação ou a contemporização.

Do ponto de vista do ajustamento social entre grupos de culturas diversas, nenhuma orientação pode ser mais sabia. Impor a um grupo — seja uma sociedade africana sob o dominio politico ou economico de um pequeno numero de europeus, ou uma minoria alemã, italiana ou seja qual for a sua origem, estabelecida num país americano — a cultura (inclusive a lingua) do grupo dominante, com exclusão ou sacrificio absoluto da cultura (inclusive a lingua) daquella maioria technicamente inferior ou dessa minoria ás vezes technica e até intellectualmente superior, de immigrantes, ou de filhos de immigrantes, é que é erro, e erro enorme. Os estudos sociologicos e de

anthropologia que se teem feito sobre o assumpto na Africa, na America, na Oceania, nas ilhas do Pacifico, indicam que na conservação, o mais possivel, de elementos da cultura tradicional — inclusive a lingua — por sociedades do typo das africanas ou das indigenas das ilhas do Pacifico quando submettidas ao dominio de europeus, ou do typo das de immigrantes de origem européa, asiatica ou africana, quando estabelecidas em países novos da America, está uma garantia contra a desintegração a que ellas tendem, quando forçadas a abandonar rapidamente estilos tradicionaes de cultura. Esse abandono, para ser social e psychologicamente saudavel, tem de ser lento.

Aliás, ás sociedades como a nossa convem que tal abandono nunca seja completo. Convem que os brasileiros filhos e netos de italianos, de alemães, de espanhóes, de poloneses, de hungaros, de austriacos, de japoneses, de syrios, de russos ukranianos, de judeus, do mesmo modo que os descendentes de indigenas e de africanos, nunca percam de todo os elementos de suas culturas maternas ou paternas. A pluralidade de cultura — dentro, é claro, do primado da cultura de origem predominantemente portuguesa e christã, a cuja sombra nossa sociedade se formou e se integrou — será esplendidamente favoravel ao desenvolvimento da cultura brasileira: ao seu desabrochar numa das expressões mais altas, mais vigorosas e mais cheias de significados humanos da vasta cultura nova que, por processos diversos, se elabora no continente americano.

O presidente Getulio Vargas mostrou recentemente comprehender a necessidade de defesa daquelle tronco, não tanto racial, quanto cultural, da nossa sociedade e da propria organização politica do Brasil: o tronco português. O velho elemento lusitano, cuja importancia cedo se tornou clara para mim, não através de enthusiasmo literario ou de preoccupação politica mas em consequencia do estudo: o estudo da nossa formação social libertado

do preconceito antiportuguês que por tanto tempo dominou a muitos dos estudiosos brasileiros de assumptos de colonização e de historia nacional.

Ao receber, há cerca de um anno, os membros do Conselho de Immigração e Colonização, o presidente Vargas soube salientar o direito que toca ao Brasil de escolher as correntes immigratorias que mais nos convêm. E tambem o dever de seguirmos, nessa escolha, o criterio historico.

O criterio historico é o da formação luso-brasileira. O que for hostil a essa formação é contrario aos interesses essenciaes do Brasil.

Não que isso signifique — destaque-se ainda uma vez — um Brasil preso á singularidade da cultura lusitana e com funcção de adjectivo em relação a ella. De modo nenhum. Nossa cultura já principia a affirmar-se — e pelos seus começos pode-se adivinhar seu desenvolvimento — substantiva e plural. Mas sua estructura é a tradição portuguesa e christã. Por sua vez o Brasil é hoje a parte mais viva e mais destacada do mundo que o português criou com elementos principalmente europeus e christãos, mas através de vasta miscegenação e de larga interpenetração de culturas. Inclusive a interpenetração de linguas e de religiões.

Rio de Janeiro, março de 1940.

G. F.

I

Aspectos da influencia da mestiçagem sobre as relações sociaes e de cultura entre portugueses e luso-descendentes.

Portugal, o Brasil, a Africa e a India Portuguesas, Madeira, os Açores e Cabo Verde constituem hoje uma unidade de sentimento e de cultura. Isto sem sacrificio, é claro, das differenças nacionaes ou regionaes de organização politica e de especialização economica; e sem darmos á palavra "sentimento" um significado absoluto, á parte da experiencia social dos homens.

Essa unidade intima, de sentimento, e externa, de cultura nas suas formas mais evidentes e concretas, é consequência dos processos e das condições de colonização portugueza que na Asia como no Brasil, nas ilhas do Atlantico e até certo ponto na Africa, desenvolveram nos homens as mesmas qualidades essenciaes de cordialidade e de sympathia, caracteristicas do povo português — o mais christão dos colonizadores modernos nas suas relações com as gentes consideradas inferiores; o mais transbordante de *sympathia* naquelle sentido fixado por Cooley: a capacidade do homem de projectar-se pela imaginação na posição de outro homem e de experimentar — experiencia vicaria — sentimentos e estados de espirito alheios.

O português foi por toda a parte, mas sobretudo no Brasil, esplendidamente criador nos seus esforços de colonização. A gloria do seu sangue não foi tanto a de guerreiro imperial que conquistasse e subjugasse barbaros para os dominar e os explorar do alto. Foi principalmente a de procriador europeu nos tropicos. Dominou as populações nativas, misturando-se com ellas e amando com gosto as mulheres de côr.

A essa capacidade que lhe serviria de base physica ou biologica a um dominio colonial impossivel de ser realizado por gente escassa — como a portuguesa no seculo XVI — que fosse ao mesmo tempo pouco inclinada ao contacto amoroso com as mulheres de côr, o colonizador lusitano accrescentou a aptidão, igualmente espantosa em povo tão pequeno, de transplantador para os tropicos de valores essenciaes de cultura européa e quasi-européa. Transplantação que permittiu desenvolver-se no Brasil, com elementos ethnicos tão diversos e em meio physico tão differente do europeu, uma civilização que se conserva até hoje predominantemente portuguesa nos seus motivos mais profundos de vida.

Semelhante predominancia sabemos que não se affirmou, como a do elemento inglês ou mesmo a do espanhol noutras areas coloniaes da America, com o sacrificio da opportunidade de expressão cultural e de ascensão social dos demais elementos de formação das novas sociedades — o indigena e o negro. Essa opportunidade, ao contrario, chegaria a ser entre nós, sob mais de um aspecto, a mais ampla, e a permittir expressões livres e, para outros europeus, escandalosas, de culturas diversas da official.

O typo de sociedade colonial fundado na America pelos portugueses teve que basear-se economi-

camente sobre o trabalho escravo. Era inevitavel. Mas a mestiçagem — a que se achava predisposto o português pelo seu maior contacto, desde tempos remotos, com povos de côr, e a que se viu estimulado na America pela ausencia ou escassez de mulher branca — foi no Brasil uma força de actuação social e psychologica mais larga e mais profunda que a escravidão. Não permittiu nunca que se endurecesse em antagonismos absolutos aquella separação dos homens em senhores e escravos, imposta pelo systema de producção. Nem que se desenvolvesse exaggeradamente uma mystica de branquidade ou de fidalguia.

Entre nós, como nas areas de colonização portuguesa em geral, a separação imposta pelo systema de producção foi a mais fluida possivel. Permittiu uma constante mobilidade — de classe para classe e até de uma raça para outra.

Na formação brasileira, o humano e até certo ponto o christão reagiram contra o rigidamente economico, através do dissolvente formidavel que foi a mestiçagem. A mestiçagem se impôs entre nós como uma força physica, diremos melhor biologica, e como uma força psychologica, ou, mais particularmente, sentimental, contra as quaes nenhum outro elemento pôde prevalecer. Contra as quaes nenhum outro elemento teve sequer o vigor necessario para lutar com vantagem. Porque ella foi activa e criadora; ás vezes até aggressiva.

O amor do homem pela mulher e do pae pelos filhos, acima de preconceitos de côr, de raça, de classe, de posição, deu á mestiçagem no Brasil sua expressão mais humana, e ao mesmo tempo mais christã, sem que ella deixasse de ter outra: a de luxuria, a de voluptuosidade, a de abuso brutal da mulher indigena ou africana pelo homem branco. Esse exaggero de luxuria, no contacto dos brancos

com as raças de côr, tem sido salientado por alguns estudiosos mais corajosamente realistas dos processos de nossa formação. Seria impossivel negá-lo. Mas a luxuria não agiu sozinha. Sob a obsessão de realismo em que veem talvez se extremando alguns daquelles criticos, não se deve perder de vista, por medo de romantismo, a acção ou a influencia que teve o amor sentimental nas relações de portugueses com as mulheres de côr.

Desse amor, acima de preconceitos de raça e de convenções de classe, do branco pela cabocla, pela cunhã, pela india, de que foram capazes tantos colonos portugueses, fundadores no Brasil, desde os primeiros tempos, de familias mestiças, não deve ser esquecido o aspecto romantico, para accentuar-se só o voluptuoso. Foi o amor pela mulher india e pelo filho mestiço que animou muitos dos patriarchas da colonização portuguesa do Brasil a se fixarem na terra bruta. Uns sob o estimulo, outros sob o favor dos padres casamenteiros; varios, nos é licito suppor, fora da Igreja e do casamento, sem que entretanto suas uniões fossem puras aventuras physicas de libertinagem. O amor desses homens pelas mulheres indias e mais tarde pelas africanas, amor acima de preconceitos e de convenções, agiu poderosamente na formação do Brasil, adoçando-a; amollecendo o que o systema economico de trabalho escravo promettia levantar ali de hirto, talvez até de cruel e de deshumano. Nunca houve maior victoria do humano, do demasiadamente humano, sobre o economico.

Esse caracter humano da colonização portuguesa, se no Brasil é que teve a sua expressão mais larga e ao mesmo tempo mais feliz, é, entretanto, commum á obra colonizadora de Portugal. Em toda a parte onde dominou esse typo de colonização, o preconceito de raça se apresenta insignificante, e a mestiçagem, uma força psychologica, so-

cial e, pode-se mesmo dizer, ethicamente activa e criadora; e nem sempre — destaque-se ainda uma vez — simples expressão de luxuria que só fizesse dissolver a moral christã de familia dos conquistadores.

Ethicamente, disse, embora apenas de passagem deseje tocar em assumpto tão delicado. Mas se reconhecermos na mestiçagem a capacidade, que me parece justo attribuir-lhe, de ter, no Brasil e noutras areas de colonização portuguesa, adoçado as durezas do systema de trabalho escravo e as suas consequencias sociaes e vencido ou, pelo menos, attenuado convenções de raça e de classe nas relações dos homens brancos com as mulheres nativas, devemos concluir pela superioridade ethica desse processo, em geral tão calumniado, de formação de povos e, segundo Hooton e outros anthropologistas modernos, de formação de raças.

A cordialidade caracteristica do português nas suas relações com os povos e as raças de côr, cordialidade favorecida ou, talvez se possa dizer melhor, condicionada pelo extenso e profundo mestiçamento a que o levaram, no Brasil e noutras areas, predisposições especialissimas desenvolvidas nelle desde tempos remotos e estimuladas pelas circumstancias, tambem especiaes, que lhe rodearam o esforço de conquista e de colonização realizado nos tropicos quasi só com homens, é um traço que nos auxilia a comprehender e a interpretar, não apenas a formação dos povos modernos de origem portuguesa, mas a sua situação actual: a situação actual de suas relações — de uns com os outros e de todos com Portugal.

Se somos — como me parece — uma unidade psychologica e ao mesmo tempo cultural, é que entre nós se desenvolveram motivos e estilos de vida essencialmente os mesmos, dentro da tendencia ge-

ral, que me parece ter sido aquella: a tendencia para a mestiçagem, que importa em pendor para a democratização social. Essa se operaria, com maior ou menor intensidade, nas varias areas de colonização portuguesa, com as suas consequencias de ordem biologica ao mesmo tempo que esthetica; de ordem social e de ordem politica; e até, como já me aventurei a suggerir, de natureza ethica. Com a reducção a quasi insignificancia do preconceito de raça, e ao mesmo tempo com a valorização, maior ou menor, do mestiço sob aquelles varios aspectos.

A tendencia para a mestiçagem, commum ás sociedades da America, da Asia e da Africa onde predominou a colonização portuguesa, e á propria sociedade portuguesa da Europa, é decerto um elemento de aproximação entre essas varias sociedades. Sociedades, tudo nos leva a crer, capazes das mesmas reacções sentimentaes, estheticas, ethicas — essencialmente as mesmas — a uma serie de estimulos a que nos fosse possivel sujeitá-las. A tendencia geral do colonizador português para a mestiçagem, parece ter dado aos povos da America, da Asia e da Africa de formação portuguesa, condições especialissimas de unidade psychologica e de cultura. Os luso-descendentes — puros e mestiços — de areas diversas, quando se põem em contacto uns com os outros é para se sentirem espantosamente semelhantes nos seus motivos e nos seus estilos de vida. Motivos e estilos em todas as areas de formação portuguesa e no proprio Portugal coloridos fortemente pelo facto da mestiçagem, que criou nesses varios povos semelhanças de criterio ethico e esthetico, de inclinações sentimentaes e de aspirações sociaes e politicas.

São essas semelhanças que pedem melhor articulação para effeitos de combinação de forças psychologicas e de cultura: combinação que tornará

evidente e activa — moral e intellectualmente activa — uma unidade hoje só em potencial. Mas essa melhor articulação de forças não se fará sem que a oriente uma interpretação ampla e ao mesmo tempo segura dos varios aspectos da obra de colonização dos portugueses; sem que se saiba ao certo o que existe de commum nos sentimentos e nos motivos de vida e nos estilos de cultura dos povos das varias areas.

Para a interpretação, para a sondagem, para a fixação de taes semelhanças podem concorrer de modo poderoso os intellectuaes, os escriptores, os artistas, os pesquisadores, os scientistas. Os estudiosos de todo o genero, das varias areas de formação lusitana, ao lado dos poetas: dos que lhes exprimem intuitivamente os desejos e os complexos psychologicos e sociaes.

A attitude do português para com o mestiço — unica em povo europeu moderno — é, por essa sua singularidade e pelas consequencias sociaes, economicas e politicas semelhantes que já produziu nas varias areas de colonização lusitana, um elemento fortissimo de caracterização psychologica e sociologica do bloco de sentimento e de cultura que hoje constituimos. Ao mesmo tempo, é para nós, portugueses e luso-descendentes, um clima sentimental e de cultura que quasi não varia da Asia portuguesa ao Brasil, nem da Africa portuguesa a Cabo Verde. Uma força que em todas essas areas se impõe aos artistas, aos intellectuaes, aos poetas, como uma "consciencia de especie" — usemos a expressão sociologica de Giddings — que une os luso-descendentes uns aos outros.

E' uma zona sentimental e social — essa de relações de brancos com indigenas e com mestiços — para outros povos, cheia de attritos, de choques, de antagonismos os mais dramaticos, em que

nos entendemos de maneira singular, os varios luso-descendentes, hoje em grande maioria mestiços. Ao mesmo tempo, a mestiçagem vem actuando directa ou indirectamente sobre a anthropologia e principalmente sobre a psychologia da propria Europa portuguesa, irmanando-a ás democracias sociaes que são os grupos portugueses da Asia, da America, das ilhas e até certo ponto da Africa.

Há, deante desse problema de importancia cada vez maior para os povos modernos — o da mestiçagem, o das relações de europeus com pretos, pardos, amarelos — uma attitude distinctamente, typicamente, caracteristicamente portuguesa, ou melhor, luso-brasileira, luso-asiatica, luso-africana, que nos torna uma unidade psychologica e de cultura fundada sobre um dos acontecimentos, talvez se possa dizer, sobre uma das soluções humanas de problemas de ordem biologica e ao mesmo tempo social, mais significativas do nosso tempo: a democratização de sociedades humanas através da mistura de raças, do cruzamento, da miscegenação.

Esse facto é de importancia tremenda para as relações entre luso-descendentes, para o avigoramento de uma "consciencia de especie" transnacional ou supranacional, entre elles. Porque é mais do que transnacional: é supranacional. E em vez de basear-se numa supposta pureza ethnica, como a inventada para certas uniões transnacionaes ou supranacionaes da nossa epoca, baseia-se num acontecimento social ou cultural que é a negação do purismo ethnico.

Não teve ainda esse phenomeno sociologico do nosso tempo quem o surprehendesse no seu ineditismo de aspectos fascinantes para o estudioso de modernos problemas sociaes; na sua actualidade intensa para uma epoca como a nossa, favoravel ao avigoramento de sentimentos tão oppostos: o sen-

timento de região e o sentimento de federação. Federação quando não politica, cultural.

Ás differenciações regionaes que veem se esboçando no mundo português e de formação portuguesa, e ás tendencias á integração dessas varias areas num unico bloco, essencialmente o mesmo nos seus motivos mais fortes de vida e de cultura, correspondem aquelles sentimentos, apparentemente contraditorios, mas que na realidade se completam: o de região e o de unidade. E unidade não só nacional, como transnacional, baseada em affinidades de cultura e de comportamento que excedem as fronteiras simplesmente politicas para se firmarem em muralhas de cultura viva. Muralhas que não nos isolando de outros povos, dão-nos personalidade moral entre elles. Definem-nos como uma das grandes federações modernas de cultura.

A aproximação entre os varios grupos de luso-descendentes espalhados pelo mundo, como consequencia da mestiçagem que tem criado ambiente e themas communs para estudos e pesquisas scientificas de interesse ao mesmo tempo regional e supranacional e para obras d'arte de expressão ou de interpretação de sentimentos e de desejos ao mesmo tempo regionaes e correspondentes ás semelhanças de experiencia social e psychologica do conjunto de grupos que constituem o mundo luso-afro-asiatico-brasileiro, é facto que merece ser demoradamente estudado. Tem para todos nós uma importancia enorme. Se me aventuro a tocar em assumpto tão complexo e tão difficil de versar pelo facto mesmo de sua novidade — quasi poderia dizer de sua virgindade — não é senão para procurar apresentá-lo á attenção dos que, no Brasil como em Portugal e nas areas de formação portuguesa, preoccupam-se com aquelles problemas que transbordam do estreito nacionalismo em que vivem, no Brasil, os cada

dia mais insignificantes nacionalistas lusophobos, em Portugal, os indifferentes ou hostis a certos aspectos menos portugueses da cultura e da vida brasileiras.

Parece-me — embora não esteja certo — que semelhante nacionalismo — que me permitto classificar de estreito sem querer negar-lhe o direito a ser considerado sincero e bem intencionado — tem em grande parte se desenvolvido, sobre sentimentos e experiencias peculiares a grupos pequenos de desajustados á sympathia mutua que nos aproxima. Sentimentos e experiencias contrarias á tendencia geral, nos dois países, que é, como em todo o mundo de formação portuguesa, para o bom entendimento e a boa comprehensão entre homens formados sob a influencia das mesmas tradições e orientados pelas mesmas aspirações democraticas. Democracia social, essencial, humana, quero dizer; pouco me preoccupa a politica.

Contra aquella tendencia geral, parece-me vir se mantendo, em Portugal, em pequeno numero de puristas, talvez menos de raça do que de idioma, ou melhor, de cultura, um receio quasi supersticioso da mestiçagem. Esse receio identifica, creio eu, o espantalho da miscegenação com o Brasil; e por mestiçagem entende — segundo supponho — não só possiveis desvantagens biologicas da mistura de raças, como principalmente os males de dissolução de estilos tradicionaes de cultura — inclusive os religiosos, os ethicos, os estheticos. Males que sempre acompanham o contacto demasiadamente intimo de um povo adeantado com populações atrasadas. Na mestiçagem á larga, ou antes, na miscegenação, que vem se praticando livremente no Brasil, estaria se compromettendo não só a pureza do sangue, a pureza européa da raça ou do povo português, como a sua pureza de costumes, de arte, de idioma.

De idioma, sim. E para alguns talvez principalmente esta: a pureza de idioma.

Tambem no Brasil, o nacionalismo estreito de pequeno grupo de lusophobos consciente ou inconscientemente se apoia em sentimentos ou, melhor, em mythos de raça. Uns porque se julgam caboclos — quando na verdade são ás vezes europeus puros ou quasi puros e outras vezes o que têm de escuro não vem de sangue de indio, mas de sangue negro. Outros porque, descendentes intactos ou não de europeus do Norte, são arianistas a seu jeito e reprovam no português precisamente isto: terem feito de grande parte da população brasileira uma população mestiça. Mais realistas do que o rei, esses teem sido no Brasil mais europeus do que os portugueses: e do que mais accusam aos pobres dos lusos é de sua falta de espirito europeu e de qualidades européas; de sua pobreza de cultura intransigentemente européa. São os nostalgicos da colonização hollandesa. São os enthusiastas da colonização alemã. São os que attribuem o progresso excepcional de São Paulo ao facto puro da predominancia de elementos europeus — o italiano, o alemão, o polonês — para elles superiores ao português.

O que quasi não vejo como elemento activo entre os reduzidissimos nacionalistas lusophobos do Brasil é o sempre tão calumniado mulato — embora existam, por certo, entre nós, mulatos lusophobos sobre os quaes devam influir resentimentos, complexos, forças psychologicas e sociaes de antagonismo ao que julgam arrogancia européa em geral, ou particular, dos portugueses. Seria extraordinario que reagissem doutro modo áquelles estimulos.

Porém mais fortemente que os sentimentos e os mythos de raça, me parece que age no Brasil,

sobre os lusophobos porventura ainda activos entre nós, uma como tendencia á represalia aos purismos de cultura do português da Europa, na verdade ás vezes exaggeradamente intolerantes de differenças brasileiras: ao purismo de idioma, ao gosto literario, ao de arte, ao de moral.

Não tem esse caracter azedo de represalia, mas é expressão pura e ás vezes excessiva de vigor adolescente e ao mesmo tempo de vigor hybrido, a attitude das novas gerações brasileiras no sentido menos de reacção aos purismos lusitanos, que no de affirmação ousada de suas differenças ou particularidades de cultura, em geral, e de idioma, em particular. Differenças em que se exprime já francamente a acção, antes renovadora que corruptora, da mestiçagem, sobre a cultura de sabor português, enriquecida por elementos de outras procedencias, embora os de origem lusitana continuem predominando, orientando ou condicionando a expressão das demais.

Esse phenomeno, se já não se verifica em outras areas de formação portuguesa — na India, em Macau, em Cabo Verde — está — segundo parece — para se verificar: com a mesma intensidade que no Brasil nuns pontos, talvez com menor vivacidade noutros. O que não deixará de haver entre os luso-descendentes serão — supponho eu — essas provas de vigor hybrido na esphera da cultura. Vigor hybrido não da parte das "sub-raças", mas das culturas, ou "sub-culturas", formadas pelo extraordinario esforço de procriação e de colonização dos portugueses, e capazes, talvez, de exceder, em certas qualidades, á cultura paterna, á do povo original. E se essas expressões de vigor hybrido parecem aos superficiaes comprometter o prestigio português, na verdade reforçam-no: não é um declinio, mas uma renovação, que ellas indi-

cam. E' a cultura de origem portuguesa, de tradições portuguesas, de caracteristicos portugueses, que se revigora enriquecendo-se de aspectos novos e diversos dentro das condições psychologicas e de cultura criadas pela mestiçagem dynamica, activa, differenciadora.

Por esse seu dynamismo cultural — que não fecha a cultura européa a outras influencias; pela valorização no homem, o mais possivel, de qualidades authenticas, independentes de côr, de posição, de successo economico; pela igualdade — tanto quanto possivel — de opportunidades sociaes e de cultura para os homens de origens diversas, as areas de formação portuguesa — formação por meio da mestiçagem — constituem hoje uma antecipação ou, mais do que isso, uma aproximação, daquella democracia social de que se acham distantes os povos actualmente mais avançados na pratica da tantas vezes inefficiente e injusta democracia politica, simplesmente politica.

Para o mundo transnacional ou supranacional que constituimos, pelas nossas affinidades de sentimento e de cultura, portugueses e luso-descendentes, a mestiçagem representa, ao mesmo tempo que um elemento de integração — porque a attitude identica para com o mestiço vem criando consequencias de ordem social e cultural semelhantes — um elemento de differenciação, e por conseguinte de criação, de iniciativa, de originalidade. O mestiço é dynamico, biologica e culturalmente dynamico na sua marcha para a relativa estabilização de traços a que o possam levar condições favoraveis á endogamia. Desse dynamismo decorrem decerto desvantagens, desharmonias, perturbações; mas não devemos nos esquecer do que elle significa, ou pode significar, como processo de enriquecimento de uma cultura regional ou nacional. No caso de que tratamos, de uma cultura transnacional, da-

do o facto dessa cultura permittir expressões regionaes diversas e mesmo favorecer espontaneidades locaes, variações, divergencias e até certo ponto innovações, segura como está da unidade profunda dos seus motivos essenciaes de vida.

A nova cultura transnacional de origem portuguesa me parece ir já se revelando em expressões as mais diversas do que já chamei de vigor hybrido. Todas essas expressões marcadas por um desejo ou uma aspiração commum, ainda indefinida. Desejo ou aspiração commum em que se sente convergirem energias regionaes e até nacionaes vagamente á procura do todo transnacional em que se completem, sem sacrificio de sua livre especialização regional ou nacional. O interesse moderno da literatura, da arte e da sociologia brasileiras pelo negro, pelo afro-brasileiro, pelo mulato, parece participar dessa vontade vaga de integração de parte consideravel da nossa cultura nacional naquelle todo transnacional, penetrado das mesmas influencias africanas.

A liberdade de expressão regional, de especialização local e, no caso do Brasil, de especialização nacional, de vida e de cultura, de modo nenhum significa alheamento ao todo transnacional, em que o regional e o nacional se completam. Resulta da plasticidade que desde os primeiros tempos caracterizou o systema — se é que se pode chamar de systetema — de colonização portuguesa. E essa plasticidade, que o colonizador português já trazia da Europa, desenvolveu-a a mestiçagem no Brasil, na Asia, na Africa, em Cabo Verde e noutras areas de colonização portuguesa. De modo que encontramos sempre a mestiçagem a desempenhar uma funcção ao mesmo tempo de differenciação e de integração dos luso-descendentes.

E' impossivel separar a historia social da colonização portuguesa — historia social, deve-se notar, sociologica ou anthropologicamente orientada — do estudo dos processos, por sua vez inseparaveis, de hybridação de povos e de hybridação de culturas. Se a obra de colonização portuguesa é um fracasso, como pensam alguns, esse fracasso é sobretudo a expressão clara do insuccesso da mestiçagem, da miscegenação, da mistura de sangues diversos e tambem de culturas differentes. Mas se é uma victoria do esforço humano — uma das maiores victorias do esforço criador do homem — não nos resta senão reconhecer vantagens naquelles dois processos de hybridação, basicos do esforço português, e que até hoje o condicionam. Vantagens ao lado de desvantagens, dirá um relativista sempre attento ao perigo do absoluto nas interpretações sociaes. Mas vantagens que parecem predominar sobre as desvantagens.

O contacto intimo dos portugueses com as raças de côr foi dissolvente para o povo colonizador? Trouxe a Portugal a corrupção, a immoralidade, a luxuria de que se queixam moralistas e até economistas portugueses? Manchou ainda mais dessa corrupção, dessa immoralidade e dessa luxuria as sociedades portuguesas nos tropicos? Degradou, rebaixou, desprestigiou o colonizador lusitano naquellas paragens? Corrompeu-lhe o idioma e a religião? Até certo ponto há em que se apoiar essa critica á mestiçagem, tal como a praticaram os portugueses nas suas colonias. Apenas, como já procurei indicar, numa tentativa de estudo de sociologia genetica e de historia social do Brasil, muitos dos males que se attribuem sem discriminação áquelle contacto de brancos com amerindios e com negros, resultaram das condições sociaes em que se verificou o mesmo contacto no Brasil: as condições offerecidas por uma economia latifundiaria e mo-

nocultora e por uma sociedade escravocrata e patriarchal.

Dissolvente poderoso tem sido e continua a ser o processo biologico e social e cultural da mestiçagem na sua acção directa sobre as sociedades formadas pelos portugueses na Asia, na Africa, na America e em ilhas do Atlantico; e indirecta sobre a sociedade portuguesa da Europa. Mas dissolvente do que se pudesse considerar absolutamente perfeito e digno de parar, de deixar de ser vida para se immobilizar em formas estatuescas de raça e de cultura?

Porque a mestiçagem é sobretudo isso: mobilidade social. "Mobilidade social horizontal"; "mobilidade social vertical". E na sua phase mais activa, pode-se accrescentar que tambem mobilidade biologica, ou seja aquella criação de uma variedade de typos novos, desharmonicos, perturbadores do conforto esthetico a que todos tendemos pela nossa accommodação a convenções de typos de belleza: o greco-romano, por exemplo.

Mas sobretudo — repita-se — mobilidade social. Mobilidade social dissolvente dos apegos absolutos aos lugares nativos, tão caracteristicos das sociedades profundamente endogamicas. E ao mesmo tempo excitadora desse desejo de movimento no espaço geometrico como no social, que faz de quasi todos nós, portugueses e luso-descendentes, individuos transnacionaes sempre com a vontade, vaga ou irresistivel, os da America, da Asia, da Africa, das ilhas, de voltar ou regressar á Europa; os da Europa, de ganhar os mares, a caminho da Africa, da Asia, da America, das ilhas, sobretudo do Brasil. Pela mobilidade horizontal, portugueses e luso-descendentes se completam, satisfazem, até certo ponto, seus desejos de aventura, de fuga, de evasão, de regressão, sem deixarem essa como patria maior,

que é a unidade cultural formada pelas varias expressões de esforço português espalhadas sobre o mundo moderno e a tão grandes distancias umas das outras.

A' outra forma de mobilidade social — a vertical —, animada pela mestiçagem entre os varios grupos sociaes de formação portuguesa, não me referirei aqui senão de passagem. A ella se deve a democratização daquelles grupos — democratização social, quero dizer, e não politica. Democratização a despeito da base economica da vida no maior numero delles — principalmente no Brasil — que foi a plantação tropical, a agricultura ou antes a monocultura latifundiaria, a escravidão.

Já disse que nessa esphera a mestiçagem agiu como dissolvente das forças que vinham se solidificando para criar sociedades de senhores e escravos, rigidas na separação de classes e ao mesmo tempo de raças, a começar pela separação dos meninos nos collegios. Levando ainda uma vez a questão para o terreno ethico ou moral, não nos será licito affirmar que nesse sentido — no da mobilidade social vertical, favorecendo a ascensão e a valorização do mestiço — a mestiçagem, tal como vem sendo praticada pelos portugueses nas suas colonias, agiu, ou vem agindo, christãmente? Pelo menos no Brasil, é o que parece vir succedendo. A um dos escriptores portugueses que mais se preoccupam com os problemas brasileiros, versando-os sempre com uma sympathia que não exclue o criterio, com uma generosidade que não turva a objectividade — o sr. Osório de Oliveira — disse eu um dia que depois de Christo ninguem tinha contribuido mais que o português para a fraternidade entre os homens. Phrase que elle gentilmente recolheu numa de suas paginas.

Southey é de opinião que a mestiçagem no Brasil se operou independente de qualquer sentido rigorosamente moral e, se bem o interpreto, de plano politico: só pela força ou pressão das circumstancias. Só pelo facto de serem poucas as mulheres brancas nas expedições colonizadoras.

Não me parece justo, nesse ponto de vista, o ensaista inglês a quem se deve a melhor historia do Brasil. Impossivel deixarmos de reconhecer a força com que actuaram estimulos, senão directos, indirectos, da parte dos estadistas mais esclarecidos da Metropole — um delles o marquês de Pombal — ao formidavel processo de formação brasileira que foi a mistura de portugueses com indias, caboclas e mamelucas, e mais tarde com negras-minas e com mulatas.

A historia minuciosa do que foi, deante da mestiçagem, do seculo XVI aos começos do XIX, a attitude official portuguesa — a rigorosamente official — está para ser escripta, não faltando documentos a quem deseje dedicar-se a semelhante tarefa: o Archivo Historico Colonial, antigo do Ultramar, em Lisboa, transborda delles. Teve alternativas de rigor e benignidade. Mas em geral parece que o governo metropolitano se manteve na posição de protector — como nenhum governo europeu — dos direitos á ascensão social não só do mestiço em geral, como do pardo, ou mulato, em particular, defendendo-os contra instituições poderosas como a Companhia de Jesus, uma ou outra vez inclinada a impor restricções a meninos e adolescentes brasileiros, por motivo de sangue ou de meio-sangue africano.

Pela critica que em 1798 escreveu José Venancio de Seixas da politica metropolitana com relação aos mestiços no Brasil (e a que me referi, embora só de passagem, em trabalho anterior), vê-se que já

se definira a attitude officialmente portuguesa deante do problema, no sentido de favorecer o mais possivel a ascensão social dos hybridos capazes e dignos. Mas nem sempre — indica a carta de Seixas dirigida a d. Rodrigo de Sousa Coutinho — foi essa a orientação official. "Eu não posso deixar de me lembrar nesta occasião — escrevia Seixas a d. Rodrigo — que todas as ordens antigas dirigidas ao Brasil a respeito dos mulatos os fazia conservar em um certo abatimento, prohibindo-lhes a entrada em qualquer officio publico ou posto militar, inhibição que era ampliada ainda mesmo aos homens casados com mulatas." Aqui parece haver exaggero do critico: se até á carta regia de 1766 — que Seixas considera o inicio da phase para elle de lamentavel exaggero de benignidade official para com os mestiços — a politica metropolitana pendera ás vezes para as restricções aos mesmos, noutras se inclinara á benignidade, surgindo-nos ainda no seculo XVII o proprio el-rei na defesa dos direitos dos pardos a frequentarem escolas da Companhia. E é fora de duvida que á Guerra Hollandesa — tambem no seculo XVII — se succedera a ascensão social de mais de um mestiço illustre pelo reconhecimento de seus serviços e do seu valor; e esse reconhecimento official. Pode-se talvez observar que a attitude official foi sempre no sentido de acceitar as tendencias victoriosas, impostas pelas circumstancias: mas tão prompta foi muitas vezes essa acceitação, que é impossivel não sentirmos o plano politico, orientando, articulando, aproveitando, e ás vezes indirectamente animando tendencias, doutro modo desconnexas, simples forças brutas de aggressão ou de perturbação social.

O processo de ascensão social do mestiço operou-se no Brasil quasi sempre sob a benignidade official, raramente sem ella; o que honra a agudeza

de visão dos estadistas portugueses que orientaram a politica de colonização da America. De onde poderia ter vindo a resistencia ou o entrave á mobilidade social no sentido de ascensão facil e rapida do mestiço, veio o estimulo senão directo, indirecto; senão espontaneo, por uma contemporização intelligente da politica com a realidade bruta, com a tendencia social impetuosa e aggressiva mas susceptivel de ser, até certo ponto, contrariada, deminuida, enfraquecida.

Era natural que num ambiente antes desfavoravel que sympathico á mystica de pureza de raça, tambem a mystica da pureza de idioma alcançasse fraca repercussão no sentimento brasileiro, embora a seu favor tenham pelejado sempre campeões vigorosos. E foi realmente o que succedeu: ao dynamismo biologico correspondeu um dynamismo linguistico como tambem um dynamismo religioso: um dynamismo de valores de cultura em geral — como já disse. Tudo ficou movel e plastico, embora minorias reduzidas e combativas de mysticos ou de puristas de raça, de familia, de idioma, de religião, de culinaria, de vestuario europeu, procurassem conservar, contra a tendencia geral para a transigencia, a fluidez, a plasticidade, a contemporização, e por conseguinte, a diversidade, — o espirito de intransigencia, de immobilidade, de estabilidade, os estilos e as normas européas na sua pureza absoluta.

Não faltariam puristas de raça como Manuel Guedes Aranha; puristas de idioma como o padre Lopes Gama; puristas de religião como alguns missionarios e clerigos — porque outros seguiram a orientação de transigir quanto possivel com as crenças e as praticas dos naturaes da terra para fazerem vingar mais facilmente a doutrina e o essencial da ethica christã ; puristas de culinaria

como Vilhena, que combateu com tanta repugnancia os quitutes afro-bahianos para exaltar a cozinha castiçamente portuguesa.

De todos esses aspectos do problema geral de dynamismo de cultura, o da lingua é o que tem provocado maiores attritos sentimentaes e intellectuaes, entre portugueses e luso-descendentes — principalmente luso-brasileiros. Raros os philologos — gente sempre irritadiça — e até os publicistas que, no Brasil ou em Portugal, examinam a questão doutro ponto de vista senão o estreitamente philologico ou, quando muito, o intellectual, de defesa da "lingua de Camões e Bernardes" contra as "deformações transatlanticas", ou o sentimental, que identifica essas "deformações" — consideradas então "evolução" ou "progresso" — como o proprio espirito de patria, uma patria brasileira inteiramente livre da antiga Metropole e de toda a forma de tutela lusitana. Errados, ao meu ver, ou antes, inadequados, esses criterios — esse technismo grammatical hirto, esse intellectualismo rigido, esse sentimentalismo estreito a que se pretende sujeitar problema tão complexo. Problema amplamente social, largamente cultural. Problema psychologico e, sob esse aspecto, subtil e delicado como nenhum dos que interessam á aproximação do luso-brasileiro com os demais luso-descendentes e com os portugueses. Problema humano — profundamente humano, demasiadamente humano.

Ainda há pouco occupou-se delle, em artigo admiravel de lucidez, o eminente ensaista português que é António Sérgio. Tambem o seu ponto de vista me parece excessivamente intellectualista. Creio que o criterio a seguir-se na analyse do assumpto deve ser menos rigidamente intellectual e mais social. Ou cultural, no sentido sociologico

da palavra. Um criterio que permittisse aos portugueses e brasileiros nos aproximarmos da questão sem excesso de melindres nem exaggero de delicadeza: com a coragem de nossas divergencias e até dos nossos antagonismos. Mas tambem com o desejo de melhor comprehensão das semelhanças que fazem de nós — portugueses, brasileiros e luso-descendentes da Africa, da Asia e das ilhas — uma unidade cultural das mais vivas e das mais cheias de possibilidades.

Analysada a questão sob esse criterio, não haveria desprezo por nenhum dos dois aspectos — o da diversidade e o da estabilidade, o da fluencia e o da estructura — que o sr. António Sérgio considera de toda a importancia no exame de qualquer problema, embora o seu pendor — contra o de quasi todos os psychologos e o de muitos dos sociologos do nosso tempo — me pareça no sentido de valorizar em extremo "o factor de estructuração constructiva", com certa negligencia pelo outro. No caso, pela diversidade, pelo fluxo, pela fluencia do idioma português. Diversidade, fluxo e fluencia que permittam expressões mais livres e criações mais vivas ao individuo e ás sociedades. O sr. António Sérgio chega mesmo a antepor o seu humanismo — "uma certa maneira de encarar o assumpto: a maneira do pedagogo e do humanista "— ao que chama com alguma hesitação, aliás muito justa, de "naturalismo", ou especie de infra-humanismo. E' esse seu humanismo de pedagogo que, por demasiadamente secco no seu intellectualismo, me parece insufficiente para servir de criterio ao exame de um problema cheio de outros aspectos. Na verdade, os que no Brasil desejamos não uma idiota "lingua brasileira", pomposamente officializada com esse titulo para gozo de uma minoria cada vez mais reduzida e mais ridicula de

lusophobos, porém uma lingua escripta mais aproximada daquella que falamos, agimos sob a necessidade de uma expressão mais livre e mais natural, que corresponda a um meio diverso do português da Europa e a uma epoca differente da do padre Bernardes. O meio vem se differenciando sob varias influencias, dentre as quaes não é preciso dizer que se salienta a da mestiçagem: o contacto, tão largo e profundo no Brasil, do português com o indio e com o negro. E mais recentemente, do luso-brasileiro com o italiano, com o espanhol, com o alemão, com o inglês, com o francês, com outros elementos europeus.

Porque não é exacto que a lingua portuguesa no Brasil venha se alterando no sentido unico e estreito da simplificação para accommodar-se ao primitivismo do elemento indigena e do africano. Ella vem tambem se enriquecendo sob a influencia de condições e estimulos novos de cruzamento não só de gente como de culturas — inclusive outras culturas européas ancillares da portuguesa no processo de europeização do Brasil; pelo estimulo, ainda, de um espaço social e physico mais largo que o português da Europa; pelas suggestões de um meio mais complexo que o português em alguns pontos, embora mais pobre e mais simples noutros.

Para uma situação dessas, o ideal não me parece que deva ser o de uma lingua portuguesa hirta, cuja conservação pura no Brasil nos custasse uma expressão deformada e até falsa da nossa vida. Muito menos o de uma "lingua brasileira" que nos separasse de Portugal o mais possivel pela consagração de tudo que fosse giria arrevesada ou mesmo de archaismos peculiares ao Brasil. O ideal seria uma lingua transnacional que correspondesse aos desejos de aproximação e ao mesmo tempo aos de diversidade dos povos da America,

da Africa, da Asia, das ilhas que formam com Portugal uma unidade essencial de sentimento e de cultura. Teriamos nesse caso que acceitar as contribuições da espontaneidade popular ou da diversidade regional que se impusessem ao todo pelo seu sentido mais rasgadamente humano.

Essa disposição para acceitar, no interesse da vitalidade do todo, o popular e o regional — elementos, no Brasil, fortemente coloridos por influencias indigenas ou africanas (e o negro africano, destaque-se aqui, foi, pela sua mobilidade de escravo ou de desertor, um elemento de unidade portuguesa entre as varias capitanias brasileiras, e até um missionario de cultura portuguesa ou de religião christã entre amerindios selvagens) — não significaria transigencia com aquelle regionalismo estreito ou aquelle espirito popular rasteiro ou simplesmente pittoresco que, em vez de enriquecer, empobrece as linguas e as culturas, levantando barreiras de giria entre as regiões e as classes. Não poderia ir a tanto o gosto de fluidez, de diversidade, de espontaneidade, sem prejuizo não direi de uma unidade geometrica, que ninguem deseja para as relações luso-brasileiras, mas de uma unidade essencial de cultura — cultura no amplo sentido sociologico da palavra, insisto ainda uma vez — a que nos sentimos impellidos, portugueses e luso-descendentes, pelo que há de mais profundo em nossas tradições e em nossos valores communs.

A favor dessa unidade de cultura creio que devemos trabalhar todos os escriptores de Portugal, do Brasil, da Africa e da India Portuguesa; dos Açores, da Madeira, de Cabo Verde. Escriptores, artistas, estudiosos de problemas sociaes, pesquisadores do passado. Todos os que, acima das regiões — realidades tão vivas — e das proprias patrias politicas, sentimos que há um todo, um com-

plexo social maior — se posso dizê-lo assim — quasi um complexo dos complexos, que pede uma lingua tanto quanto possivel commum. Mas uma lingua commum que não sacrifique a um ideal absurdamente filippico de uniformidade as diversidades regionaes e as espontaneidades populares, nem as queira abafar sob seu criterio de pureza. Uma lingua commum que se enriqueça pela assimilação de quantos elementos de origem popular ou regional possam accrescentar ao todo transnacional valores humanos e interesses universaes, que muitas vezes se revelam sob formas de expressão intensamente regional, local ou folclorica.

Com essa lingua commum como instrumento é que se vem desenvolvendo a cultura transnacional ou supranacional formada pelos diversos povos que a capacidade portuguesa de projectar-se em inesperadas combinações humanas — de gente e de cultura — espalhou sobre a terra, dando a todos os traços inconfundiveis da mesma origem. Traços que coexistem com as differenças regionaes de raça e de cultura, sem esmagá-las nem abafá-las.

Todo escriptor de lingua portuguesa que se impuser a esse todo transnacional pelas suas qualidades ao mesmo tempo intensamente regionaes, por um lado, e, por outro, transnacionaes e até universaes — como nos fins do seculo passado Anthero e Eça de Queiroz, como hoje Manuel Bandeira e José Lins do Rego, Jorge Amado e Jorge de Lima (para só falar nos brasileiros de maior irradiação em Portugal, na Africa portuguesa e em Cabo Verde) — contribue para que se avigore, se fortaleça e se aguce a lingua commum; e ao mesmo tempo para que se esclareçam e se avivem, perante os povos alheios, os elementos — essencialmente os mesmos — de cultura e as muitas identidades de sentimento que fazem de portugueses e luso-descendentes

uma unidade de sentimento e de cultura. Eça de Queiroz é tão nosso — tão dos brasileiros — quanto dos portugueses; tão do nosso conjunto de valores transnacionaes quanto Camões e Vieira. O mesmo está acontecendo hoje com certos "regionalistas" brasileiros nos quaes os portugueses se encontram, a despeito dos indianimos, dos africanismos, dos pernambucanismos, dos caipirismos que elles empregam.

Fora da literatura e da lingua escripta, que entre nós, portugueses e luso-descendentes, povos ainda com grande numero de illetrados — no que não vejo espantalho algum nem vituperio, parecendo-me evidentes certas vantagens dos analphabetos sobre os semiletrados — ainda alcançam um publico relativamente pequeno; fora da literatura e da lingua escripta, outros elementos vão agindo no sentido, senão de desenvolver, de conservar condições de unidade sentimental e de cultura entre populações de formação portuguesa espalhadas pelos continentes e pelas ilhas. (Elementos folcloricos e principalmente sobrevivencias populares de sentimento, de arte e de culto religioso,) mantidos) menos dentro das igrejas que á sua sombra e nos seus pateos, tão parecidos uns com os outros — os do Brasil com os de Portugal — (nos dias de festa) nas noites de novena de Santo Antonio ou de Nossa Senhora. (Sobrevivencias do Portugal dos tempos heroicos das conquistas e dos descobrimentos, em alguns lugares enriquecidas por elementos de outras culturas, trazidos aos pés dos santos catholicos pelos seus novos devotos — indios, africanos e orientaes.

Nada mais caracteristico, com effeito, da unidade essencial de sentimento e de motivos de vida, que faz hoje dos povos de formação portuguesa um vasto bloco de cultura transnacional, que o chris-

tianismo lyrico da nossa gente do povo; que esse christianismo fraternal e festivo de portugueses e luso-brasileiros. Um christianismo ao mesmo tempo tão transnacional — ligado ás tradições communs de portugueses e luso-descendentes, devoto da mesma Nossa Senhora, do mesmo Santo Antonio, do mesmo São João, da mesma Cruz de Christo — e tão local — as Nossas Senhoras e os santos associados aos nomes, ás apirações, ás necessidades, aos particularismos dos lugares mais humildes de Portugal, do Brasil, da Africa, da Asia e das ilhas. E em toda a parte, as mesmas formas de promessa, os mesmos estilos de ex-votos, algumas das mesmas novenas e das mesmas festas de pateo de igreja, procissões e romarias semelhantes, quasi os mesmos typos de solidariedade religiosa — as irmandades, as confrarias, as ordens terceiras, as santas-casas. Ao lado disto, especializações locaes e até municipaes, e, mais do que isto, suburbanas ou de bairro, de devoção, de culto, de fé. Devoções locaes que vão sendo incorporadas, muitas dellas, ás tradições communs, ou transnacionaes, pela capacidade, pelo pendor, pelo jeito de assimilar que é talvez o traço mais caracteristico da nossa cultura geral: de portugueses e de luso-descendentes. Cultura formada pela confraternização de raças, de povos, de valores moraes e materiaes diversos, sob o dominio de Portugal e a direcção do christianismo.

II

Importancia dos estudos de historia social e cultural para as relações entre portugueses e luso-descendentes.

As relações entre os portugueses e os brasileiros, sentimentalmente tão fortes que os attritos não as compromettem nunca no intimo, apenas lhes arrepiam a superficie uma ou outra vez, soffrem de uma falta evidente de estimulos e de processos intellectuaes. A cooperação nos estudos, nas pesquisas, nas indagações, nos esforços intellectuaes, se impõe aos portugueses e aos brasileiros com as mais nitidas vantagens para os dois grupos, sem que se tenha até hoje definido qualquer forma de organização ou de systematização de actividades, ainda tão desconnexas, tão isoladas, tão soltas.

Não é possivel que o rythmo dessas relações entre intellectuaes, estudiosos e pesquisadores continue a depender de questões como a dos pronomes — que os portugueses preferem collocar de um modo e os brasileiros de outro. Questões com que se veem intoxicando, a si e aos seus discipulos, philologos e esthetas da linguagem, insensiveis a problemas intellectuaes de maior significação cultural e de sentido social e humano mais profundo.

Precisamente dos estudos sociaes é que vou me occupar — de preferencia os de historia social

e cultural — convencido das vantagens que podem resultar, para Portugal e para os países de formação portuguesa, da maior cooperação que se desenvolva entre os varios pesquisadores e estudiosos, entre as associações e os institutos de cultura do Brasil, de Portugal e das colonias, preoccupados com aspectos nacionaes ou especializações regionaes de problemas que em sua essencia constituem, muitos delles, questões transnacionaes e, portanto, de interesse commum. O problema anthropologico e sociologico da mestiçagem, não preciso dizer que é um delles: talvez o de maior importancia e o de maior interesse para a interpretação do nosso passado commum — de portugueses e luso-descendentes — e para a melhor comprehensão de muitos dos nossos traços e de muitas das nossas tendencias actuaes. Impossivel interpretar aquelle passado e comprehender esses traços, sem um estudo mais largo e mais profundo do facto que, do ponto de vista sociologico, é o facto central da historia da colonização portuguesa: a rapida e generalizada mistura de raças e de culturas de que resultaram combinações e perspectivas tão novas para o mundo moderno em geral e para o espirito ou a energia portuguesa em particular.

Para essa comprehensão e essa interpretação é que começam a contribuir os que no Brasil como em Portugal, na India e na Africa veem se dedicando ao estudo dos problemas de formação portuguesa sob o criterio e segundo a technica mais moderna da anthropologia, da psychologia e da historia sociaes, assim como da sociologia genetica. Criterio e technica que nos permittem desembaraçar-nos de exaggeradas influencias de ordem sentimental e principalmente ideologica que em geral se reflectem sobre os estudos de historia politica, por isso mesmo tão estreitos, muitos delles, outros tão

cheios de excessivos pudores patrioticos, e quasi todos dominados pela obsessão de deixar sempre bem os esforços de heróes, ou de instituições consagradas. Como na historia social e cultural, e nos estudos a ella mais intimamente ligados, os nomes de pessoas e de instituições particulares quasi desapparecem, a acção dos estudiosos, no sentido de reconstituir os factos e principalmente no de explicá-los e interpretá-los, torna-se mais livre e mais independente daquellas influencias.

Essa reconstituição, sabeis que se faz através de elementos desprezados pela historia que só se occupa do grandioso e do heroico e quasi só presta attenção ao documento illustre, ao registro literario, á chronica official ou de religião dominante. Até data recente, aquelles elementos menos illustres andaram um tanto desprezados no Brasil; mas vão agora sendo utilizados pelos novos pesquisadores.

O passado brasileiro começa a ser vigorosamente analysado e reconstituido pela technica anthropologica, psychologica e sociologica de estudo da formação das sociedades; analysado e reconstituido pela anthropologia, pela psychologia, pela historia social, pela geographia humana, pela sociologia genetica, pelo folclore.

Muito material deixado na sombra pelos cultores da historia convencional, quasi só preoccupada com os nomes illustres e as datas gloriosas, vem sendo recolhido e estudado, no Brasil, pelos pesquisadores mais jovens de historia social e cultural: os annuncios de jornaes, que nos permittem fixar a extensão de certas influencias de cultura moral e material européa sobre differentes phases do passado brasileiro, reconstituir interiores de casas, fixar preferencias por livros e gravuras, estabelecer as predominancias de estoques negros na co-

lonização de varias regiões brasileiras, através dos avisos de negros fugidos ou a venda, estudar aspectos diversos da anthropologia, da sociologia e da pathologia do escravo negro ou mulato do seculo XIX, inclusive a existencia, entre elles, de rachiticos, e a frequencia, no meio dos africanos, da ainhum; receitas de bolos, de doces, de quitutes, guardadas em cadernos de familia ou pela memoria de negras velhas — receitas em que se surprehendem predominancias africanas, portuguesas, indigenas, conforme os grupos (casas-grandes, conventos, boleiras profissionaes das cidades, "xangôs"), ou as regiões (Bahia, Pará e Amazonas, Minas, Pernambuco ou Rio de Janeiro) que as conservam; figurinos; contas de alfaiate, de modista, de sapateiro; "livros de assento" de proprietarios de escravos; retratos antigos de familia — material de consideravel interesse anthropologico, através do qual se surprehendem especializações regionaes, de classe e de familia, no typo physico e principalmente no typo social dos retratados, alguns retratos confirmando, outros desmentindo pretensões a "avós todos europeus" ou "todos caboclos" de algumas familias illustres, pretensões algumas vezes muito solennemente baseadas em papeis officiaes, em documentos escriptos, em "cartas de branquidade"; cadernos de calligraphia, de arithmetica e de outras materias, de meninos brancos, pardos e pretos, nas velhas escolas do tempo do Imperio, ou os boletins desses alumnos, que permittem confrontos os mais interessantes para o estudo de "differenças de intelligencia" entre "raças" diversas; plantas e planos de casas; dialectos ou "linguas" regionaes, com predominancia de termos africanos ou indigenas, que nos permittem estudar os antecedentes de segregação cultural de grupos mais isolados. E antes do professor Herskovits, já um

pesquisador brasileiro tentara identificar a predominancia de certas culturas africanas no Brasil, através de differentes estilos de turbantes das mulatas. Isto em trabalho apresentado ao 1.º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife, em 1934; trabalho que infelizmente se extraviou, juntamente com os desenhos do pintor Cicero Dias illustrando aquelles varios estilos de turbantes usados pelas mulheres do povo no Brasil, em zonas penetradas por differentes influencias africanas.

Aliás ao Brasil, como a outras areas de formação portuguesa onde escasseiam recursos para a historia baseada rigorosamente sobre documentos escriptos — estes mesmos limitando-se a chronicas officiaes ou ecclesiasticas — os estudos de historia cultural se impõem com particular importancia. Elles são insubstituiveis. Sem elles a historia brasileira — a que vem sendo feita pelos historiadores academicos — se reduz a um esforço de tal modo parcial que deixa em sombras profundas uma serie de factos fundamentaes, não apenas do nosso passado mais distante, como do mais proximo.

Em outubro de 1935, em conferencia lida na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, tive opportunidade de salientar este ponto de importancia capital para os pesquisadores do passado brasileiro, que julgo interessar tambem aos estudiosos de outras areas da formação portuguesa: a necessidade de nos orientarmos, ainda mais que os europeus e os americanos do Norte, pelo criterio historico-social, ou historico-cultural, nos estudos historicos, e de nos utilizarmos das technicas e dos methodos de estudo em geral associados ás pesquisas entre sociedades primitivas — a anthropologia social e cultural, por exemplo. Afinal, seria uma vaidade esteril nós nos conservarmos na ignorancia de uma grande parte de nós mesmos

pelo gosto de nos limitarmos ao estudo da historia baseado sobre o documento escripto, quando o certo é que, em varios pontos, a situação de nossas populações se aproxima, ainda hoje, da de populações primitivas ou quasi sem historia escripta. E fique logo nitido o seguinte: para nós, brasileiros, a historia social não pode ser o mesmo que para povos europeus: um registro quasi exclusivo dos aspectos da vida social já civilizada. Entre nós, a historia social terá que recolher em suas paginas o mais profundo da contribuição amerindia ou africana ao desenvolvimento brasileiro. Suas interpretações terão que se basear sobre o facto de no passado brasileiro — mesmo no mais proximo — interpenetrarem-se os dois elementos: o accessivel ao estudo pelo documento escripto e o só accessivel por outras technicas: a da historia cultural, a da anthropologia, a da psychologia, a do folclore.

Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Alfredo de Carvalho, quasi todos os ensaistas brasileiros dos fins do seculo passado e dos começos do actual que se occuparam com maior intelligencia de assumptos de formação brasileira, fizeram-no com um sentido demasiado europeu dos factos de nossa historia. Orientação de que se afastaria um pouco Capistrano de Abreu, a quem não foram estranhos os estudos de ethnologia e do que hoje denominamos anthropologia cultural, como necessarios, de modo todo particular, ao esclarecimento e á interpretação da historia brasileira. Orientação de que tambem se afastariam um tanto: Manoel Bomfim — embora para resvalar na extrema romantização do indio, tão deformadora da realidade social brasileira como a exaggerada idealização do europeu; Sylvio Romero, ao traçar de modo novo, incisivo, largo, a historia da nossa literatura; Nina Rodrigues, nas suas indagações das ori-

gens dos escravos africanos importados pelo Brasil; João Ribeiro, ao tentar a synthese do desenvolvimento brasileiro, ainda que por um criterio demasiadamente intellectualista de philosophia da historia; Alberto Torres, nos seus memoraveis estudos de interpretação menos politica e mais social do Brasil e do brasileiro; Euclydes da Cunha, ao estudar o typo sertanejo em paginas de um extraordinario vigor literario e ao mesmo tempo animadas do sentido ecologico de interpretação historica e geographica dos factos de formação brasileira. E ainda o barão de Rio Branco, Theodoro Sampaio e Basilio de Magalhães, nos seus estudos de geographia historica, Affonso de Taunay, Paulo Prado e Alcantara Machado em excellentes ensaios sobre a formação das cidades paulistas e a expansão das bandeiras; Pandiá Calogeras, Gilberto Amado e Vicente Licinio Cardoso em estudos rapidos porém suggestivos do meio politico e ao mesmo tempo social do Brasil.

Mas quasi todos esses ensaistas menos convencionaes no seu criterio de estudo historico conservaram-se um pouco á margem da historia, que nos seus rumos orthodoxos seria até quasi os nossos dias dominada não só por um quasi exclusivismo politico como por um quasi exclusivismo europeu nos seus objectivos; e, ainda, por um quasi exclusivismo, tambem europeu, nos seus methodos. Eduardo Prado, a quem se devem paginas de uma penetração e de uma segurança pouco communs em ensaistas brasileiros, sobre o passado da nossa gente, chegou a escrever que a historia do Brasil poderia ser escripta derivando-se para o scenario americano os acontecimentos desenrolados na Europa. O mais seria simples paisagem. Attitude tambem de Joaquim Nabuco e, até certo ponto, de Oliveira Lima; e, ainda, de Afranio Peixoto, To-

bias Monteiro, Tasso Fragoso, mestres notaveis de hoje. Quanto a Alberto Rangel, outro mestre illustre, tem oscillado da *Marquesa de Santos* ao *Conde d'Eu* entre os dois pontos de vista, mostrando-se ultimamente muito inclinado ao criterio exclusivamente europeu de historia brasileira.

Semelhante europeismo reflecte a predominancia, sobre ensaistas tão illustres, do sentido politico e da technica literaria — isto é, da technica baseada puramente sobre a chronica — de indagação do passado brasileiro, para elles simples prolongamento da actividade européa, simples aspecto da expansão catholico-romana no mundo moderno. Entretanto, é interessante salientar o facto de que a moderna historia social ou cultural teve suas primeiras perspectivas ecumenicas — em vez de simplesmente européas — na obra ainda vaga, mas já suggestiva, de portugueses e espanhóes dos seculos XV, XVI, XVII — os grandes seculos das navegações, das conquistas, do commercio com as Indias, da colonização do Novo Mundo. Começo, embora vago, de historia social e cultural dentro desse sentido ecumenico dos factos, pode ser considerado, na verdade, o estudo de Paez de Castro sobre a necessidade de se compararem os costumes e as instituições da Europa com as do Novo Mundo. E quasi do mesmo sabor são as pesquisas sobre costumes e instituições amerindias de Lopez de Gomara, as do nosso Gabriel Soares, as de varios missionarios jesuitas no Brasil dos seculos XVI e XVII.

Desde então se conserva o fio dessa tradição ecumenica. Mas no Brasil só recentemente viriam novos methodos de indagação, uma technica mais scientifica que literaria de pesquisa historica, um estudo mais de campo do que de gabinete, romper de modo franco com aquella outra tradição de his-

toria feita quasi exclusivamente do ponto de vista europeu — europeu e ao mesmo tempo politico — e sobre material puramente escripto. Só recentemente se estabeleceria o contacto intimo da indagação do passado brasileiro, não com uma ou outra sciencia ou technica de estudo social interessada em servir-se da historia para seus fins especializados, mas com um conjunto de technicas e de sciencias sociaes capazes de concorrerem, desinteressadas de fins particulares, para o esclarecimento e a interpretação das origens e da formação do nosso povo. A historia social no seu sentido mais amplo, mais moderno e mais scientifico — o sentido dentro do qual Herskovits traçou a sua "historia social do negro" — não é senão essa associação de technicas de estudos do homem e dos grupos humanos — a da anthropologia, a da psychologia social, a da sociologia genetica, a da economia, a do folclore — para o fim de esclarecer, no desenvolvimento social de um povo, as origens mais remotas das instituições (e não apenas o que as chronicas escriptas dessas instituições registram ao sabor dos seus interesses), as sobrevivencias das culturas primitivas — que só podem ser estudadas por meio de technicas estranhas á historia academica — entre as culturas modernas, ou superficialmente modernas, os esforços, as realizações, as contribuições para a economia e para a arte de um povo, do analphabeto, da raça escravizada, da mulher recalcada, da criança opprimida. Contribuições a surprehender através do folclore, das danças, da musica popular, da doçaria das casas, dos bolos de tabuleiros das ruas, das garatujas de meninos. Porque o estudo da formação de um povo não pode limitar-se ás expressões correctas ou finas do sexo dominante, da raça dominante, da religião domi-

nante, da classe dominante, dos adultos, ou da idade dominante.

A historia social e cultural, no seu sentido ou no seu objectivo mais amplo — e em país nenhum esse sentido ou esse objectivo se alargou tanto como nos trabalhos de modernos estudiosos brasileiros — de revelação e de interpretação de uma cultura, de tudo nella que é humano, que é vivo, que é accumulação de sabedoria — a folclorica, dos analphabetos, e não apenas a academica, — de lyrismo, de poesia, de arte, de religião, inclue o estudo, ou a tentativa de estudo e de caracterização, daquellas expressões, ou tentativas de expressão, de dominados, de recalcados, de opprimidos; não se limita, como, em geral, a historia academica, a ser a chronica aduladora dos dominadores.

Não preciso destacar com que particular importancia o criterio da historia social ou cultural se impõe no estudo do passado dos povos, como o brasileiro, proximos de culturas primitivas ou que se conservem em grande parte illetrados e, portanto, numa situação psycho-social antes folclorica do que literaria. Tampouco necessito salientar que o mesmo criterio exige dos estudiosos recursos scientificos muito mais largos que os dos pesquisadores antigos.

E' tambem evidente a combinação cada vez maior de esforços, a collaboração sempre mais intima de competencias especializadas que a historia social ou cultural exige dos novos historiadores, não se concebendo que um pesquisador sozinho, especializado num dos ramos das sciencias sociaes — embora de modo nenhum estranho ás demais — possa dominar, senão em trabalho eschematico ou impressionista, ou simplesmente de introducção, a totalidade de aspectos da vida social de determinado grupo ou area de cultura. A verdadeira historia

social ou cultural de um povo como o brasileiro — uma area geometricamente enorme e culturalmente cheia de altos e baixos, ora mais accessivel á technica anthropologica, ora á psychologico-social, ora á simplesmente ethnographica ou á geographica — que venha porventura a se escrever em nossa geração, será o resultado de uma combinação de competencias especializadas, reunidas por um ponto de vista, ou dentro de uma orientação, tanto quanto possivel commum.

Esforço ainda mais largo e difficil de collaboração de competencias especializadas — especializadas quer pelo criterio de assumptos, quer pelo de região — seria o necessario para escrever-se a historia social ou cultural daquelle maior complexo de cultura e de vida que é o mundo afro-asiatico-americano de formação portuguesa. Entretanto, é sob o ponto de vista desse complexo — e não dentro de nenhum exclusivamente europeu ou americano — que me parece devermos desde já, nos nossos esforços parciaes ou individuaes, investigar os factos da formação social de cada uma das areas de cultura que constituem aquelle mundo: a européa, a americana, a africana, a asiatica, as ilhas — attentos aos parallelismos, ás semelhanças, aos contagios, á transmissão de traços de uma area a outra, para melhor podermos precisar as differenciações e as especializações nacionaes ou regionaes de cultura, ao lado do que se conserva de commum, de semelhante, de identico, nessa cultura transnacional.

Da vantagem dessa como que collaboração antecipada nos estudos sobre a cultura de origem ou de formação portuguesa, em que a justa preoccupação regional não nos deve afastar da transnacional, acaba de dar as melhores evidencias uma arguta observadora portuguesa da vida e dos costumes luso-africanos em Angola e Moçambique, a sra. Ma-

ria Archer, ao compará-los, em paginas intelligentes, com aspectos da sociedade brasileira do seculo XIX fixados e interpretados por um pesquisador brasileiro. Não é outra a preoccupação do eminente anthropologista português professor Mendes Correia: a de associar ás suas notaveis pesquisas sobre o português da Europa o estudo seu ou alheio, do português das ilhas, do português emigrado, do português do Brasil, do luso-descendente. Os estudos de outro anthropologista português — o dr. Germano Correia — sobre os luso-descendentes de Goa, vieram recentemente confirmar, em varios pontos, as pesquisas anthropologicas, de grande significação social, realizadas no Brasil pelo professor Roquette Pinto.

Entretanto, nem nos estudos de anthropologia physica, nem nas pesquisas de anthropologia cultural, existe da parte dos investigadores das varias areas — a portuguesa e as de formação portuguesa — um começo sequer de articulação ou systematização de esforços, que seria de uma conveniencia scientifica tão grande, de uma vantagem intellectual indiscutivel. Apenas aquellas coincidencias de actividade pesquisadora orientada para o estudo scientifico de problemas semelhantes. Apenas aquellas iniciativas quasi puramente individuaes no sentido, ainda vago, de uma visão transnacional, ao mesmo tempo que regional, do homem português e de origem portuguesa, da sociedade portuguesa e das sociedades de formação portuguesa, entre as quaes o estudo scientifico vem revelando semelhanças em traços essenciaes de sua anthropologia e em varios dos caracteristicos mais fortes de sua psychologia e de sua cultura.

Ás pesquisas de historia social ou cultural, em geral, ás de psychologia social, de sociologia, de folclore, de arte popular, de ethnographia, de eco-

nomia, de architetura, de arte e historia religiosas, que se emprehendam em qualquer area portuguesa ou de formação portuguesa, impõe-se a articulação de esforços, o intercambio de dados, a cooperação systematizada com pesquisadores de outras areas e da antiga Metropole, interessados no estudo de problemas de interesse commum. Dos meios mais efficientes de chegarmos a essa cooperação nos estudos sociaes, não só de gabinete ou de bibliotheca, como de campo ou de laboratorio, há de cogitar certamente o Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, já preoccupado com o problema de cooperação de estudiosos portugueses e brasileiros nas pesquisas de archivos. Neste sentido, vem desenvolvendo intelligente esforço o diretor do Archivo Historico Colonial de Lisboa, dr. Manuel Múrias, e, depois de sua recente visita a Portugal, o pesquisador brasileiro Luiz Camillo de Oliveira Neto mostrou praticamente a vantagem do meio que todos consideram o mais seguro de tornar accessivel aos estudiosos brasileiros o material relativo ao nosso país existente em archivos portugueses, isto é, a reproducção photographica dos documentos.

Emquanto, porém, não se systematizam — quanto possivel — as pesquisas dos varios estudiosos portugueses, brasileiros, das ilhas, da Africa e da Asia sobre problemas de historia, de anthropologia e de cultura, de interesse commum, repito que a attitude mais intelligente dos que, em qualquer dessas areas, de occupam de taes problemas, me parece que deve ser no sentido de procurarmos todos conservar, ao lado do ponto de vista regional ou nacional, o transnacional. Quando se fizer a systematização de esforços, já haverá essa coincidencia de orientação, essa antecipação de collaboração.

Outra antecipação vantajosa á systematização de esforços será a que se exprimir pela maior curiosidade em nos conhecermos, estudiosos, pesquisadores e escriptores das varias areas, através de trabalhos publicados. Há assumptos em que os pesquisadores portugueses da Europa se encontram em situação de evidente superioridade sobre os portugueses de outras areas e sobre os brasileiros. Convem aqui destacar que foram portugueses os primeiros classicos dos modernos estudos de historia e anthropologia sociaes em nossa lingua: os Costa Lobo, os Alberto Sampaio, os Fonseca Cardoso, os Silva Telles, os J. Lucio d'Azevedo, os Leite de Vasconcellos. Em outros assumptos a primazia cabe, por um conjunto especial de circumstancias, quando não pela propria natureza do assumpto, a scientistas ou estudiosos brasileiros ou a portugueses da Asia ou da Africa: é o que parecem indicar as pesquisas anthropologicas sobre luso-descendentes da India, do dr. Germano Correia, as do professor Nina Rodrigues, o notavel africanologista da Faculdade de Medicina da Bahia, sobre os negros de varias procedencias introduzidos pelos portugueses na America, as do professor Roquette Pinto, antigo director do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e as dos professores Fróes da Fonseca e Bastos de Avila sobre o problema anthropologico do negro brasileiro e da mestiçagem no Brasil.

E' ainda possivel que nos estudos de historia social ou cultural segundo a technica mais moderna adaptada ás condições sociaes de povos de formação mixta, isto é, "civilizada" e "primitiva" ao mesmo tempo, os actuaes pesquisadores brasileiros venham avançando mais que os portugueses, no que diz respeito, menos, talvez, á modernidade scientifica dos methodos — tão conhecidos pelos portugueses como

pelos brasileiros — que á sua applicação ás condições peculiares áquelles povos. O que talvez se explique pelo facto de serem porventura menos fortes no Brasil de hoje, do que no de há cinco ou dez annos, e do que em Portugal, as resistencias da historia convencional — preoccupada com o unico, com o dramatico, com o politico, com o heroico, com o passado considerado mais nobre e mais grandioso — á technica e aos methodos da outra — a social, a cultural, interessada antes no typico, no caracteristico, no susceptivel de repetir-se, embora sem desprezo nenhum pelo que for influencia de elites, de personalidades criadoras, de individuos de genio na formação de um povo.

Esses estudos de historia social e cultural no Brasil, se exceptuarmos um ou outro antecipador vago ou impreciso, são recentissimos e caracterizam a geração mais nova de pesquisadores do passado brasileiro, nem sempre bem vistos pelos mais idosos. Repete-se no Brasil de hoje o que succedeu na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados-Unidos — os países onde foi maior o avanço da technica da historia social e cultural, e ao mesmo tempo mais violento o choque entre as duas technicas: a nova e a convencional. Na Alemanha, ficaram celebres as controversias entre Lamprecht e Lenz, Schafer e Gothein — os estudiosos da "historia da cultura" e os historiadores da evolução politica — estes negando áquelles o direito ao titulo como que sagrado de historiadores. Seriam os estudiosos de historia cultural meros ensaistas sob a influencia da anthropologia e da sociologia. Quando muito, philosophos da historia. Mas não historiadores. Os historiadores eram elles — os historiadores politicos, os hegelianos, orthodoxos, os biographos dos estadistas, dos generaes, dos reis.

Na Inglaterra, Freeman e a sua escola de historiadores escrupulosissimos no estudo da historia politica, com as datas, os nomes, os factos methodicamente dispostos, se levantariam a favor da historia como "past politics" contra a de Green — um antecipador quasi genial da moderna historia social — e o seu "social stuff".

Na França, ainda há pouco Henri Berr e Lucien Febvre recordavam as divergencias entre as duas historias; e indicando as vantagens do methodo comparativo — tão da historia cultural — contrastavam esse methodo com o do proprio Fustel de Coulanges. Fustel de Coulanges se afastara, é certo, da historia puramente politica, e procurara investigar a das instituições; mas sem outra perspectiva que a européa, ou antes, a greco-romana.

Nos Estados-Unidos, o primeiro embate entre a historia convencional e a nova se deu talvez em 1903, quando o meu velho mestre de Sociologia na Universidade de Columbia, o professor Franklin Giddings — então cheio do verdor combativo que, aliás, conservaria na velhice — provocou o assumpto, em suggestivo estudo sobre *A Theory of Social Causation*. Contra suas idéas de socialização talvez extrema da historia — socialização no sentido da subordinação do material historico ao criterio sociologico — levantaram-se então alguns dos mais illustres representantes da technica convencional do estudo da historia naquelle país — Emerton, Burr, West. Todos elles alarmados com o que mais de trinta annos depois se chamaria no Brasil a invasão da historia pelo "sociologismo", pelos "ensaistas", pelos "scientistas", com prejuizo do que aquelle estudo deveria conservar de preoccupação pelas datas, pelos episodios, pelos nomes dos reis, dos bispos, dos dirigentes, pelos factos em successão

ou ordem rigorosamente chronologica, pelo aspecto dramatico ou heroico dos acontecimentos.

Succedeu no Brasil o que era natural que succedèsse: um choque retardado e por isso menos violento do que naquelles países de convenções mais rigidas, entre as duas technicas de historia, os innovadores sendo tambem accusados, entre nós, de meros ensaistas, de simples literatos, de scientistas, ou suppostos scientistas, desgarrados de suas especialidades, ou pretendidas especialidades, num terreno que deveria continuar area sagrada dos historiadores politicos ou dos chronistas mais ou menos officiais dos reis, dos governadores-geraes, dos homens d'armas, das instituições que se cobriram de gloria na conquista das terras brutas e na civilização das gentes barbaras. O mais seria paisagem — assumpto á parte, para os geographos, para os ethnographos, para os anthropologistas, para os folcloristas. Mas nunca para a Historia. A nova historia — social e cultural — animada do sentido de totalidade humana que faltou quasi sempre á outra, é o que vem procurando destacar dessa supposta paisagem bruta: tudo que é viva e directamente relacionado com o desenvolvimento dos homens e dos grupos de homens que formaram o Brasil: com os seus esforços, com o seu trabalho, com as suas crenças, com a sua arte.

Pode-se affirmar que é hoje sob este criterio que se vêm realizando as tentativas mais intelligentes no sentido de descrever e de interpretar a formação do Brasil e do brasileiro. Os notaveis estudos de Oliveira Vianna sobre as populações meridionaes do Brasil. Os excellentes trabalhos do professor Arthur Ramos — não só continuador, com Ulysses Pernambucano, da obra de psychiatria social do africanologista Nina Rodrigues, e da folclorica do velho Macedo Soares, mas ampliador

daquella obra nos seus aspectos anthropologicos, psychologicos e sociologicos; trabalhos, os de Arthur Ramos, a principio coloridos demasiadamente pelo criterio psycho-analytico mas ultimamente alargados pelo conhecimento dos methodos de delimitações de areas de culturas africanas e afro-americanas do professor Merville J. Herskovits — com quem tive o prazer de pôr em contacto directo aquelle meu illustre collega. E ainda: os estudos de Aurelio Porto, Jorge Salis Goulart e Dante de Laytano sobre a formação rio-grandense-do-sul — que teve, aliás, um estudioso admiravel em Rubens de Barcellos; os de Edison Carneiro, sobre os afro-bahianos; os de José Augusto e Bruno Rudolfer, Mario Augusto Teixeira de Freitas, Christovão Leite de Castro, Barreto Falcão, Silvio Fróes de Abreu, A. Torres Filho, Acyr Guimarães; os de Djacir Menezes, sobre a formação do Nordeste pastoril; os de Pontes de Miranda, Mario Travassos, Mario de Andrade, Sergio Milliet, Antonio Couto de Barros, Alfredo Ellis Junior, Augusto de Lima Junior, Rubens de Moraes, Raymundo Lopes, Alberto Lamego Filho, Amadeu Amaral Junior, Emilio Willems, Herbert Baldus, Osni de Medeiros Regis, Pedro Cavalcanti, Flavio de Carvalho, Gonçalves Fernandes, Heloisa Alberto Torres, Fernando de Azevedo, F. X. de Almeida Prado, José Americo de Almeida, Ignacio José Verissimo, Miran de Barros Latif, San Tiago Dantas, Agamemnon Magalhães, José Augusto, F. Contreira Rodrigues, Carlos Estevão de Oliveira, W. Berardinelli, Delgado de Carvalho, Araujo Jorge, Miranda Reis, Eugenio Vilhena de Moraes, Alcides Bezerra, Leonidio Ribeiro, Sousa da Silveira, Heitor Lyra, Octavio Domingues, Clovis Monteiro, Antenor Nascentes, Mario Marroquim, Renato Mendonça, Luiz Vianna Filho, Saul Borges Carneiro, Jaime Coe-

lho, Fernando Pires, Astrojildo Pereira, José Maria Bello, Luís da Camara Cascudo, Gustavo Barroso, Manoel Lubambo, Roberto Simonsen, Evaristo de Moraes, Hermes Lima, Helio Vianna, Caio Prado Junior, Joaquim Ribeiro, Candido Mota Filho, Honorio Rodrigues, Fernando Mendes de Almeida, Cassiano Ricardo, Osmar Pimentel, Eremildo Vianna, Guy de Hollanda, Luís Pinto Ferreira, Manuel Diegues Junior, Lima Camara, Henrique Doria de Vasconcellos, Oswaldo Orico, José Antonio Gonsalves de Mello, neto, Mario Lins, Humberto Grande. Os estudos do professor Pedro Calmon, especie de Pinheiro Chagas brasileiro — ameno, fluente, fecundo, quasi um prodigio de fecundidade — a quem se deve uma descripção tão attrahente e tão clara da sociedade colonial e da do Brasil do Imperio. Os de Sinval Lins, Ruy Coutinho, Araujo Lima, Dante Costa e Josué de Castro sobre aspectos da historia da alimentação no Brasil. Os de Rodolfo Garcia, Eugenio de Castro e Solidonio Leite Filho sobre historia colonial. Os de Sergio Buarque de Hollanda, que no seu *Raizes do Brasil* analysou com aguda penetração e traçou com nitidez rara as origens de algumas das instituições e de alguns dos complexos de cultura mais caracteristicos da nossa gente. Os de Affonso Arinos de Mello Franco sobre varios aspectos significativos da civilização brasileira. Os de Almir de Andrade, que em ensaios intelligentes vem dando relevo á interpretação psychologica da formação do povo e principalmente da cultura brasileira. Os de Estêvão Pinto sobre os indigenas do Nordeste. Os de Sylvio Rabello sobre a psychologia da criança brasileira em relação com antecedentes historicos ou de cultura. E não devo esquecer aqui a obra efficiente do Instituto Brasileiro de Geographia e Estatistica, nem a actividade que vae desenvolvendo no Rio de Janeiro

a Sociedade de Estudos Sociaes — composta de antigos estudantes de sciencias sociaes em varias faculdades brasileiras — entre os quaes José Bonifacio Martins Rodrigues, Wanda Cardoso, Iva Weisberg.

E', ainda, sob a influencia do criterio de historia social e cultural que se veem fazendo os estudos mais modernos de historia literaria e de biographia no Brasil: os de Prudente de Moraes, neto, Annibal Machado, Manuel Bandeira, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), João Pinto da Silva, Rodrigo M. F. de Andrade, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Carolina Nabuco, Augusto Meyer, Mucio Leão, Vianna Moog, Austregesilo de Athayde, Genolino Amado, Abgar Renault, Moysés Vellinho, Oscar Mendes, Olivio Montenegro, Octavio Tarquinio de Sousa, Octavio de Faria, Nelson Werneck, Lucia Miguel-Pereira, Livio Xavier, Eloy Pontes, Cassiano Ricardo, Euryalo Cannabrava, Eduardo Frieiro, Luís Delgado, Almir de Andrade, Ademar Vidal, Alvaro Lins, Jayme de Barros, Valdemar Cavalcanti, Aurelio Buarque de Hollanda, Newton Sucupira, Octavio de Freitas Junior, Donatello Grieco, Clovis Ramalhete, F. Assis Barbosa, Afranio Coutinho, R. Magalhães Junior, Paulo Malta, Carlos Dante de Moraes, Rosario Fusco, sem esquecermos Ronald de Carvalho e Agrippino Grieco. Tambem os estudos de historia da musica brasileira, cujo mestre admiravel é hoje Mario de Andrade, e aos quaes Almir de Andrade prepara-se para dar um sentido cultural ainda mais largo.

Por alguns pesquisadores, esses estudos de historia social vêm sendo realizados por meio de uma technica mais nitidamente scientifica, mais concentrada ou definitivamente sociologica, anthropologica ou psychologico-social; por outros de maneira mais diffusa, ou sob o encanto de for-

mulas ou methodos de indagação, antes philosophicos e até literarios do que propriamente scientificos. Não deixa, entretanto, de haver interesse ou valor em estudos assim orientados, quando se conta com a penetração, a intelligencia, o talento especulativo dos autores. Interesse e valor para a explicação e para a critica de material folclorico ou de textos literarios até hoje virgens de qualquer analyse profunda de sua substancia humana e social ou de qualquer interpretação sob o criterio da literatura comparada: apenas expostos, annotados e criticados pelos sabedores da outra historia — a convencional e exclusivamente preoccupada com a evolução politica do povo brasileiro; com as suas guerras, os seus heróes, os seus governantes.

Referindo-me particularmente aos pesquisadores mais novos, que dentro do criterio da historia social ou cultural a que veem subordinando, uns nitida, outros um tanto diffusamente, as suas investigações, iniciaram uma phase nova na actividade intellectual brasileira, não desconheço o muito que ainda hoje realizam, dentro de orientação diversa, historiadores e estudiosos mais antigos do passado brasileiro. Mas a verdade é que os estudiosos mais jovens representam uma força renovadora como há muito não apparecia na vida intellectual brasileira. Esta só nos ultimos annos vem se libertando do exclusivismo de influencias doutrinarias francesas — como nos começos da Republica, do positivismo — para receber novos estimulos: não só da França — dos seus excellentes methodos modernos de geographia humana e de historia economica, por exemplo — como da Inglaterra, dos Estados-Unidos, da Alemanha, da Italia. Mas principalmente da França e dos Estados-Unidos.

Alludi ao professor Melville J. Herskovits, mestre norte-americano de anthropologia cujo criterio e cujos methodos de estudo anthropologico dos negros africanos e dos seus descendentes no Novo Mundo vieram dar novo vigor e perspectivas mais amplas ás pesquisas sobre o negro brasileiro, de que o professor Arthur Ramos é hoje, entre nós, o mestre mais completo e mais autorizado. Ao professor Herskovits sou particularmente devedor de valiosa assistencia intellectual na organização dos programmas do curso com que tive a honra de inaugurar em 1935 o ensino da anthropologia social e cultural na Universidade do Districto Federal, continuado depois, com maior competencia, pela professora Heloisa Alberto Torres. Igual assistencia me prestaram então, com um espirito de cooperação intellectual pouco frequente entre os estudiosos nos países latinos, outros especialistas norte-americanos, que concorreram com o seu saber e a sua experiencia para a organização dos actuaes cursos de sociologia e de pesquisas sociaes da Universidade do Districto Federal: o dr. Stephen Duggan, do Instituto Internacional de Educação, o professor Ellisworth Faris, da Universidade de Chicago, o professor Willard Waller, do Collegio do Estado de Pensylvania, o professor A. J. Todd, da Universidade Northwestern.

Deve-se levar em conta, na actual renovação dos estudos sociaes no Brasil, a influencia de outros mestres estrangeiros, quer indirecta, através de brasileiros especializados naquelles estudos em universidades européas ou americanas, quer directa, por meio de professores europeus e americanos que veem, nos ultimos annos, professando materias de sua especialidade ou predilecção em universidades brasileiras: o professor Deffontaines, o grande mestre francês de geographia humana, na extincta

Universidade do Districto Federal e na de São Paulo; o professor Pierre Monbeig, outro illustre geographo francês, na Universidade de São Paulo; o ethnographo francês professor Claude Lévy-Strauss e os sociologos, tambem franceses, professores Arbousse Bastide e Roger Bastide, em São Paulo; os pesquisadores norte-americanos Lowrie e Davis, em São Paulo; os professores franceses Hauser, de historia economica, e Leduc, de economia social, na Universidade do Districto Federal. Em Pernambuco, vem realizando obra interessante de pesquisa historica o sr. Theodoro Kadletz. E poderia accrescentar outros estrangeiros, como os professores Hermann Wätjen, Preston James, Lewis Hanke, Max Handman, Frank Tannebaum, Rüdiger Bilden, Robert C. Smith, Donald Pierson, — sem falar no padre Serafim Leite, quasi tão do Brasil quanto de Portugal, pelos seus profundos estudos de historia da Companhia de Jesus na America portuguesa — cujo estimulo tem sido dos mais beneficos para a renovação dos estudos sociaes — particularmente os de historia social e cultural — no Brasil: para a actualização dos methodos e da technica desses estudos. E' em parte sob o estimulo de Wätjen que José Antonio Gonsalves de Mello, neto vem se especializando na investigação de aspectos sociaes do dominio hollandês no Norte do Brasil. A Rüdiger Bilden, hoje professor contratado da Universidade de Fisk, e, como eu, antigo discipulo de anthropologia do professor Franz Boas na Universidade de Columbia, sou devedor de suggestões para o estudo da historia social do Brasil em comparação com a de outras areas americanas, tão valiosas como as que devo ao proprio professor Franz Boas. O mesmo direi com relação a outro dos meus antigos collegas da Columbia, hoje espe-

cialista no estudo da escravidão e do patriarchalismo na Carolina do Sul: o professor Frances Butler Simkins.

Talvez em nenhum outro campo se possa exercer mais vantajosamente a cooperação, o intercurso, a reciprocidade intellectual entre estudiosos de países diversos, do que neste: os estudos de historia social ou cultural. Particularmente entre estudiosos de países como os nossos — Portugal e suas colonias e o Brasil. Países que — ainda uma vez repito — nos seus motivos essenciaes de vida e nos seus estilos fundamentaes de cultura se assemelham profundamente, apresentando-se com uma serie de problemas de interesse commum, embora com apparencias ou aspectos nacionaes e regionaes diversos.

E um dos resultados do maior interesse dos novos estudiosos brasileiros pelos elementos sociaes na formação do seu país — elementos outrora tão encobertos pelos politicos — vem sendo justamente este: a necessidade que todos sentimos de conhecer nos seus aspectos mais intimos a historia e a vida social da gente portuguesa e dos luso-descendentes da Africa, da Asia e das ilhas, para melhor nos conhecermos a nós mesmos, descendentes dos colonizadores portugueses da America. Porque a verdade é esta: nenhum genero de literatura afasta mais os povos, uns dos outros, do que a historia politica, a militar, a dynastica, com suas insistencias tantas vezes exaggeradas sobre a nota heroica ou estreitamente patriotica; nenhum ramo de sciencia social — ás vezes alongada em literatura ou philosophia social — aproxima mais os povos uns dos outros do que a historia social e cultural, com o destaque que dá ao que há de mais profundamente humano nas relações de umas culturas com as outras.

E' precisamente sob este criterio que o estudo do elemento português na formação do Brasil ganha o seu maior interesse e se torna, sem sacrificio de sua dignidade intellectual ou scientifica, como que a base de uma politica de verdadeira aproximação entre o Brasil e Portugal e os povos da Africa, da Asia e das ilhas colonizadas pela gente portuguesa.

III

Suggestões para a cooperação luso-brasileira no estudo de problemas de historia de arte culta e popular.

Creio que em nenhum genero de estudos se impõe com maior insistencia a cooperação de brasileiros com portugueses e luso-descendentes de outras terras do que neste: o estudo de problemas de historia de arte culta e popular communs aos nossos países. O inventario, a analyse e a interpretação das obras de arte realizadas pelos portugueses na Europa — principalmente depois das conquistas e das navegações — e por elles ou influencia delles nos países onde predominou o typo lusitano de colonização. Nos países de formação portuguesa como o Brasil.

Só por esse esforço em commum será possivel determinar com segurança os caracteristicos geraes da arte de sabor português e suas differenciações nas varias terras onde se fez sentir não só a influencia do sangue como a da cultura da gente de Portugal. Um povo com uma capacidade unica de perpetuar-se em outros povos. Dissolvendo-se nelles a ponto de parecer ir perder-se nos sangues e nas culturas estranhas, mas ao mesmo tempo communicando-lhes tantos dos seus motivos essenciaes de vida e tantas das suas maneiras mais profundas de

ser, que, passados seculos, os traços portugueses se conservam na face dos homens e na physionomia das casas, das igrejas, dos moveis, dos jardins, das embarcações, das fôrmas de bolo.

A arte de origem portuguesa, na America como na Africa, na Asia e nas ilhas, está cheia dos riscos de tão esplendida aventura de dissolução. Portugal seguiu em sua politica colonizadora aquellas palavras mysteriosas das Escripturas: ganhou a vida, perdendo-a. Dissolvendo-se. Por isso tantos dos seus valores de arte mais caracteristicos persistem. E persistem em combinações e differenciações inesperadas, mas que guardam o sabor do original: o gosto das raizes hispanicas.

A architectura religiosa portuguesa conservou-se no Brasil quasi sem alteração. A militar, igualmente. Nas proprias casas-grandes patriarchaes, tão cheias de combinações novas, os traços essenciaes conservaram-se os portugueses. Na arte do doce, na da cozinha, na da louça, na do jardim, na do movel, na da esculptura religiosa, na dos trabalhos de ouro e prata, na dos instrumentos de musica, na dos brinquedos dos meninos, na das embarcações de rio e mar, a força criadora do português, em vez de se impor com intransigencia imperial, ligou-se, no Brasil, ao poder artistico do indio e do negro e, mais tarde, ao de outros povos, sem entretanto desapparecer: conservando-se em quasi tudo o elemento mais caracteristico.

Esse poder de persistencia do espirito português na arte é admiravel e merece ser estudado com amor e vagar, no Brasil como nos outros países de colonização portuguesa. Do mesmo modo é preciso que se estude nos objectos de arte brasileira a influencia da India, da Africa, da China, do Japão, através de Portugal, onde tantos traços exoticos foram assimilados, antes de se communicarem ao

Brasil. Outros, ao que parece, nos vieram directamente daquellas e de outras terras e no Brasil é que foram assimilados ao todo luso-brasileiro.

Por outro lado, não deixou de haver sobre a arte culta e popular de Portugal, suggestão da natureza brasileira. Não só suggestão dessa natureza em seu estado cru, como a influencia de uma paisagem e de um meio social coloridos fortemente pela escravidão e pela miscegenação. Esses traços de influencia ou de suggestão da natureza crua e da paisagem colonial brasileiras sobre a arte portuguesa da Europa — ponto a que voltarei com mais vagar — estão exigindo uma analyse pachorrenta e demorada. Elles se encontram nos doces — nos quaes certos ingredientes brasileiros se juntaram aos da India e da Africa, ou simplesmente aos tradicionaes, portugueses, para produzirem combinações novas para o paladar, para o olfacto, para a vista. Nos jardins — os deliciosos jardins portugueses — onde mais de uma planta brasileira se tornou elemento valiosissimo de côr ou de forma artistica inteiramente nova para a Europa. E o pesquisador há de descobri-los tambem na arte do azulejo — influenciando-lhe os motivos; na da esculptura; talvez na da propria filigrana; na da pintura; na da louça.

Na pintura portuguesa erudita são traços ou suggestões brasileiras a surprehender e fixar, certas notas de côr local que apparecem em retratos de personagens portugueses que estiveram no Brasil. Não só manchas de côr convencionalmente brasileira — papagaios, araras, outros passaros — como evocações da nossa vida patriarchal e perto da mata virgem: figuras de indios e de escravos negros; trechos de natureza ou de paisagem meio bruta; vultos de animaes terriveis.

E não nos devemos esquecer dos numerosos retratos de brasileiros — por conseguinte interpretações artisticas de um typo de homem ou de mulher de origem portuguesa já differenciado do europeu pelo cruzamento ou por influencias poderosas de meio physico e de condições sociaes — que se encontram em Portugal. Uns em museus, outros em casas particulares.

Ainda um desses dias, o sr. Carlos da Silva Lopes — que é um dos pesquisadores mais esclarecidos dentre os da geração mais nova de estudiosos de assumptos de historia da arte e de conservação de museus de arte antiga que aqui encontrei — mencionava-me quatro retratos, existentes no Museu das Janelas Verdes, de brasileiros illustres dos principios do seculo XIX. E estes, trabalhos de alto valor artistico: obra de Domingos Antonio de Sequeira. Os retratados, deputados brasileiros ás Côrtes de Lisboa — Alexandre Gomes Ferrão, Cypriano José Barata de Almeida, Francisco Agostinho Gomes, José Lino Coutinho — faziam parte do grupo de representantes ás Côrtes de 1820 que o illustre pintor português teve a idéa de pintar. Seria um quadro grandioso: a expressão do seu enthusiasmo pelas idéas liberaes. Mas veio a reacção e o projecto fracassou. Restam-nos apenas algumas figuras.

E' ainda ao sr. Carlos da Silva Lopes que devo interessante communicação sobre um retrato do conde de Paraty, hoje pertencente ao genro daquelle titular, o commandante Paiva Couceiro, que gentilmente me franqueou o quadro a exame e me autorizou a photographá-lo, caso o desejasse. Retrato pintado no Rio de Janeiro e com atmosphera brasileira. Assigna-o certo Almeida que o commandante Paiva Couceiro suppõe com boas razões português, mas que pode ter sido artista bra-

sileiro, discipulo de português ou de italiano de Lisboa. Não devem ter sido raros os brasileiros que no seculo XVIII e nos principios do XIX receberam em Lisboa, de mestres portugueses ou italianos, educação artistica, ás vezes esmerada. Informa-me o sr. Carlos da Silva Lopes que o esculptor italiano João Grossi teve em Lisboa, no seculo XVIII, dois discipulos brasileiros: Felix da Rocha e José Tenorio. São casos que devem ser estudados com minucia, para que se esclareça melhor aquella interpenetração de influencias e se illuminem aspectos do problema de influencia italiana, por intermedio da Metropole, sobre a arte brasileira do seculo XVIII.

Na arte popular são ainda mais numerosos do que na culta os pontos de interpenetração de influencias, cujo estudo pede a collaboração de pesquisadores brasileiros e portugueses. Não pretendo suggerir neste rapido trabalho senão um ou outro aspecto mais esquecido da serie de problemas communs de arte popular que exigem a cooperação dos technicos dos dois países para o seu esclarecimento. Já hoje é acceita pelos melhores architectos brasileiros a vantagem de estudarmos os problemas de architectura no Brasil, tendo sempre em vista sua proximidade da velha architectura portuguesa — da popular e não apenas da erudita — e da que os mestres portugueses adquiriram no contacto com os mouros e com o Oriente. Pelo melhor conhecimento das semelhanças é que fixaremos com mais segurança as differenças.

No Brasil, já suggeri, em notas sobre a historia social da casa-grande patriarchal dos engenhos de açucar, que a architectura portuguesa acabou soffrendo a influencia do *amollecimento,* em que se abrasileiraram, com vantagem para a melhor adaptação do elemento europeu ao meio physico e

ao ambiente social dos tropicos, tantos valores portugueses. Suggestão que o architecto Lucio Costa, estudando recentemente o assumpto do ponto de vista technico, não só approvou como esclareceu com admiravel nitidez: "nos compromissos de adaptação ao meio" — escreve o architecto — é que teria se perdido "um pouco daquella *carrure* typicamente portuguesa..." A tradição de technica de architectura domestica transmittida pelos primeiros colonos portugueses ao Brasil teria sido principalmente a popular, através de mestres e pedreiros incultos, o que, segundo o sr. Lucio Costa, longe de ter significado um mau começo, ao contrario, conferiu desde logo "á architectura portuguesa na colonia esse ar desprentesioso e puro que ella soube manter, apesar das vicissitudes por que passou até meados do seculo XIX."

Dentro do criterio de interpenetração de influencias, deve-se procurar surprehender possiveis traços de abrasileiramento ou de amollecimento na architectura domestica e na decoração dos interiores, e talvez na propria architectura das capellas e casas pias mandadas construir por portugueses de regresso do Brasil, que vieram acabar os dias nas aldeias nativas. Nem sempre terão elles se limitado a levantar chalés simplesmente vistosos — ás vezes terrivelmente vistosos — de novos-ricos, mas alguns terão trazido para as aldeias nativas — para as casas e as capellas — um ou outro traço de doçura brasileira de linhas, uma ou outra suggestão de lyrismo tropical, e não apenas novos elementos de vantagem simplesmente technica ou hygienica: o maior numero de janelas nas casas, por exemplo; talvez um maior gosto pelo ar livre e pela claridade e, ao mesmo tempo, pelas varandas, pelos terraços, pelos telhados acaçapados em volta dos edificios: casas e mesmo capellas. Não deve-

12667/42

UNIVERSIDADE DA BAHIA - FACULDADE DE MEDICINA BIBLIOTECA BRASILIDUM

mos ser injustos com os novos-ricos: a elles se deve a introducção na Europa burguesa de alguns dos melhores valores artisticos e hygienicos que nos vieram do Oriente depois dos contactos commerciaes dos seculos XVI, XVII e XVIII.

Um dos aspectos mais interessantes para o problema — talvez já menos de esthetica do que de psychologia social — de interpretação e de caracterização do espirito luso-brasileiro através das suas manifestações de arte popular e de arte culta, de interpretação e de caracterização do que esse espirito offereça de geral, de transnacional, de commum aos dois países — é justamente este: a arte da cása, a architectura domestica, sua decoração, o movel, o oratorio, o vasilhame, o vestuario, o adorno das pessoas, o jardim. Resvalo aqui para assumptos de minha predilecção; mas a verdade é que é a arte da casa, junto com a do movel, a do oratorio, a do vestuario, a do vasilhame, a do jardim, que melhor exprime os desejos e o caracter dos homens.

E' evidente que o espirito luso-brasileiro apresenta, em suas tendencias de arte, principalmente de arte popular — as mais ligadas áquelles desejos — caracteristicas geraes que se estendem, varias dellas, aos demais grupos que constituem hoje o mundo luso-afro-asiatico-brasileiro. As preferencias por côres — as côres das casas, da flores, das igrejas, dos vestidos, dos barcos, dos ex-votos das promessas á Virgem, ao Santo Christo e aos santos, dos enfeites de doces — parecem ser esssencialmente as mesmas entre a gente do povo do Brasil, de Portugal, das ilhas e das colonias portuguesas mais europeizadas. Embora nos faltem inqueritos scientificamente orientados a esse respeito, pode-se quasi affirmar que, de modo geral, as preferencias por côres coincidem nos dois países, pelo menos entre a gente do povo e as populações ruraes. E' noto-

ria a predominancia dos cinzentos, dos pardos e dos azues paleotechnicos nas cidades e nos meios mais industrializados do litoral de Portugal e do Brasil: mas mesmo nessas areas, conservam-se trajos como o das bahianas — tão cheio de côres vivas como o das mulheres de Vianna; e no Rio de Janeiro, na Bahia, no Recife, os panos ou as fazendas de maior consumo popular parece que são ainda as amarelas, verdes, roxas, vermelhas. Na pintura das casas do povo e dos barcos, no vestuario das mulheres, lá como aqui, dominam, segundo parece, os tons vermelhos. Menos, talvez, os excessivamente vivos e brilhantes, que os pallidos, inclusive o côr-de-rosa, que Aubrey Bell notou ser tão usado em Portugal: até para enfeites de caixão de defunto. Se é certo que o dominio dessas côres, como o do amarelo e do verde, é quebrado frequentemente, entre a gente do povo — pelo menos no Brasil — não só pelo azul-escuro paleotechnico dos macacões, dos dolmans, das blusas de operarios modernos, nas cidades mais industriaes do litoral e mesmo do interior, como pelo azul-claro e pelo roxo senhor-dos-passos dos vestidos de promessa á Virgem e aos santos, de modo nenhum o uso do vermelho vivo e do côr-de-rosa deixa de ser caracteristico e significativo para a interpretação do espirito artistico luso-brasileiro na sua maior pureza, que é a folclorica.

Nos sobrados e casas nobres dominou nos dois países, antes de qualquer influencia paleotechnica, o azul dos azulejos — ás vezes salpicados de amarelo ou de roxo. Mas mesmo aos sobrados e ás casas nobres ia e vae o gosto folclorico pelo vermelho — inclusive o vermelho sangue-de-boi — e pelo côr-de-rosa, tão utilizados, outrora, na decoração das nossas casas melhores, na sua pintura interna, na pintura dos moveis — os vastos jacarandás

patriarchaes — e, ainda, preferidos para o papel de enfeitar doces de dias de festa e de tabuleiro.

Nas embarcações de mar e de rio, de pesca ou de transporte leve, parece que se o azul é usado largamente — talvez como côr protectora — quasi nunca falta a nota de uma côr mais viva — amarelo ou vermelho principalmente. E no tocante ás embarcações, seria interessantissimo o estudo de arte comparada que indicasse não só as predominancias de côr como as semelhanças de linhas entre os barcos brasileiros, os portugueses, os das ilhas e os das colonias, para melhor conhecimento das differenças nacionaes e regionaes que resultam, em Portugal de especializações particularissimas a regiões — o batel de Espozende, o de Peniche, o de Seixal, o catraio do Sul, a focinheira de porco de Ericeira, o ilhano de Tarrafo, a chata do Tejo — e no Brasil, e em algumas colonias, de adaptações vantajosas do barco português a novas condições physicas de meio ou da assimilação de elementos de arte indigena.

Interessante será tambem o confronto do vasilhame português com o brasileiro, para estudo das particularidades nacionaes e de região. Os objectos de cozinha e de casa de interesse esthetico, são, em grande numero, os mesmos em Portugal, nas suas colonias mais europeizadas e no Brasil. A mulher portuguesa deixou esse traço profundo de unidade nas diversas zonas de colonização mais influenciadas por ella. Ainda recentemente, visitando em Lisboa o velho casarão chamado da Pimenta, onde o gosto e a pachorra do casal Jorge Graça reconstituiram com esmerada exactidão uma antiga casa fidalga de portugueses, senti, mais uma vez, quanto foi forte e profundo o dominio da mulher lusitana na colonização patriarchal do Brasil: o ambiente da cozinha e da copa da casa portuguesa

conservou-se essencialmente o mesmo na cozinha e na copa dos velhos sobrados brasileiros. O mesmo vasilhame gordo e pratico. As mesmas tigelas, quartinhas, boiões, tachos, botijas, alguidares, pratos fundos, caldeirões — suggerindo as mesmas canjas espessas, os memos cozidos gordurentos, os mesmos molhos grossos e picantes, o mesmo arroz doce com canela, os mesmos bolos com vinho do Porto, os mesmos doces com cravo. As fôrmas de bolo são tambem as mesmas: bem sentimentaes, algumas um tanto eroticas: em forma de coração, de meia-lua, de flor, de estrella, de passaro. As mesmas peças arabes e do Oriente, algumas das quaes os portugueses introduziram na Bahia e em Pernambuco, quasi ao mesmo tempo que na cozinha, na mesa e na sobremesa da Europa. Tambem algumas brasileiras, indigenas, que elles assimilaram ao seu vasilhame e são hoje valores communs: certo typo de balaio, parece que certo typo de pote, tudo gordo, bojudo, patriarchalizado.

Não preciso salientar a esta altura a importancia artistica das madeiras brasileiras, empregadas depois do seculo XVI por artistas portugueses e indianos no preparo de moveis, de bengalas, talvez mesmo de chapéos-de-sol, e principalmente no de portas das casas mais nobres, das igrejas e dos palacios. Peças, todas estas, que em sua expressão esthetica tomaram aspectos novos, não só devido á qualidade das novas madeiras como pela utilização de motivos da fauna e da flora do Brasil. Dessas obras em madeira recordarei, como exemplo, as que se podem admirar na sala de jantar da casa dos condes de Sabugosa em Santo Amaro, esculpidas em madeiras de Pernambuco e tendo por motivos de ornamentação frutas brasileiras.

Isto me faz voltar áquelle aspecto das relações artisticas do Brasil com Portugal a que já alludi

no começo deste trabalho: a influencia que as suggestões da natureza brasileira teriam exercido sobre a arte portuguesa, não na pura esphera do pittoresco — os frutos, os papagaios, as araras, os indios, os bichos, as plantas brasileiras que surgem em certos retratos ou pinturas portuguesas, de sabor erudito, para animá-las de exotismo ou de côr, vamos dizer, colonial — mas num sentido mais largo: no sentido de um verdadeiro "naturalismo" ou "naturismo" lyrico, espontaneo, romantico, em opposição ao orientalismo, ao esthetismo, ao quasi preciosismo de inspiração arabe, indiana e, até certo ponto, chinesa.

Ramalho Ortigão, no seu ensaio *O culto da Arte em Portugal,* lembra quanto os descobrimentos, as conquistas, o commercio dos seculos XVI e XVII enriqueceram a paisagem portuguesa na Europa — e, poderia ter accrescentado, a paisagem européa, através de Portugal — pela introducção de plantas uteis. Uteis e ao mesmo tempo — accrescente-se — decorativas. Não só o gengibre de Malabar, a canela de Ceylão, o cravo das Molucas, o benjoim do Achem, como as tecas de Cochim, o pau de Solor, o anil de Cambaia.

O admiravel escriptor esqueceu-se, porém, do Brasil e da influencia, tambem consideravel, de sua natureza e da arte do seu "homem natural", sobre a paisagem portuguesa, sobre o scenario europeu, sobre a vida civilizada, na qual se introduziram, tão rapidamente, a arte plumaria e a da rede, vindas dos indios da America, ao mesmo tempo que se desenvolveram novas artes como a do cachimbo e a da caixa de rapé, estimuladas por costumes amerindios.

Quando á influencia pura da natureza, talvez venha a apurar-se um dia que a brasileira concorreu de modo poderoso para verdadeira revolução

na esthetica da paisagem européa. Revolução que viria a operar-se depois das conquistas e dos descobrimentos dos portugueses. Depois, sobretudo, que o conhecimento dos jardins chineses e o contacto com a mata americana — de uma belleza anarchica — abriram o caminho para certo á-vontade no arranjo dos jardins ingleses, hollandeses, espanhóes e particularmente nos portugueses, para a sua romantização em pedaços tanto quanto possivel vivos e agrestes da natureza, com plantas e flores das ilhas mais quentes do Atlantico, com roxos, amarelos, vermelhos e verdes do Brasil tropical.

Para o que acabo de chamar de revolução esthetica da paisagem européa verificada depois das conquistas e dos descobrimentos, concorreram grandemente, na verdade, plantas, arvores, flores e animaes brasileiros com suas côres brilhantes, com suas formas mais agrestes que as do Oriente, com seu viço, com sua turbulencia selvagem, com sua rebeldia ás convenções de symetria da Europa occidental ou do Oriente mais requintado.

Aos portugueses pode-se associar, mais do que a qualquer outro povo, o começo de nova epoca paisagistica na Europa. O inicio de uma renovação do scenario europeu no sentido romantico da expressão mais livre e mais natural das plantas e dos animaes nos jardins. Para essa renovação, repito, concorreram as plantas e as flores brasileiras com a sua espontaneidade, com a sua diversidade, com a sua variedade, difficeis de ser podadas, policiadas e uniformizadas pelas regras do classicismo occidental ou do geometrismo arabe. Os portugueses souberam, com o seu seguro senso de equilibrio de valores, inclusive os estheticos, accommodar aquellas plantas exoticas ás tradicionaes da Europa, á estatuaria européa de jardim e aos azulejos dos arabes, em combinações novas e felizes.

Combinações em que o exotico, sem gritar nem ferir os olhos, entrou na paisagem demasiadamente polida da Europa com uma nota de naturalidade que refresca a vista, que alegra os olhos cansados de symetria. Esse respeito á espontaneidade e á naturalidade das plantas vindas de longe pode-se admirar ainda hoje nos jardins mais caracteristicamente portugueses como os dos marqueses de Fronteira e condes da Torre, tão á vontade sob o cuidado de um chacareiro velho que por muito tempo cuidou de jardins em Pernambuco, um artista desconhecido que se delicia em fazer obra de luso-brasileirismo com as plantas e as flores. São jardins, os da velha casa dos marqueses de Fronteira, que me parecem da maior significação para o estudo do espirito artistico do português nas suas qualidades mais caracteristicas, entre ellas o poder de assimilação do exotico e a capacidade para combiná-lo com os elementos mais tradicionalmente portugueses.

O movimento de renovação esthetica da paisagem européa pelos portugueses, menos pelo contacto dos seus navegantes, homens d'armas e commerciantes com o Oriente voluptuoso do que com o Brasil selvagem, não teve ainda quem o destacasse, menos ainda quem o estudasse. Aqui me limito a suggerir a sua importancia e o seu sentido sadia e não morbidamente romantico mas que não deixa de confundir-se com o de outras renovações esthetícas — francamente no sentido romantico — do scenario e da vida européa, depois das conquistas e dos contactos mais demorados dos europeus com a America. Renovação de que a paisagem e o indigena do Brasil foram motivos ou estimulo poderoso, através de europeus sensiveis aos encantos da natureza selvagem e do chamado homem natural — esse homem natural que, um pouco por influen-

cia do indigena brasileiro, se tornaria a base de uma philosophia e de uma politica européas, como acaba de indicar, em paciente estudo das origens brasileiras da theoria da bondade natural, um dos ensaistas mais lucidos da moderna geração brasileira, o professor Affonso Arinos de Mello Franco. Em Portugal, como, depois, no Brasil do Imperio, o "homem natural", o indio brasileiro de pennas e flecha, tornou-se desde o seculo XVI uma figura muito da pintura realista — onde apparecia como nota exotica ou colonial — e tambem da symbolica: symbolo de certo vago rousseauismo de burgueses apaixonados de longe pela natureza selvagem. Figura commum na estatuaria dos jardins, das fontes e do frontão dos sobrados, e, juntamente com o macaco, com o papagaio, com a arara e com outros bichos brasileiros, usados tambem na arte portuguesissima do paliteiro de louça ou de prata. Nessa popularidade da figura do indio na arte domestica, pode-se surprehender a influencia ideologica ou sentimental da natureza brasileira sobre os burgueses do Reino e da colonia.

Sabe-se — e ainda há poucos annos o salientou em pagina intelligente o professor americano Jay Barret Botsford, discipulo, como eu, do professor William Shepherd, da Universidade de Columbia, em questões de geographia historica ligadas á expansão européa — particularmente a hispanica — no Novo Mundo — que a renovação do scenario europeu pela suggestão — no caso, suggestão esthetica — do indigena americano, se fez sentir de modo notavel na arte do vestuario europeu, nas modas da mulher — sempre tão gulosa de novidade — e no proprio trajo dos homens. E essa renovação no sentido de soltar, simplificar, aproximar da natureza esses trajos. Pelo que já se batia, no seculo XVI, um erudito protestante que acompanhou ao

Brasil uma das expedições de conquistadores franceses: Jean de Léry. Pelo menos com relação ao modo de vestir menino novo.

No mesmo sentido e por suggestão esthetica e sentimental da natureza tropical do Brasil, é que parece ter havido renovação, ou mesmo revolução, da paisagem do "jardim da Europa á beira-mar plantado". Não creio que se possa attribuir a influencias mais poderosas do que esta o caracter romantico, lyrico, "natural", que tomaram os jardins portugueses, em contraste com os rigidos, geometricos, symetricos, da esthetica convencionalmente européa, que se conservaria caprichosamente pura nos jardins franceses e italianos.

Os jardins assim romanticos, á portuguesa, e, até certo ponto, á inglesa, com o á-vontade de seus canteiros, o agreste de seus tufos, o viço de seus verdes, seus vermelhos, seus amarelos tropicaes e semitropicaes, tornaram-se admirados na Europa. Tão admirados que a poesia inglesa do seculo XVIII os celebra em versos illustres. Não é outro o typo de jardim que o poema de Cowper exalta:

> "... The golden boast
> Of Portugal and Western India, there
> The ruddier orange and the paler line
> Peep through their polished foliage at the storm
> And seem to smile at what they need not fear."

Mas não só essas plantas: tambem as dos lugares distantes — inclusive, é evidente, do Brasil:

> "All plants of every leaf that can endure
> The winter's frown is screened from his shrewd bite
> Live there and prosper. There Ausonia claims
> Levantine regions these; the Azores send
> Their jessamine, her jessamine remote,
> Caffraria; foreigners from many lands."

Essa renovação da paisagem pela suggestão ou por influencia da natureza tropical, que de modo particular se exprimiu nos jardins, teria se verificado particularmente por intermedio de portugueses de volta de Açores, de Madeira, da America. Não só fidalgos como o conde da Torre e o conde de Paraty, que tendo desempenhado missões administrativas, militares ou diplomaticas no Brasil, de lá voltaram á Europa impregnados do ambiente tropical: por intermedio tambem de homens de origem humilde enriquecidos na terra americana e marcados para sempre por ella e pelos seus encantos.

E aqui voltamos á acção dos novos-ricos, tão calumniados, quando a verdade é que aos emigrados felizes e bem succedidos no Brasil e noutras terras novas, a Europa em geral, Portugal em particular, devem a introducção, em sua paisagem, em seu scenario, em sua vida, de uma serie de valores estheticos — no momento, os unicos que nos interessam. Os novos-ricos de volta do Oriente e da America concorreram para embellezar o interior das casas portuguesas, com suas porcellanas, seus tapetes e seus leques finos da India, da China e do Japão, suas redes de plumas e seus tapetes e chinelos de pelles de animaes do Brasil, seus marfins da Africa.

Alguns trouxeram comsigo caboclas e mulatas brasileiras, para não falar nos indios enfeitados de pennas e nos mulequinhos de turbantes e de brincos que os novos-ricos e os fidalgos opulentos dos seculos XVI e XVII mandavam vir de longe para dar de presente aos amigos illustres. Mulatas cozinheiras, amas de leite, mucamas. As mulatas quituteiras devem ter agido no sentido do enriquecimento da doçaria e da culinaria portuguesas. Consideravel deve ter sido tambem sua influencia no folclore e na arte popular dos recantos de provincias

portuguesas onde se fixaram com suas chinelas, suas joias, seus amuletos, seus chales, seus turbantes, seus balangandans, suas modinhas, seus sambas, suas crendices.

De Pernambuco, diz-se que um português do Norte, enriquecido no commercio, trouxe para Portugal, no começo do seculo XIX, certa mulata quituteira e contadora de historias que teria influido sobre a formação de Almeida Garrett, povoando-lhe a imaginação, a sensibilidade, o gosto, de impressões da paisagem brasileira, da vida crioula, da doçaria dos engenhos. O mais recente interprete de Garrett recorda em seu livro uma pagina do escriptor cheia de reminiscencias de cannaviaes e engenhos de canna brasileiros, attribuindo-a a historias que teria contado ao menino imaginoso a tal mulata brasileira — assumpto de que, aliás, já se occupara Ferreira Lima em artigo na *Revista de Lingua Portuguesa*.

Muitas mulatas dessas acompanharam a Portugal portugueses enriquecidos no Brasil — algumas até como esposas, senhoras-donas cheias de aneis com pedras preciosas do Brasil nos dedos — e deve haver traços — repito — de influencia brasileira no folclore, na arte popular de Portugal, e — como no caso de Garrett — na formação artistica de portugueses illustres — que tenham sido introduzidos no país por intermedio de mulatas ou caboclas; de octorunas ou quadrarunas da Bahia, de Pernambuco, do Rio de Janeiro, do Pará.

São problemas da natureza dos que acabo de suggerir, destacando de um ou outro algum aspecto mais esquecido, que precisam de ser estudados em conjunto, por pesquisadores portugueses e brasileiros, animados do gosto de collaborar, dotados da capacidade de cooperar. O estudo do elemento português na formação do Brasil nos leva ao

estudo de elementos exoticos no desenvolvimento da cultura portuguesa e da luso-brasileira. Elementos que precisam de ser fixados, determinados.

A cooperação nesses estudos se impõe com tanta força que contra ella não prevalecerão os restos de brasilophobia em Portugal nem os de lusophobia no Brasil. Os homens das gerações mais novas, aqui como lá, sentem que ao lado das patrias politicas existe esta realidade innegavel: a unidade cultural luso-brasileira ou luso-afro-asiatico-brasileira, a que pertencemos todos, portugueses e filhos de países colonizados pela gente de Portugal. Essa realidade cultural se apresenta com problemas que exigem para o seu esclarecimento e para a sua interpretação a mais intelligente e constante das cooperações.

IV

O Nordeste do Brasil e seus pontos de contacto com outras areas americanas especializadas na producção do açucar (1).

A monocultura latifundiaria e escravocrata, em beneficio de um grupo privilegiado de familias — quasi todas de origem portuguesa, uma ou outra fundada por europeu de procedencia diversa: espanhola, florentina, hollandesa, alemã, inglesa, francesa — caracterizou o desenvolvimento do Nordeste do Brasil, que é em nosso país a região tradicional do açucar. Dentro de semelhantes condições de technica de producção e de trabalho, e sob o favor de outras circumstancias, desenvolveu-se, nessa parte da America portuguesa, uma fidalguia rural de um cavalheirismo ás vezes morbido e até sadico — um tanto semelhante ao monosexualismo dos sehores das plantações das Indias Occidentaes Inglesas e do Sul dos Estados-Unidos — mas com qualidades aristocraticas sem duvida brilhantes e aptidões certamente superiores para a vida politica, para a actividade militar, para algumas formas de expressão literaria e artistica mais suaves, e até para a diplomacia, para a vida de salão e para o donjuanismo elegante.

(1) Lida na Universidade de Londres (King's College).

Toda tentativa de interpretação, psychologica ou social, do Nordeste do Brasil, terá que basear-se sobre o estudo daquelle systema de colonização agraria — o systema da grande plantação ou da grande lavoura, a exploração de um producto unico, e esta exploração, através do trabalho escravo. O escravo, menos o amerindio que o africano.

Foi a monocultura que deixou na paisagem e na vida do Nordeste marcas mais profundas. As casas-grandes, as capellas, os cruzeiros, os collegios de padre, as palmeiras imperiaes, os cavallos, as barcaças — tudo isso ennobreceu, em poucos annos, a região, de alguns dos valores mais altos de cultura européa: consequencia da riqueza accumulada rapidamente pela monocultura, pelo latifundio, pelo trabalho escravo, pelo commercio internacional dos judeus que se tornaram nos seculos XVI e XVII os grandes financiadores da lavoura da canna e da industria do açucar no Brasil. Mas essas mesmas forças criadoras, ou antes improvisadoras, de vida nobre e de valores europeus nos tropicos, agiram, por outro lado, no sentido da devastação, da polluição e da esterilização de algumas das mais valiosas fontes de vida e de alimentação regionaes. Aguas, matas, terras, animaes, populações e culturas indigenas.

O que succedeu no Nordeste do Brasil — area de formação profundamente portuguesa — succedeu, pela acção das mesmas influencias, e ás vezes com maior intensidade e até maior violencia, noutros trechos da America portuguesa, da espanhola, da francesa, da hollandesa, no Sul dos Estados-Unidos, nas Indias Occidentaes Inglesas. São regiões que apresentam semelhanças impressionantes, umas com as outras, nos aspectos mais caracteristicos de sua organização social, a despeito da diversidade de raça, de religião, e até de clima — em-

bora tenhamos de associar, de modo geral, o systema da grande plantação — principalmente a lavoura da canna de açucar — ás regiões tropicaes e sub-tropicaes da America, isto é, ás areas de clima mais ou menos quente, e, no caso da canna e do systema baseado sobre o seu cultivo, a qualidades especiaes de solo e a qualidades especialissimas de atmosphera.

A civilização do açucar na America, com aquelles caracteristicos geraes de monocultura latifundiaria e escravocrata, pede um estudo em conjunto, que surprehenda, fixe, interprete e compare as semelhanças e saliente as differenças entre as areas principaes. Estudo para ser feito de collaboração: um esforço em que se reunissem pesquisadores dos varios países, individuos e até associações de cultura especializadas no estudo das regiões mais caracteristicas de producção de açucar e, ao mesmo tempo, nos varios aspectos do problema da influencia da lavoura de canna e da industria e do commercio de açucar sobre os differentes trechos de solo e de paisagem do continente, sobre as varias formas de expressão de vida economica e social que tiveram o cannavial por base. Desde o aspecto geologico ou geographico ao anthropologico, ao economico, ao sociologico, ao psychologico, ao folclorico. Porque pode-se talvez dizer da America em geral — isto é, daquellas areas productoras de açucar tomadas em conjunto — o que já me aventurei a dizer do Brasil em particular: que a certa altura, sua historia tornou-se um capitulo da historia do açucar. E se alargarmos o objecto de estudo, das areas de açucar em particular, para as de monocultura latifundiaria e escravocrata em geral, serão ainda em maior numero os pontos de contacto na formação economica e social de varias regiões americanas. Entretanto, aos estudos

até hoje feitos sobre os differentes aspectos — differentes sob o criterio de assumpto e sob o da região — das sociedades monocultoras e escravocratas da America, tem quasi sempre faltado aquella tão necessaria visão de conjunto. Raras as excepções: estudos como o do historiador Oliveira Lima sobre a evolução historica da America chamada latina comparada com a da inglesa; como os do sociologo Keller sobre os differentes systemas de colonização, inclusive os do Novo Mundo; como os do critico literario Waldo Frank sobre os contrastes, por motivos que elle considera principalmente de ordem economica, entre a expressão intellectual e artistica da America puritana e a de outras populações americanas.

E' certo que um pesquisador norte-americano do Departamento de Sociologia da Universidade de Fisk, o dr. Edgar Thompson, me annuncia, em carta recente, que tem em preparo estudo minucioso sobre "plantation societies", ou sociedades agrarias, ou melhor, monocultoras e latifundiarias, no mundo antigo e no moderno: e entre as do mundo moderno, as do continente americano. Por conseguinte, a mais ampla visão de conjunto dos factos, para melhor analyse das condições regionaes. Certo, tambem, que esse é o criterio do professor Park e dos seus discipulos da Escola Sociologica de Chicago no estudo sociologico das modernas culturas hybridas — entre as quaes as de varias areas americanas. O criterio, ainda, do professor Rüdiger Bilden, nas suas investigações sobre a historia da escravidão na America, para melhor caracterização do systema escravocrata do Brasil em particular. Mas os estudos do professor Park, por um lado, os de Thompson, por outro, ecumenicos na sua orientação e nos seus fins, ainda se acham em começo, do mesmo modo que o trabalho

de Bilden se encontra ainda incompleto e por systematizar.

Continuamos, nos nossos estudos nacionaes e regionaes sobre a historia do açucar, em particular, e da grande lavoura, em geral, no continente americano, a não dispensar a attenção devida ás semelhanças e ás intimas relações entre as varias sociedades monocultoras e escravocratas. Semelhanças que se desenvolveram, já por effeito da mesma technica de producção, já pela irradiação de traços e pela interpenetração de influencias de cultura, através da extraordinaria mobilidade de dois elementos humanos associados mais ao trabalho, á technica e ao commercio do açucar que ao dominio imperial europeu no continente ou ás solicitações de patrias politicas em começo: o negro e o judeu.

Esses dois elementos apoliticos e extraordinariamente dynamicos, moveram-se na paisagem continental ao sabor dos interesses da producção do açucar, levando de uma area a outra traços de cultura moral e material, uns de procedencia européa ou asiatica, outros de origem africana. Traços que se espalharam sobre largos trechos do continente, quebrando fronteiras politicas, insinuando-se por entre exclusivismos de raça e de religião.

Sua mobilidade — num a mobilidade do homem internacional de negocios, noutro a do escravo transnacional — concorreu poderosamente para a irradiação de valores de cultura que tiveram no Nordeste do Brasil, particularmente em Pernambuco, seu primeiro foco no continente, sua primeira especialização em cultura, não só regional, como nacional.

As varias areas de cultura afro-americana, em consequencia da distribuição de escravos negros de procedencias diversas, veem sendo magistralmente

delimitadas, segundo a technica anthropologica mais moderna, pelo professor Melville J. Herskovits, emquanto sob o criterio sociologico veem estudando as varias sociedades hybridas do continente aquelles pesquisadores a cujos trabalhos já me referi: o professor Park e os seus discipulos da Universidade de Chicago (um delles o professor Donald Pierson), o professor Bilden, da Universidade de Columbia, o dr. Edgar Thompson, da de Fisk. Mas as migrações de valores de procedencia asiatica e européa, os deslocamentos de capitaes — tambem de procedencias varias — através dos judeus, não tiveram ainda um começo sequer de estudo systematizado.

Não preciso recordar aqui a attracção que a America exerceu sobre os judeus da Europa. A elles se deve, até certo ponto — porque é preciso não resvalarmos nos exaggeros de Sombart, por um lado, nem, por outro, nos de João Lucio d'Azevedo — a opulencia que em poucos annos alcançou a civilização do açucar na Nova Lusitania, isto é, no Nordeste do Brasil. Opulencia que empallideceu nos fins do seculo XVIII, depois de mais de cem annos de esplendor. E esse declinio, em grande parte, devido ao facto de algumas das maiores figuras de judeus, senhores da industria e do commercio do açucar, terem se deslocado com numerosos escravos africanos e afro-brasileiros, para outras partes da America que lhes pareceram então mais hospitaleiras ou mais liberaes, mais attrahentes para os seus capitaes e para a sua actividade de intermediarios. Outros judeus, homens de alta expressão intellectual, reconquistado o Nordeste do Brasil pelos catholicos portugueses, preferiram voltar á Europa — um delles com um poema sobre o cerco do Recife, em que vazou todo o seu odio aos reconquistadores. Alguns, mais accommodaticios

ou, pelo menos, mais plasticos, deixaram-se ficar no Brasil, onde aos poucos se dissolveriam na cultura e na raça triumphantes.

Com o dominio hollandês no Nordeste do Brasil, reuniram-se nessa região americana, mais á sombra dos armazens do que dos engenhos de açucar, judeus da melhor aristocracia intellectual da Europa. Rabbinos, doutores, sephardins illustres. M. Keyserling diz no seu estudo sobre os rabbinos e escriptores judeus que se suppõe terem fundado a literatura israelita na America (*The Earliest Rabbis and Jewish Writers of America*) que entre os primeiros sefardins a seguirem para o Brasil estava Ephraim Sueiro, parente proximo de famoso rabbino de Amsterdam, Menasse ben Israel; e que o proprio Menasse ben Israel quis em 1640 partir para o Brasil afim de entregar-se ao commercio. Possivelmente, o commercio de açucar no Recife. "Não foi a ganancia — diz todo apologetico M. Keyserling — que impelliu a tal resolução o devotado servidor da sciencia, mas a necessidade: elle não podia sustentar a familia com o pequeno salario que lhe pagava a grande e rica Congregação." E' o que indica, segundo M. Keyserling, certa carta a Grocio do velho Vossio, datada de janeiro de 1640: "Menasse Brasilian cogitat ... præcipue mercaturam exerceat. Non parum studia amat et gloriam sitit, sed res familiaris suadet quod dixit." Menasse não foi para o Brasil: conservou-se na Hollanda. Ahi, diz-se que tomou parte saliente na organização do regresso de judeus á Inglaterra. Mas o Recife ficou sempre na sua imaginação. E a judeus do Recife — Isaac Castanho, certo doutor Abraham de Mercado e outros — dedicou a segunda parte do seu *Conciliador*.

Se Menasse não foi para o Brasil, dois outros intellectuaes judeus, sephardins, quasi da mesma distincção do sabio que merecera elogios de Grocio, partiram para o Recife e ahi doutrinaram e ensinaram na Congregação: Isaac Aboab da Fonseca e Moysés Raphael de Aguiar. Aboab da Fonseca descreveria o cerco do Recife pelos restauradores do dominio português em poema cheio de raiva de propheta do Velho Testamento contra os homens de raça impura que restauraram aquelle dominio; principalmente Fernandes Vieira, "o traidor cuja mãe descendia de uma familia negra e que sempre ignorou o nome do pae". O illustre escriptor Caio de Mello Franco, por algum tempo secretario da nossa Legação na Haya, me informa ter auxiliado ao sr. J. S. da Silva Rosa, bibliothecario do *Portugeesh Israelitisch Seminarium Ets Haim,* de Amsterdam, a traduzir ao português moderno os quatorze cantos do poema de Aboab da Fonseca — tão cheio de commentarios interessantes sobre a vida no Recife do seculo XVII. Esse documento de grande significação para a historia intellectual e social do Brasil deverá ser publicado breve, talvez na *Collecção Documentos Brasileiros,* do Rio de Janeiro, com introducção e notas de Caio de Mello Franco e a reproducção de um retrato do famoso rabbino, pertencente á collecção do diplomata brasileiro.

A cidade americana que primeiro se viu engrandecida pela industria e pelo commercio do açucar, foi tambem o primeiro centro de cultura sephardinica no Novo Mundo. Era talvez de judeus do Recife aquelle escripto sobre questões liturgicas dirigido ao rabbi Sahbathai, de Salonica, que Kohut considera o primeiro vestigio de literatura israelita na America. Ao lado de Aboab da Fonseca e de Moysés de Aguiar, appareceriam Elizah Machorro

e Jacy de Andrade Velosino — este, grande medico, já nascido no Brasil — para dar ao primeiro cyclo de civilização do açucar na America — que foi o brasileiro, ou antes o do Nordeste do Brasil — os brilhos da cultura scientifica e da intelligencia literaria dos sephardins.

Toda essa florescencia de cultura israelita no Nordeste do Brasil coincidiu com a hollandesa, que teve sua expressão mais clara no conde Mauricio de Nassau e no grupo de sabios e artistas que o acompanhavam, ligando-se para sempre á historia intellectual da America. Dentre outros, Piso, Marcgraf, Plante, Franz Post, Zacharias Wagner. A cultura hollandesa na America, se teve outras areas de maior expansão, não attingiu em nenhuma brilhos de expressão scientifica e artistica mais intensos qué no Recife, com o conde Mauricio de Nassau e o seu sequito. Com os hollandeses, senhores do Nordeste do Brasil, a America teve o seu primeiro jardim botanico scientificamente organizado, o seu primeiro jardim zoologico, o primeiro observatorio astronomico, a primeira cidade planejada urbanisticamente: o Recife.

Foi sem duvida o açucar que tornou possivel, que favoreceu, que estimulou toda essa actividade intellectual, scientifica e artistica em país tão novo. O mesmo açucar cujos lucros vinham permittindo aos patriarchas portugueses da colonização da Nova Lusitania cercarem-se de confortos e de graças da civilização européa e até da asiatica — casas-grandes, igrejas, collegios, aulas de latim, vinhos finos, theatros, palanquins, colchas e louças da India — em terra há tão pouco tempo conquistada aos bugres e desbastada de matas virgens.

Não pretendo sequer esboçar a dispersão de judeus do Brasil por outras areas da America, depois da reconquista do Nordeste pelos portugueses.

Do assumpto já se occupou, embora em estudo ligeiro, um paciente pesquisador brasileiro especializado na historia dos judeus no nosso país: o sr. Solidonio Leite Filho. Não devemos nos esquecer da importancia desse movimento de capitaes e ao mesmo tempo de valores moraes, artisticos e scientificos de cultura sephardinica, do Nordeste do Brasil para outras areas americanas de producção de açucar, com consequencias de ordem economica e de natureza intellectual que ainda não foram consideradas devidamente e que são do maior interesse para a interpretação da historia economica e social, da grande lavoura, em geral, e do açucar, em particular, no Novo Mundo. Movimentos de população, de capitaes e de valores geraes de cultura sephardinica a que, muitas vezes, acompanharam massas consideraveis de escravos africanos já impregnados — como aliás os proprios sephardins — de cultura luso-brasileira. Dahi, talvez, as varias palavras portuguesas que o professor Herskovits encontrou no vocabulario dos negros da Guyana Hollandesa segregados há mais de seculo em matas daquella região.

Grande numero de judeus sabe-se que foram do Brasil para a Martinica: trezentos, só de Pernambuco. Nas immediações de Fort Saint Pierre, lembra Solidonio Leite Filho que Benjamim da Costa fundaria o primeiro engenho de açucar, sendo possivel que não somente a technica do fabrico do açucar, já adaptada, no Brasil, a condições americanas, como a de construcção de casas-grandes com vastos alpendres ou varandas, alterassem a paisagem da ilha. Porque, em sua essencia, o systema da monocultura latifundiaria e escravocrata communicou-se do Brasil a essa outra area americana, com todas as suas vantagens e com sua serie immensa de desvantagens. "Pouco a pouco

iam sendo abandonadas as demais lavouras. Para protegê-las, criou-se em 1660 um imposto sobre os fazendeiros que explorassem unicamente o plantio da canna. Continuou entretanto a industria do assucar a monopolizar as attenções dos colonos."

De Barbados — ilha inglesa a que se communicou, com a francesa, o systema de monocultura latifundiaria e escravocrata do Nordeste do Brasil — sabe-se que as relações com a região brasileira mais intensamente especializada na producção do açucar foram anteriores á dispersão dos judeus brasileiros, embora tivessem provavelmente se avivado com esse facto de tão grande repercussão na vida economica do continente. Nas pesquisas mais recentes de historiadores ingleses e norte-americanos sobre as Indias Occidentaes, dentre os quaes salientarei Harlow e Wyndham — pesquisas infelizmente pouco conhecidas dos que se dedicam no Brasil ao estudo da historia da lavoura da canna, da industria do açucar e da escravidão do negro de engenho — encontram-se referencias a esses contactos remotos entre as duas areas — a portuguesa e a inglesa. Nessas relações mais remotas terá ou não havido intervenção ostensiva ou subtil do judeu, ansioso de fazer florescer a industria e o commercio do açucar onde fossem mais vantajosas as condições de vida para a communidade israelita. Mas o certo é que de Barbados — como depois da Argentina — vieram plantadores, ou gente de sua confiança, estudar em Pernambuco a technica do fabrico do açucar e se inteirar do modo mais pratico e directo das causas da opulencia economica do Nordeste do Brasil. E a Barbados — repita-se — como a Martinica, communicou-se, do Brasil, a furia da monocultura, com consequencias sobre a paisagem e a vida regionaes semelhantes ás que se verificaram no nosso país.

Não só a Martinica e a Barbados, como a Surinam e a outros pontos da America fora do dominio politico de Portugal, o açucar levou do Brasil, por intermedio principalmente do judeu, valores de cultura de origem européa — e certmente tambem alguns de procedencia asiatica — que já se haviam americanizado, ou adaptado ás condições de vida colonial na America, na parte portuguesa do continente, ou melhor, no Nordeste do Brasil. Esses valores, quasi sempre condicionados pelo systema economico da monocultura latifundiaria e escravocrata, que teve certamente no Nordeste do Brasil o seu primeiro ponto, senão de verdadeira fixação, de especialização intensa e de desenvolvimento, sob certos aspectos, vantajoso.

Não preciso destacar aqui os pontos de semelhança da civilização do açucar no Nordeste com a civilização do açucar em Cuba. Quem lê o estudo de Guerra y Sanchez sobre o latifundio açucareiro nas Antilhas — estudo, aliás, baseado sobre as pesquisas de historiadores ingleses e americanos — tem ás vezes a impressão de que aquellas paginas se referem ao Nordeste do Brasil. O latifundio açucareiro, escreve Guerra y Sanchez referindo-se ás Antilhas em geral e a Cuba em particular, é "uma industria que cresce territorialmente e que gira em um circulo vicioso do qual não pode escapar, vendo-se arrastada fatalmente á superproducção..." E ainda: "se a empresa latifundiaria crescesse *verticalmente,* á maneira de um gigantesco arranha-céo, em vez de fazê-lo *horizontalmente,* talvez nada tivessemos que oppor a ella. Mas em Cuba, como no Nordeste do Brasil, ella não tem feito senão crescer em extensão. No Nordeste, a usina não se cansou ainda de engulir terras para a pratica da cultura extensa de canna, em vez da intensa, que já teria implicado na solução de pro-

blemas como o do "mosaico", no cultivo da canna de melhor rendimento, no desenvolvimento da irrigação e do adubo das terras mais concentradas.

São evidentes as semelhanças entre as varias areas do açucar marcadas, na sua vida e na sua paisagem,no seu typo de homem nobre e de homem do povo, pela producção unica do açucar, pelo latifundio, pela escravidão africana: enriquecidas por traços de cultura de origem identica — européa, asiatica, africana — varios delles disseminados por varias areas americanas pelo judeu e pelo negro e alguns irradiados do Nordeste do Brasil. Mas essas semelhanças pedem, como já disse, um estudo systematico e minucioso de historia social e cultural, que fixe os caracteristicos communs a varias areas, ao lado dos traços que as particularizam.

APPENSOS

I

Trechos de um ensaio da escriptora Maria Archer — "Aspectos da paisagem social na Africa Portuguesa e no Brasil do passado suggeridos pelos livros de Gilberto Freyre" — publicado nos numeros 536 e 537 (1937) de Seara Nova, *Lisboa, sobre algumas areas de formação portuguesa, da Africa, em comparação com a brasileira, a asiatica e as das ilhas de São Thomé e Cabo Verde:*

"... O povo português teve em Angola e Moçambique grandes terras virgens e grandes massas de negros escravizados; mas não sei o que houve nas directrizes iniciaes da colonização que em Africa se atrophiavam os elementos que se expandiam no Brasil — e a expansão ethnica, a fixação pela casa e a familia, a adaptação ao meio que se pode chamar civilização regional, como que a symbiose da terra e do homem, não são phenomenos conhecidos da colonização de Angola e Moçambique.

Appareceram, entretanto, em pequenas regiões — Cabo Verde, um grupo de ilhas, e na India, entre os christãos isolados pela religião dos movimentos ethnicos e politicos do seu povo. Em Cabo Verde os elementos emigrados — portugueses e negros da Guiné — geraram uma civilização original, adaptada ao país, com dialecto, usos e costumes, li-

teratura, folclore, tradições, pittoresco, e quasi uma "psyche" especial, fatalista e doce, que é a alma mesma duma raça na sua expressão sentimental. Na India, entre o kaleidoscopio ethnico e liturgico dos hindus, formou-se um curioso agrupamento humano, em que o sangue português se mesclou ao asiatico de todas as castas, em que figuram exemplares puros dessas mesmas castas, e brancos sem mestiçagem, descendentes de antigos senhores, todos ligados pelo christianismo e enkistados, com seu isolamento suicida, na grande massa gentia e mahometana. Falam tambem em dialecto, e da fusão da civilização portuguesa e hindustanica formaram um producto homogeneo com colorido, usos proprios, casa adaptada á região, habitos e degraus sociaes independentes do resto do mundo, e mil e uma pequenas coisas que só ali teem cabimento, são a paisagem moral, humana, social, desse grupo de hindus e portugueses christãos vivendo num recanto da India. São a sua civilização; boa ou má, não é aqui lugar de o discutir; mas o simples facto della existir documenta a favor dessa amalgama de clima e raças."

"Angola, velha colonia, embora com mais caracter português que Moçambique, e mais fundas raizes lusiadas na sua estructura, não tem de seu um typo de povoado, de casa, de vestuario, de transporte, de cozinhado, de denguice, um typo de criação regional saído das suas condições de clima, de terra, de gente. A propria cozinha regional, tão rica no Brasil e no Oriente português, não criou em Angola doçaria ou pitéos especiaes. Julgam por lá que o churrasco barrado a malagueta é criação autonoma da colonia: erro. No Brasil conhecem o churrasco, e com esse mesmo nome — e em toda a Africa o comem. Nem a fantasia da mulher indigena, nem a da mulata, nem a da bran-

ca, condicionou os frutos de Angola em forma de doce especifico e original; tudo o que por lá se come é de uso emigrado."

"O mulato aguenta o clima e adapta-se melhor do que o negro ao trabalho especializado. Por isso me parece errada a politica colonial tendente a desmerecer a mestiçagem dos negros; e talvez fosse mais acertado fazer com os mulatos, como no Brasil, um elemento de utilidade para a civilização especial dos tropicos, preciosos como intermediarios entre o branco e o homem da terra. O Brasil offerece-se aos nossos olhos como uma grande lição de sociologia colonial nos tropicos; se não a seguem, emendada dos erros visiveis, não é por ella não ser clamante. Clamante é tambem o estado amorpho, incaracteristico, da nossa civilização em Angola; chega-se a pensar que o português, o negro, e a terra angolana, não se podem ligar num todo homogeneo: falta-lhes um não sei quê de dynamico ou agglutinante, um não sei quê gerador duma alma ou duma civilização.

Empeceu a acção dos portugueses, logo no começo da occupação de Angola, a ausencia duma industria, ou agricultura, de largos proventos e grande escala. No Brasil, diz Gilberto Freyre, baseou-se a colonização no cultivo da canna de açucar; isso lhes deu a abastança para se installarem e aguardarem a prosperidade futura. Mas Angola não mostrou aos conquistadores, logo na soleira, as suas terras dadivosas; e as minas de prata, ouro, pedrarias, resistiram a todas as buscas. Então viu-se uma unica riqueza a tentar a cobiça dos colonos — o negro. Angola foi uma colonia de negreiros.

Parece que dahi lhe ficou uma certa physionomia moral, como que uma fixação de traços derivados da politica e economia iniciaes. Alguns go-

vernadores de mais dilatada visão, por exemplo D. Francisco de Sousa Coutinho, pretenderam organizar na colonia uma vida propria, fundando a sua economia em bases agrarias, iniciando ou aperfeiçoando industrias indigenas, como a do ferro, que os bantus extraem por processos primitivos e de pouco rendimento. Ergueu-se uma fundição de ferro em Oeiras, nas margens do Cuanza, e se me não engano deu-lhe grande impulso um dos desterrados da *Inconfidencia mineira;* chegaram a mandar para Portugal ferro da colonia, e a fundir por lá balas e canhões — mas por fim o emprehendimento ruiu, contrariado pela maré esclavagista que tudo inundava. O governo metropolitano não se interessava por obras sujeitas a gastos, olhando mais para os lucros directos da capitação do escravo exportado; os colonos angolanos alheavam-se de qualquer obra apartada do grande negocio negreiro; e os colonos do Brasil, influentes no conselho de Sua Majestade, exigiam que se não desviasse a actividade dos angolanos do fornecimento da mão-de-obra necessaria aos engenhos brasileiros. Angola, por essa epoca, constituia uma dependencia do Brasil, o seu ventre *mater* de negros, criadeira de trabalhadores para o desbravamento e fecundação da selva virgem. O luso installava-se em Angola para a explorar, não para viver nella — a fixação fazia-se no Brasil. Brancos e mulatos, muitos delles brasileiros, viviam em Angola somente do trafico negreiro — e dahi resultava que a physionomia dos povoados e a vida social não tomavam caracter proprio, forma autonoma, com criação de typos regionaes, usos e costumes domesticos e de sociedade, emfim, a escala habitual nas relações entre os homens e a terra; além disso não se tomava nenhum amor á tradição.

Mais tarde, após a extincção do trafico, fez-se a colonização com degredados. Foi uma nova camada sombria carregando na paisagem moral da colonia e estiolando-a. O condemnado, finda a penalidade, ia geralmente tentar vida de commercio pelos sertões; e no afan da poupança installava-se na palhoça indigena e rebaixava-se ao viver mais abjecto. Os tostões forrados eram a sua unica mira. Commerciava de permuta, trocando cobertores, facas, espelhos, cintos, missangas, por cera, marfim, café, borracha. E entre ganhos, roubalheiras, miserias, amealhava uns dinheiros e regressava a Portugal. Só deixava no sertão, como marco da sua passagem, o mestiço aggravado das taras paternas. Raros foram os condemnados que, ao fixarem-se em Angola, acompanharam o commercio sertanejo com exploração rural, que ergueram casa e fazenda, que tomaram mulher permanente e criaram filhos, que, emfim, fizeram verdadeira colonização — casa, arvores, herdeiros. Mas mesmo naquelles que o realizaram, esse esforço não teve côr local, qualquer clima moral adaptado á terra; casa, fazenda, familia, paisagem social incaracteristica — eis Angola.

Os pescadores — poveiros, algarvios, e outros, alguns mesmo devolvidos da emigração do Brasil — criaram nos arredores de Mossamedes uma grande industria piscatoria; mas dahi, pelo mesmo phenomeno de incaracterização angolana, não se seguiu um cunho *sui generis* de regionalismo; o homem, reagindo psychicamente perante os elementos novos, não criou um caracter novo ao seu agrupamento. E comtudo tinham ali materia-prima para criações autonomas, com o deserto onde vivem e o mar de que vivem; deserto singular, onde vagueiam manadas immensas de antilopes, de zebras, de bovideos bravos; mar fascinante, de aguas

frias sob o tropico, onde fervilham myriades de cardumes, dadivoso duma fartura nunca vista; e a região, mysteriosa, com indigenas na primitiva phase do nomadismo humano, e correntes de aguas subterraneas, e clima promissor de culturas européas, o que daria sob outro signo criacionista? Ali todos os motivos regionaes e pittorescos se escoaram numa paisagem physica e social marcada de vulgaridade.

No planalto da Huila, no planalto de Benguela, vivem milhares de colonos ligados á terra, agricultando, commerciando, criando gado, na mesma incaracteristica communidade...

O português anda por lá vestido como na sua provincia, ou então banalmente, ao uso da Africa, com o fato branco ou de caqui, capacete de cortiça, largo chapéo de feltro. O pittoresco dos nossos trajes, dos nossos usos, diluiu-se na terra colonial. A nova casa, sem tradições, sem lareira de inverno, é falha de amor e desharmonica com a luz, com as arvores, com o recorte dos montes africanos. Os usos, os trajes, sem a moldura secular da aldeia, artificializam-se, perdem o encanto e a espontaneidade; acabam por se estiolarem. A colonização comprehende uma sequencia de habitos criados por ella, derivados da adaptação do homem ao clima e á terra, gerados, criados, desenvolvidos sem esforço, como duma semente se desenvolvem braços e raizes."

"Parece que faltou a Angola aquillo a que Gilberto Freyre chama "a civilização através da mulher". O homem, soldado ou negreiro, seguia, outrora, sozinho, para a Africa, terra onde se batiam selvas e se escravizavam negros; e a mulher ficava na sua casa de Portugal ou do Brasil, Penelope mais ou menos fiel, esperando o homem ausente em trabalhos de amealhar dinheiro. Raras

senhoras acompanhavam os maridos á Africa, em parte para se salvarem dos maleficios do clima. Os governadores coloniaes pediam para a Metropole o envio de mulheres, para fornecer de esposas os militares e funccionarios solteiros — e realmente algumas seguiam, mas da escumalha das ruas, apanhadas nas rusgas nocturnas pelos antros e vielas. Faltou em Angola o elemento civilizador da mulher, fixando o homem á terra pela casa, ideando confortos, adaptando ás circumstancias os meios ao seu dispor, emfim, dando um tom regional á civilização que encontrava, e ampliando-a, modificando-a por suas mãos.

Na India Portuguesa a mulher contribuiu largamente para a côr caracteristica do nosso agrupamento christão em terras de rajás; e na Africa Oriental Portuguesa existem algumas manchas originaes na paisagem social, devidas apenas á mulher, á mulata do Ibo, *sá,* á luz da Zambezia, *dona.* Em São Thomé, em Cabo Verde, a mulher branca e mulata influiu nas formações psychicas e sociaes — em Angola não; decerto pela ausencia, raridade ou ainda pela irreductibilidade desse meio de negreiros e degredados.

Acontece assim que não existem em Angola restos de colonização senhorial, como as casas com capella por exemplo, que o colono brasileiro adaptou á sua paisagem. As igrejas e capellas de Angola são as das Missões, obras sem cunho regional; a Missão da Huila, mais rica e industriosa, ergue cathedral de pedra colorida; em Villa Luso, povoação com comboio e governador, diz-se missa em cabana colmada. Casas nobres, com capella ao lado, só as tiveram, em Angola, alguns bispos e governadores. Em Luanda, em Benguela e noutros povoados antigos, ergueram-se casas de sobrado, com o jeito nobre e forte dos edificios pomba-

linos, e casas de porta e janela, em pedra e cal, com cobertura de telha; a velha rua de Luanda, que acompanha o sopé do morro de São Miguel, tem ainda de pé casas coevas da escravatura. São edificios vulgares, no genero das construcções modestas das cidades provincianas, avaras de sol e ar; por todos os burgos de Angola se espalhou essa casa incaracteristica, inadaptada ao clima, destoante na paisagem. Mais tarde importaram a moradia isolada, genero chalé, com janelinhas, varandinhas, arrebiques. Typo de construcção original não há por lá nenhum.

O negro, na selva, vive na cabana de palha tradicional; nos suburbios das cidades e villas a população indigena e mestiça occupa casas colmadas, algumas de adobe caiado, com porta, janela, quintal e despejos nos capinzaes vizinhos. Fora a cobertura, dão pelo typo das casas vulgares nos povoados algarvios.

O indigena, pelo sertão, usa a nudez habitual no africano — e os adornos de missangas, pelles, cobres, com a tanga de pano. Nas cidades de Angola veste-se com os tons cinzentos, pardos, do gosto europeu. Gilberto Freyre conta-nos que o Brasil, a certa altura, em signal de distincção, adoptou as côres das civilizações carboniferas — o preto, o cinzento, e suas combinações. Angola veste-se de branco e caqui, á colonial, ou de escuro, á européa. O indigena gosta dum fato de casimira, dum chapéo de feltro, duns sapatos pretos em dias de festa; e a negra, como indumentaria de mulher honesta e fina, cobre-se de manto, saia, tudo preto. A mulata macaqueia as modas, ou veste-se bem, conforme as posses. Nunca se viu em Angola a graça dum traje regional de mulata, como em Cabo Verde, como no Brasil — saia de folhos, chambre de rendas, lenço na trufa.

Ainda hoje Angola não possue tão fortes alicerces de nação como o Brasil possuia na epoca em que se libertou. Nem economicos, nem ethnicos, nem moraes. Do português, do negro, e da terra de Angola, repito-o, ainda não saiu criação homogenea, corpo com vida, luz, radiação. Se quisermos fixar, ali, uma figura typica, regional, um uso nacionalizado, não os encontramos; nem o centauro gaúcho, nem a mulata de saia de folhos e chambre de rendas, nem o "capoeira", nem o "maxixe" do Brasil; como tambem não encontraremos o equivalente da crioula de Cabo Verde, sentimental, dançarina de "mornas", amante de perfumes; nem o da "dona" da Zambezia, com o seu sabor oriental, o seu luxo de grande proprietaria.

"Uma forma de habitação, quando se regionaliza, é um documento psychico. Na ilha de Moçambique, em Quelimane, em Tete, e, duma maneira geral, onde ainda existem as velhas casas portuguesas, lá está esse especime regional de architectura, com grossas paredes de convento, janelas de casa nobre, escadaria e alpendre de solar minhoto e terraço mourisco.

A sombra da India já se estendia pela Africa Oriental anteriormente a Vasco da Gama. Nós encontrámos lá uma civilização de sabor asiatico, e com a mesma monção que a trouxe para Portugal levámo-la tambem ao Brasil. Esse forte perfume oriental, a oiro, pedrarias, essencias, loiças preciosas, moveis raros, marfins, leques e luxo de sedas bordadas, embalsamou todo o nosso imperio. Só em Angola não tomou consistencia a feição oriental do nosso imperialismo, que ainda hoje, mesmo na Metropole, apparece na predilecção pelas loiças exoticas, as colchas de setim bordado, os moveis de talha, as sedas cruas e outras raridades da India, da China, do Japão. O coqueiro da India,

que alastrou por Moçambique, inundou o Brasil, se installou em Portugal e alterou, com as cabelleiras desgrenhadas dos palmares, a paisagem physica da Africa Oriental e do Sul americano, mal se fixou em Angola em pequenas manchas de exotismo. Angola escapou ao contagio fascinante do Oriente."

"A ilha de Moçambique, cidade, tem o aspecto oriental de Zanzibar: ruas estreitas, cheirosas a especiarias, com compridas palmeiras atalaiando os muros; altos terraços moiriscos, casas de paredes grossas, fortes portas, janelas bem defendidas; uma multidão de Babel, onde luzem sedas e oiros de vestes moiriscas; turbantes de hindus, brancos e em côres, coroam cobeças de piratas; as casacas pretas dos parses, adoradores do fogo, mancham o colorido da turba; negros de cabaia; negras envoltas em panos flammantes — e a gente dos pangaios, Sindbad-o-maritimo, mysteriosa, leve, descalça, mais secreta, mais oriental que a da terra. O porto balança os papagaios, navios veleiros de alto bordo, em madeira de teca esculpida, que vão e veem com a monção, carregados como as naus da Descoberta. Nas ruas abrem-se as lojas do pequeno commercio asiatico, as pequenas officinas de mahometanos e hindus; e, por detrás das janelas cerradas, nós sabemos que espreitam olhos pintados de moira reclusa, de gentia idolatra, sempre occultas e vestidas de sedas bordadas. Mas sobre todo esse orientalismo sente-se o cunho português, fundindo e vazando no seu molde os elementos estranhos, adaptando a terra, a civilização oriental, o negro, a seu proveito e conforto. O português integrou a gulodice dos conventos na fantasia moira do cozinhado — e dahi resultaram os celebres almoços da Zambezia, que se prolongam emquanto há luz de sol. Criou-se um estilo de casa; adap-

taram-se á terra os transportes do Oriente: cadeirinha, riquexó, machila; faz-se uso de divans, cadeiras, moveis, esculpidos á moda indiana; criaram-se artefactos á européa com productos do Oriente e da região — e sobre todas as coisas paira um não sei quê de regional, unico, autonomo, que é a alma mesma duma civilização.

Falei na *dona* da Zambezia e na *sá* do Ibo. Casos unicos, que eu saiba, no clima moral das nossas colonias; casos de quasi matriarchado, espantosos em terras influenciadas pela moirama.

São o resultado de causas economicas. A dona da Zambezia, mulata rica, emphyteuta de grandes propriedades, os "prazos", casava, geralmente, com brancos portugueses, sem dahi perder o prestigio senhorial entre os indigenas; era ella a *dona*, a verdadeira cabeça do casal; tinha direitos de soberania, recebia impostos, dispunha do trabalho dos indigenas residentes nos seus dominios, manejava a politica local ao sabor dos seus caprichos de pequenino despota — e são ainda celebres os casos de vinganças, envenenamentos, assassinatos, machinados pelas *donas* contra maridos, amantes e autoridades da região.

A *sá*, do Ibo, mais modesta, e tambem mulata, caiu em declinio após a extincção do trafico. Os rapazes dessas familias seguem para a India ou Portugal, onde se formam nas escolas superiores — e não mais regressam á terra. Ellas ficam por lá, dirigindo as plantações, mandando na criadagem, nos filhos e netos dos antigos escravos que não aproveitam da alforria. A pobreza fê-las inventar um commercio estranho. Quando velhas, após o abandono do ultimo amante, exploram a prostituição das criadas novas, negras e mulatas de panos sem categoria. Esse negocio não desprestigia as *sás*. Enfeitam o seu pessoal feminino (pa-

nos de seda, pentes de oiro, perfumes, joias de prata nos pés e mãos, caprichos nos altos penteados), e apropriam-se depois dos lucros que ellas conseguem. O exodo dos rapazes deixa quasi só em campo as mulheres da terra; e ellas por ali vivem, mandando no seu povo, mantendo os seus costumes e formando um grupamento curioso, complicado de hierarchias, de usos e costumes exoticos, de adaptações e extravagancias.

A *sá* e a *dona* valem como compendios vivos de historia e philosophia da civilização euro-afro-asiatica. Pittorescas, exoticas, amoraes — são um documento das reacções do homem perante a terra e o meio social; que terra de cardos não é terra esteril...

Gilberto Freyre fala-nos na ascensão social do mulato brasileiro, bacharel ou ricaço, pelo casamento com branca fidalga. Foi um caso frequente no antigo Brasil. Na nossa Africa apparece outro aspecto do intercambio do sangue negro e europeu — o casamento, ou mancebia, do branco com a mulata. Diz-se tambem, na verdade, que a mulher portuguesa é sensivel ao prestigio sensual do negro e do mulato; mas dessa preferencia não resulta ascensão social para o homem. Se acaso existem, recatam essas ligações como crimes, não só deshonrosos para a mulher branca, como de perigosas consequencias para o homem de côr, exposto á furia ciumenta do europeu. Há tambem mulatos claros que casam com brancas; mas ahi intervem, em geral, o factor economico, como poder de compra, a bem dizer. São mulatos com posição, ás vezes com fortuna, e ellas, as brancas, raparigas pobres, embora bonitas. Recebem relevo social do casamento, das mãos do marido. As negras e mulatas, porém, beneficiam socialmente com a mancebia dos brancos; saem da roça, do arimbo ou do

trabalho domestico; passam a ter muleque; e as mulatas, quando são claras e educadas, entontecem fortemente os portugueses. A moldura africana valoriza-as duma harmonia com a paisagem, duma collocação de objecto no seu lugar, que desmerece as brancas; os portugueses, em Africa, casam mais facilmente com mulatas que com as mulheres da sua raça. Mulata clara, bonita, educadinha, que se deixe estar em casa, que espere o *Prince Charmant*, encontra marido; o que significa que o abandono, e o divorcio, não sejam tambem frequentes, com o seu sequito de decadencia e prostituição."

II

Trechos do trabalho do padre J. Alves Correia, Missões Catholicas Portuguesas (*Lisboa, 1936*), *em que compara as actividades da Sociedade de Jesus com as de outras ordens missionarias, nas differentes areas de formação portuguesa*:

"... A politica educativa dos missionarios Jesuitas no Brasil, como a descreve G. Freyre, era antipodica com o methodo excessivamente "conservador" dos mesmos missionarios em face da cultura e dos costumes chins. Um e outro extremo levantou contra elles os missionarios das outras congregações: na China, por acharem os outros missionarios que era uma attenuação do Christianismo; no Brasil, por acharem que era uma disfarçada monopolização da direcção e governo dos indios.

Era certo o que dizia o Jesuita Padre Vieira, em carta a D. João IV, escripta do Maranhão a 6

de abril de 1654: que tinham os Jesuitas contra si "o povo, as religiões, os donatarios das capitanias". Mas esta contrariedade não vinha, como levianamente teem escripto até autores catholicos, de as outras corporações missionarias condescenderem com a escravização dos indios pelos fazendeiros.

Provámos alhures que os Franciscanos eram até mais antiescravistas que o Padre Vieira, pois que o escandalizaram ajudando os pretos que fugiram á escravidão (1). Leia-se a carta de 6 de abril de 1654 e as suggestões de Vieira ao rei de Portugal, e comprehender-se-á de onde vinha a opposição de Franciscanos, Carmelitas e Mercedarios ás aspirações do illustre missionario da Companhia que não se contentava com menos do que a "paraguayzação" das Missões dos Indios brasileiros. E comprehende-se que os missionarios não Jesuitas resistissem á idéa de se verem relegados ao officio de capellães de fazendeiros e dos respectivos escravos negros.

No Brasil não puderam os Padres da Companhia realizar a republica ideal que os do Paraguay mantiveram desde Filippe II, que lhe incumbira, até á derrota do P. Thadeu Henis pelo general Andoanequi (1754). Seria um mal para a religião? Seria um mal para os indios do Brasil?... Ainda hoje há quem julgue que sim e quem julgue que não. Em todo o caso o methodo de felicitar os indios não era muito conducente a elevá-los a um nivel humano mais alto, mas sim a "reduzi-los", amputando-lhes bastante a bravia personalidade. Partiam os Padres do postulado da incapacidade e ignorancia invencivel dos mesmos para se governarem e da necessidade imprescindi-

(1) *Dilatação da Fé no Império Português*, II vol., pag. 15. (Edição da Agencia Geral das Colonias).

vel de uma autoridade estranha e da obediencia, á maneira da propria Companhia, áquella autoridade absoluta. Primeiro regulo, o cura; acima delle, o provincial; supremo, o preposito geral.

Não podia um indio ir a outro povo, sem licença, não já do cura, mas do provincial; não podiam vestir senão o uniforme adoptado; não trabalhava nenhum para si, senão os chefes de familia três dias por semana: o resto era trabalho forçado para a communidade, e para Deus: "takambae", "tupambae". Não se lhes ensinava senão a doutrina. Não se lhes deixava aprender espanhol. E a alguns dos proprios Jesuitas que estranhavam tanto rigor, respondia o Geral Tirso Gonzalez em carta ao Provincial Lauro Nunes: *"No alabo nin puedo alabar el celo de algunos missioneros, con deseo de defender a sus indios, parece que quieren formar de ellos unas republicas ideales en que todos sean senhores y ninguno tenga necessidad de servir y de trabajar y todos finalmente tengan sus haciendas, con las cuales no necessiten de más"* (2).

Alguns indios conseguiram fugir das "Reducções" e eis as razões que dá da fuga o Provincial Inacio de Arteaga: — *"Aunque trabajan continuamente* [nas Reducções] *no alcanzan ni montera para cubrir su cabeza, ni anguarina, ni calzones y que estas cosas solo las alcanzan algunos principales"* (3).

E, para não pensarem em fugir, nem se tornarem "ladinos", não se lhes permittia aprender espanhol. *"Esto,* escrevia aos curas o Provincial Thomás Donvidas, *es necesario atajarlo, porque, si van cobrando los indios fuerzas en semejantes cosas no se podran avenir con ellos los padres ni te-*

(2) Ibañez, *Reino Jesuítico del Paraguay*, pag. 51.
(3) Id., ibid., pag. 18.

nerlos sujetos. V.Rcias. se persuadan que al paso que se hacen ladinos es ladinez antes para mal que para bien..."

Não seria talvez para bem nem da gloria da Companhia de Jesus nem da civilização dos indios, se os Jesuitas tivessem conseguido, como sonhava o P. Antonio Vieira, do rei de Portugal, o privilegio que do da Espanha conseguiram os do Paraguay: isolar as missões da jurisdicção de outras autoridades, assim religiosas como civis, e manter nellas os indios num regime de tutelados em perpetua menoridade. Talvez não tivessem então os Jesuitas passado á Historia, ao lado dos Franciscanos e acima delles, como os constructores da Civilização brasileira, gloria immorredoira das ordens religiosas não menos que de Portugal. Talvez, como aconteceu á Republica Ideal e theocratica do Paraguay, tivesse tudo sossobrado num embate com o poder publico (era o que mais certo viria a acontecer com um ministro tão cioso como Pombal) sem ficar nada de uma educação que mais se tivesse occupado de subjugar incapazes do que de formar homens nas responsabilidades da liberdade e da Lei commum.

Em competencia umas com as outras, em condições de emulação que ás vezes foram até á rivalidade, as ordens religiosas educaram no Brasil uma população indigena livre, pugnando pelos direitos della, pregando o respeito daquelles direitos como obrigação dos colonizadores christãos. Foram assim edificando e desenvolvendo a Igreja, que é catholica, em que muito bem cabiam indigenas e portugueses, como irmãos, e deram assim alma, espirito, vida superior, a uma civilização portuguesa alargada, variada, enriquecida.

E' esta, sem duvida, a coroa do nosso apostolado, a gloria imperecivel da Igreja portuguesa, a criação que mais valorizaria perante o mundo as ordens religiosas enraizadas no velho Portugal."

"Se alguma coisa temos a observar acerca de methodos pedagogicos das diversas categorias de missionarios na India e na China, será a proposito da maneira como a assimilação christã se havia de comportar com os costumes tradicionaes e com os ritos malabares e chinos. Ricci, e com elle os missionarios jesuitas, achou que o mais expediente era *baptizar* ritos e costumes, adaptando-os a um significado christão. Os outros missionarios, e sobretudo os estrangeiros não Jesuitas, quando a *Propaganda Fidei* começou a enviá-los de todas as christandades da Europa a competir com os servidores do nosso Padroado, entenderam que aquella adaptação era uma simples traição aos principios e costumes christãos e que as conversões feitas pelos nossos missionarios não passavam de um amalgama sacrilego de Christo com Confucio e de Brahmanismo com baptismo e sacramentos.

A Santa Sé mandou como legado o Cardeal de Tournon e, julgando a questão dos Ritos pelo relatorio do legado, condemnou-os nas constituições apostolicas de Clemente XII e de Clemente XIII — "Ex illa die" e "Apostolicæ Sollicitudinis". D. João V tomou, deante de Clemente XIV, a defesa dos riccistas. O patriarcha de Alexandria, Mezzabarba, visitador apostolico, ainda entrou nas vistas transigentes dos nossos missionarios. Mas nem o regio manto nem a capa do patriarcha valeram aos Ritos, e as condescendencias dos mesmos missionarios receberam em 1742, na bulla "Ex qua singulari", de Bento XV, o golpe de misericordia, que foi

ao mesmo tempo um golpe fundo no missionismo do nosso Padroado (4).

As adaptações aos costumes ambientes duraram tanto na India, que só a recente campanha de Ghandi contra as castas e contra o tratamento deshumano dos *out-casts* teve força para envergonhar igrejas christãs, que separavam por grades as diversas castas de irmãos em Christo, até na Mesa sagrada da Fraternidade e Communhão!"

"Os Capuchinhos italianos, ou Barbadinhos, os missionarios que com mais sequencia e zelo desprendido e heroico se occuparam da evangelização de Angola, depois que em 1640 a *Propaganda Fidei* lhes confiava a Prefeitura Apostolica do Congo, não usaram mais preambulos nem mais demoras na baptização dos gentios do Congo e do interior de Luanda. Cavazzi, o historiador da Missão capuchinha angolana, que Labat reeditou (5), descreve-nos aquella vida apostolica e deixa-nos a impressão de uma dobadoira de trabalhos heroicos sem methodo, com modelo do bom Padre Antonio de Gaeta, que saía pelo mato a pregar, ficava por lá dias e semanas, voltando no fim a casa com os braços moidos de tanto baptismo, porque o administrara a centenares de ouvintes que tinham achado os discursos bonitos...

Não admira que da passagem deste aturado e trabalhoso fogo de palha não tivesse ficado muito fruto; quando, no seculo XIX, se retomou a serio a evangelização de Angola, restava, das evangelizações passadas, do trabalho de seculos... apenas, ou

(4) Rohrbacher, *Histoire Universelle de l'Église Catholique*, 2.ª edição. (Na 3.ª o editor supprime as rectificações do autor, sob pretexto do silencio imposto pela Santa Sé... no tempo em que a questão se debatia). Editor Gaume, Paris, 1850-1864.

(5) Labat, *Ethiopee Occidentale*. (Trabalhos de Fr. Antonio de Gaeta).

quasi apenas, algum crucifixo metallico entre os feitiços familiares de algum maioral.

Parece que a missionação dos Jesuitas, pouco persistente no Congo (como nos conta o chronista da Companhia, relatando a invencivel má-vontade da gente) (6) mas mais aturada em Luanda e arredores, foi a que deixou mais vincados traços. Os ambaquistas continuaram sempre a ser os intellectuaes, os escrivães e vagamente os catechistas das espessas populações do interior. Mas o caracter pedante, desenraizado do torrão nativo, que é o caracter destes espertos moços, tambem nos dá a entender que o genero da educação missionaria dos Jesuitas de Luanda e Massangano seria academico, mais do que moldado a civilizar uma raça educando-lhe todas as energias da alma e do corpo.

Demais, é preciso nunca perder de vista que a praga repellente da escravatura, exercida por estrangeiros que faziam pagar a salvação, que traziam, com o proprio corpo dos salvados, não deixava ao bom-senso do pobre nativo tomar a serio a Boa Nova proclamada. E notemos mais que os missionarios de Africa eram homens do seu tempo, possuiam manadas de escravos e que só os Jesuitas exportavam por anno para as roças das suas missões do Brasil um navio e dois patachos de escravaria (7)".

(6) P. Balthasar Telles. *Chronica da Companhia de Jesus em Portugal*, P. II, I, II, cap. VI.

(7) O Marquês de Lavradio. *Abolição da Escravatura e Occupação do Arbriz*, pag. 32 a 38.

III

Trecho do artigo que sob o titulo — "Aproximação" — escreveu o sr. João de Barros para o Diario de Lisboa *e* A Noite, *do Rio, em agosto de 1937:*

"...Gilberto Freyre tambem nos deixou algumas palavras a proposito das relações luso-brasileiras. Ouviu-as, e publicou-as no seu jornal, o redactor do hebdomadario "Humanidade", o Sr. Paulo Braga. E de tanta importancia, e de tão nobre significado as considero, já pelo conteúdo, já pela autoridade do autor, que me permittirei registá-las e commentá-las rapidamente aqui.

Vieram essas palavras como resposta á pergunta sobre se existiria "um problema racial no Brasil". Ao que Gilberto Freyre respondeu: — "embora existam ainda preconceitos de côr entre nós, e até arianistas, não se pode falar num problema de raças num país que se caracteriza pelo que, em linguagem sociologica, se chama "mobilidade social". E continuou: "Creio que é este um dos aspectos mais sympathicos e mais christãos da formação social brasileira. Aliás, creio que é um traço commum ás sociedades da America, da Africa e da Asia onde predominou a colonização portuguesa e á propria sociedade portuguesa européa e um dos elementos de aproximação entre essas varias sociedades." De facto, não se encontra em Portugal o menor preconceito de raça, nem vestigio delle. Misturamo-nos sempre com os outros povos. A expulsão dos judeus, no seculo XVI, a Inquisição, depois, — não se devem attribuir a exigencias do sentimento collectivo. Tiveram um

aspecto, manifestaram uma attitude inteiramente estranha á vontade da grei. Simples affirmações e acções, — simples e ás vezes terriveis, é certo — duma ambição de dominio, ou dum capricho pessoal (parece ter sido esse o caso de D. Manuel I, o Venturoso, que foi então pouco afortunado), restrictas a quem dellas supportava a exclusiva responsabilidade e decisão. Da nação, da população inteira — ninguem se atrevera a julgá-las. Gilberto Freyre, que o sabe com a serena certeza de pesquisador e erudito eminente, assegura-nos, em summa, que a ausencia de problema racial em Portugal e no Brasil é um elemento de aproximação das nossas duas Patrias. Conceito amplo e original, que se não erro, pela primeira vez é exteriorizado, e contra o qual não descortino argumentos que legitimamente se lhe apontem.

Mas a que aproximação se refere Gilberto Freyre? Á aproximação "psychologica, sentimental, moral". Quanto á intellectual, observa: — "deve haver causas, ainda mal estudadas, do quasi nenhum conhecimento da nova cultura brasileira em Portugal e da nova literatura portuguesa no Brasil. Essas causas devem ser investigadas com vagar e cuidado, e afastadas, se possivel." Exactamente, Gilberto Freyre tem plena e absoluta razão. E' preciso investigar as causas de situação tão lamentavel. Candido Campos, o jornalista illustre, propôs remedios de indiscutivel efficiencia, num artigo recente, para que ao Brasil cheguem, e para que o Brasil não ignore, as obras das modernas gerações lusitanas. Propaganda, escolha de nomes e de livros, preços accessiveis, esforço editorial reflectido e perseverante. Dum e doutro lado do Atlantico, esses conselhos são necessarios, uteis e da maior opportunidade. Comprehendo e

acceito, porém, que Gilberto Freyre lembre que a tarefa, a missão de fomentar mais estreito e intimo entendimento intellectual cabe "principalmente ao Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura". Todavia, não deixemos de lançar o nosso appello á iniciativa particular. Ella trouxe até nós, portugueses, o livro brasileiro, que já não falta em nenhuma livraria de Lisboa, do Porto, de qualquer cidade da minha terra. Ella conseguirá levar, se bem orientada e persistente for, a producção literaria portuguesa, que preste e valha, á hospitalidade generosa e ao espirito acolhedor do victorioso Brasil, sempre fraterno e nobre."

IV

Trecho de um trabalho do dr. Luís Robalinho Cavalcanti sobre O ainhum nos annuncios de escravos fugidos (*Rio de Janeiro, 1937*), *que illustra a vantagem da utilização dos annuncios de jornaes nas pesquisas sociaes em geral e de medicina em particular:*

"...estudando um caso de ainhum no começo deste anno (communicação á Sociedade Medico-Cirurgica do Rio de Janeiro) lembrei-me de utilizar como fonte de pesquisas e de referencias ao ainhum ou enfermidades semelhantes, os annuncios de escravos fugidos publicados nos jornaes do tempo do Imperio. Tudo fazia crer que deformações e ausencia do dedo minimo do pé seriam utilizadas como meio de identificação, dada a visibilidade e facilidade da referencia. Fui feliz e com material do archivo do Professor Gilberto Freyre á mim franqueado, surprehendi alguns annuncios onde o

typo da deformação do dedo ou dos dedos dos pés era semelhante ao descripto e verificado nos enfermos de ainhum. Não encontrei nenhuma designação especial para a deformidade, parecendo-me que no momento era ligada mais a um processo traumatico. Em mais de uma centena de annuncios compulsados encontrei descriptos casos typicos de ainhum."

V

Trecho de uma carta do escriptor José Osório de Oliveira sobre traços de influencia afro-brasileira na arte domestica e popular de Portugal:

"Havia em casa de meus paes um quadro do pintor do seculo XVIII, Morgado de Setubal (meu pae, o poeta Paulino de Oliveira, era colleccionador de arte e tinha varios quadros desse bom pintor), quadro que hoje pertence ao Museu de Arte Contemporanea, representando um criado preto, de collete encarnado, um criado de casa fidalga, como tinham todas as casas fidalgas no seculo XVIII e que provinham do Brasil: pretos já civilizados. Pois bem, na feira de São Pedro, em Sintra, comprei o verão passado dois "barros" de Extremoz, dos authenticos, segundo a tradição, que há só uma velha que ainda os faz assim. Um delles representa um preto a cavallo, de calças brancas, casaco vermelho; na cabeça um chapéo de palha de abas largas, como usam os caipiras. Percebe-se perfeitamente que se trata do mesmo typo: o criado preto de casa fidalga que ficou na tradição e que vi-

nha do Brasil. O outro "barro" representa uma "mucama", com um tabuleiro de flores. Apesar da fantasia decorativa, claramente se adivinha, nesse "barro" feito hoje, mas feito segundo a tradição, a negrinha brasileira, a "bahiana" ou "pernambucana" que havia em todas as casas fidalgas no tempo de D. Maria I, por exemplo."

VI

Trechos de trabalhos do dr. Ruy Coutinho sobre a existencia de rachitismo no Brasil do seculo XIX, indicada pelos annuncios de jornaes:

"O peito estreito, as pernas finas, e os pés chatos, são signaes de rachitismo, como accentuou Gilberto Freyre. ["O Escravo nos annuncios de jornal do tempo do Imperio"]. ... Tem razão Gilberto Freyre. As perturbações mostradas pelos escravos eram consequencia da falta de sol e de uma alimentação deficiente ... Chegavam os escravos ao Brasil com as reservas de vitaminas totalmente gastas, e continuavam a receber uma dieta carente do factor D. Este se encontra nas gorduras de origem animal: manteiga, ovos, oleos de peixe e no leite, substancias não existentes na dieta dos escravos. Há tambem um elemento alimentar relacionado com o rachitismo, mas de importancia menor: é o calcio. Este tambem a dieta do escravo não continha." (Ruy Coutinho, "Alimentação e estado nutricional do escravo no Brasil", *Estudos Afro-Brasileiros,* Rio de Janeiro, 1935, pags. 210-211).

"O rachitismo, doença dos climas temperados, não existe em geral nos países tropicaes. No Brasil, a maioria dos pediatras tem affirmado com emphase que não há rachitismo, salvo em um ou outro negro.

Gilberto Freyre, analysando, em 1934, os annuncios de jornaes brasileiros do seculo XIX relativos a escravos negros, suggeriu que os defeitos apresentados pelos negros — as pernas tortas, os braços finos, os joelhos tronchos, as cabeças encalombadas — fossem manifestações de rachitismo. Em trabalho apresentado ao 1.º Congresso Afro-Brasileiro, reunido em Recife naquelle anno, mostrei que as manifestações que apparecem descriptas nos annuncios eram signaes claros de rachitismo, apoiando assim o ponto de vista do sociologo de *Casa-Grande & Senzala.*

Mas seria de estranhar que as deformações osseas citadas continuassem a apparecer entre os nossos negros que ainda vivem hoje em condições precarias de vida." (Ruy Coutinho, "O que revela um inquerito no Recife sobre as condições de alimentação popular", separata de *Neurobiologia* (Recife), Tomo II, n. 1, 1939, pag. 8).

VII

Artigo do sr. Arnon de Mello, publicado nO Jornal, *do Rio, de 3 de março de 1940:*

"Estou no Norte de Portugal, na zona do Douro e do Minho, exactamente a zona de onde segue para o nosso país maior somma de emigrantes. O português ama emigrar, e emigrar para o Brasil é nelle uma inclinação irresistivel.

Oliveira Martins explicava com o factor economico essa attracção do minhoto por novas terras, e ainda hoje há quem julgue que o governo poderia evitar o exodo dispensando maior carinho á região.

Não se nega, no caso, a influencia daquelle factor. Com uma grande densidade de população, não dispõe o Minho de recursos sufficientes para proporcionar-lhe nivel de vida mais justo. Há, porém, outros aspectos e motivos a considerar. Se o português, em tempos idos, já collocava Portugal além das suas fronteiras, dos horizontes que o mar lhe marcava, possue elle agora maiores razões para não se sentir fora de casa quando deixa o lugar em que nasceu. Gilberto Freyre, estudando as influencias da mestiçagem sobre as relações sociaes e de cultura entre portugueses e luso-descendentes, alludiu a essa "mobilidade social dissolvente dos apegos absolutos aos lugares nativos e, ao mesmo tempo, excitadora desse desejo de movimento no espaço geometrico, como no social, que fez de quasi todos nós, portugueses e luso-descendentes, individuos transnacionaes sempre com a vontade vaga e irresistivel, os da America, da Africa, das ilhas, de voltarem ou regressarem á Europa; os da Europa, de ganharem os mares e caminhos da Africa, da Asia, da America, das ilhas, sobretudo do Brasil."

E não se restringe essa vontade, que dia a dia mais se accentua, á alternativa da Europa para outros continentes e de outros continentes para a Europa. O transnacionalismo a que se refere Gilberto Freyre affirma-se entre as proprias areas de formação portuguesa, o que leva o luso-descen-

dente de Angola a pensar em Moçambique e o de Cabo Verde a pensar no Brasil. Sobretudo no Brasil. Sendo o maior grupo social de formação portuguesa, em que se reuniram e se aproveitaram em excepcionaes realizações todas as qualidades do colonizador lusitano, é natural que constituamos o centro do novo mundo por elle criado através da miscegenação.

Dahi, sob varios aspectos, a fascinação que exercemos sobre portugueses e luso-descendentes, que vêem no Brasil mais do que um grande campo de trabalho, onde se impõe brilhantemente a mobilidade vertical, a ascensão social pela intelligencia e pelo esforço, sem indagações de côr ou de origem num meio de facil victoria. Elles vêem no Brasil mais do que um grande campo de trabalho porque se encontram nas proprias expressões da nossa sensibilidade.

Dahi a confiança que lhes inspiramos, a coragem com que tudo abandonam afim de se integrarem na nossa vida. Ainda recentemente, abertas aqui inscripções para 50.000 immigrantes de que necessitava o Estado de São Paulo, em poucos dias elevava-se a 80.000 o numero de pretendentes. Meu criado de quarto, o rapaz que me engraxa os sapatos, o empregado da casa em que adquiro qualquer coisa, o homem de commercio, o intellectual, todos falam-me do seu desejo de visitar o Brasil, a maioria com o empenho de lá permanecer. Pedem-me informações e eu lhes surprehendo no olhar a seducção com que nos vêem. Alguns, que já ahi estiveram, lamentam terem voltado e só pensam em retornar, pois lhes deixamos marcas que o tempo não apagou.

Se assim é na metropole, não acontece outra coisa pelas colonias. Muito ao contrario, ahi é que se apreciam as manifestações mais fortes dessa admiravel unidade de sentimento e cultura. Em Cabo Verde, dizia-me com enthusiasmo o dr. Julio Monteiro Junior — um advogado de côr casado com uma senhora portuguesa de Lisboa — que era no Brasil que o seu unico filhinho, de dois annos de idade, iria estudar e fazer-se homem.

E ainda a esse respeito há a notar que o caboverdeano, amando viajar e não se fixando definitivamente em lugar nenhum, volta á sua ilha de todas as partes do mundo mas nunca do Brasil. Quando passei por Santiago, quis conhecer filhos da terra que já houvessem estado em nosso país. Era coisa que não existia. Citavam-se os que passaram tempos na America do Norte e na propria metropole. Os que foram para a America do Sul, porém, lá ficaram e não se cansam de convidar os parentes a seguirem-lhes o exemplo.

Tudo isso, a despeito das correntes immigratorias que temos recebido na vastidão do nosso territorio, contribue para manter e accentuar a feição que as circumstancias e os methodos da colonização portuguesa nos deram e que fazem de nós o "laboratorio de civilização" de que fala Rüdiger Bilden.

Visitando o Norte de Portugal, fixo estes aspectos e recordo que me encontro exactamente no lugar de nascimento da nação criadora do novo mundo."

VIII

Trechos de um artigo do dr. Manuel Múrias, na revista Ocidente, *de Lisboa, vol. II, n. 6, outubro de 1938, pags. 469-475:*

"Não surprehendem estas idéas em Gilberto Freyre, porque em outras obras anteriores nos preparou a recebê-las; mas nunca, se nos não enganamos, as expôs com tal amplitude, alargando-as não só ao Brasil, mas ás colonias portuguesas: — e talvez não fosse impossivel verificar-lhes a exactidão em regiões que já hoje não soffrem influencia portuguesa, em Africa e no Oriente.

O que parece, em todo o caso, é que, realmente, a capacidade do português se misturar com as populações nativas das regiões colonizadas foi a razão primeira do seu exito de colonizador. Nunca em Portugal existiu qualquer mystica racista (como diremos hoje); e o caso dos judeus, que o sr. João de Barros lembra no artigo transcripto por G. F., não pode sequer ser invocado. João de Barros desconhece totalmente os termos do problema, quando affirma que "a expulsão dos judeus, no seculo XVI, a Inquisição, depois, — não se devem attribuir a exigencias do sentimento collectivo. Tiveram um aspecto, manifestaram uma attitude inteiramente estranha á vontade da grei."

Nada menos verdadeiro. E bem se pode dizer que nos factos invocados os dirigentes obedeceram, algumas vezes acaso de sobreposse, ás "exigencias do sentimento collectivo". Mas não se trata, da parte portuguesa, de um phenomeno racista, pela razão de que, nesse tempo, a unica "nação

racista" era precisamente a "nação judaica", — razão que explicou já para o judeu Bernard Lazare as perseguições antijudaicas. "A un phénomène aussi général il doit y avoir une explication générale" — pensou Lazare. Ora a explicação deriva, precisamente, da "insociabilidade do judeu", — facto incontestavel e de consequencias por tal forma inevitaveis, que levou Jules Soury a concluir: — "Si les habitants de l'espace compris entre l'Opéra et la Madeleine ne se mariaient qu'entre eux, ils s'exposeraient aux inconvénients d'Israël."

Os portugueses não tiveram nunca a preoccupação de casar apenas com portuguesas. E Gilberto Freyre tem razão quando insiste:

"Foi o amor pela mulher india e pelo filho mestiço que animou muitos dos patriarchas da colonização portuguesa do Brasil a se fixarem na terra bruta. Uns sob o estimulo, outros sob o favor dos padres casamenteiros; varios, nos é licito suppor, fora da Igreja e do casamento, sem que entretanto suas uniões fossem puras aventuras physicas de libertinagem. O amor desses homens pelas mulheres indias e mais tarde pelas africanas, amor acima de preconceitos e convenções, agiu poderosamente na formação do Brasil, adoçando-a; amollecendo o que o systema economico do trabalho escravo promettia levantar ali de hirto, talvez até de ria do humano, do demasiadamente humano, sobre o economico."

Parece que a justeza do juizo de Gilberto Freyre se pode verificar ainda hoje em certas colonias portuguesas, como Angola, onde continua a patentear-se a capacidade do português para a mestiçagem, apesar de já não escassear a mulher branca. O preconceito de raça continua a ser na cruel e de deshumano. Nunca houve maior victo-

verdade insignificante e a lei portuguesa não o conhece; e de tal jeito que o Estado apenas assume a funcção de Curador emquanto o exige a carencia da civilização do indigena, logo lhe reconhecendo, porém, direitos iguaes aos dos brancos, europeus ou nativos, se pode por sua cultura considerar-se assimilado.

Isto são factos, que um anglo-saxão ou um germano, por exemplo, não comprehende, nem perdoa. Mas avistam-se-lhes as consequencias e a importancia, quando Gilberto Freyre nota que "a cordialidade caracteristica do português nas suas relações com os povos e as raças de côr ... é um traço que nos auxilia a comprehender e a interpretar, não apenas a formação dos povos modernos de origem portuguesa, mas a sua situação actual: a situação actual — de uns com os outros e de todos com Portugal".

Esta nos parece ser a importancia enorme da theoria de Gilberto Freyre..."

"Importa, em todo o caso, não julgar que Gilberto Freyre considera como unico factor de criação de tal ambiente, — de um "ambiente supranacional", — a capacidade de mestiçagem do português. Trata-se, essencialmente, de um ambiente e de uma cultura formados "pela confraternização de raças, de povos, de valores moraes e materiaes, sob o dominio de Portugal e do Christianismo"; e, porventura, mais importante, de certa forma, do que a mestiçagem, em si, seja a "capacidade de mestiçagem", quer dizer: — a carencia de preconceito racista, a consciencia de fraternidade de portugueses sem differenças de raça ou de côr, que foi normal no Brasil-colonia, como o é hoje nas provincias ultramarinas de Portugal.

Isso nos permitte comprehender o perfeito espirito de collaboração entre brancos e pretos ou mulatos nas colonias portugueses (tal qual no Brasil) e constituem resultados naturalissimos da capacidade, do pendor, do jeito de assimilar "que é talvez" — como sublinha Gilberto Freyre — "o traço mais caracteristico da nossa cultura geral: de portugueses e de luso-descendentes".

E' evidente que há difficuldades; mas seria curioso verificar até que ponto essas difficuldades não proveem de idéas ou doutrinas estrangeiras, que pouco a pouco se teem insinuado entre os luso-descendentes — nomeadamente no problema da lingua, que talvez, muito simplesmente, tenha sido mal posto, num conceito errado de "purismo": cousa moderna, aliás, e só comprehensivel numa lingua morta. (Este problema, comtudo, apenas o aponto agora: espero poder tratá-lo mais por menor noutra occasião e em breve).

O que parece mais importante no ensaio de G. F. é o reconhecimento, que a tantos poderia escapar, de uma "unidade essencial de cultura ... a que nos sentimos impellidos, portugueses e luso-descendentes, pelo que há de mais profundo em nossas tradições e valores communs", e, — ainda mais — o reconhecimento e a annotação desses "valores communs", que temos o risco de ver perderem-se na incomprehensão de quasi todos.

"Poderia recear-se que Gilberto Freyre, para fugir a exaggeros evidentes, caisse nos exaggeros oppostos e não ligasse qualquer importancia aos *nomes illustres* e ás *datas gloriosas*. Todavia, a historia é a vida; e, como na vida, nella há nomes e datas que, verdadeiramente, dominam e condicionam toda a actividade social. (Lembra-nos, entre

os nomes, para a historia do Brasil, — e se não queremos rebuscar outros, — o do Padre Antonio Vieira, cuja actividade parece ter realmente determinado a inclinação da obra missionaria do Brasil; e entre as datas, as dos Guararapes, que, por nellas terem vencido, contra os flamengos, os portugueses, condicionaram todas as possibilidades da vida dos portugueses e luso-descendentes no norte do Brasil). Cremos, em todo o caso, que, na verdade, o que Gilberto Freyre pretende é que os quadros traçados ás vezes pela actividade politica não fiquem vazios pelo desconhecimento da historia social. Gilberto Freyre insiste, pois, numa velha idéa sua a que importa não deminuir as perspectivas reaes e as possibilidades: a necessidade "de nos orientarmos (os pesquisadores do passado brasileiro) ainda mais do que os europeus e os americanos do norte, pelo criterio historico-social, ou historico-cultural, nos estudos historicos, e de nos utilizarmos das technicas e dos methodos de estudo, em geral associados ás pesquisas entre sociedades primitivas", visto que, — nota, — "em varios pontos, a situação de nossas populações se aproxima, ainda hoje, da de populações primitivas ou sem historia escripta".

Em conclusão: os estudos de Gilberto Freyre reunidos neste volume de *Conferencias na Europa* são dos trabalhos mais densos e mais ricos em suggestões do illustre pesquisador brasileiro. As suas observações devem, naturalmente, ser meditadas e desenvolvidas, porque há muito não vimos livro publicado em Portugal ou no Brasil com uma conclusão geral de tamanha importancia para as relações culturaes dos dois países e tão capaz de se desentranhar em estudos tão uteis e necessarios para um, como para o outro."

IX

Trechos de um artigo do dr. Vitorino Nemesio, na Revista de Portugal, *Coimbra, de que é director, n. 5, outubro 1938, pags. 128-129*:

"A visão que Gilberto Freyre tem da historia brasileira é tão vasta e rica, complica-se de tanto ponto de vista, que não admira que dessa especie de selva que reflecte a selva resulte uma certa perturbação. Logo, porém, que chegamos a um problema sufficientemente delimitado por Freyre, a agudeza do autor, a forte intuição do acontecer intrasocial que nelle se allia á maior familiaridade com as formas da cultura — conquistam-nos.

Gilberto Freyre é um discipulo do Prof. Franz Boas, da Universidade de Columbia. Toda a sua compenetração da historia é de tendencia anthropologica. Na formação de uma unidade social vê as coisas por um angulo cujo vertice é o encontro do homem com a terra. Medir esse angulo é escavar em toda a extensão do territorio historico, alastrar o conceito de "sociedade" a todos os seres, coisas, formas, valores que estabelecem a comunicação humano-tellurica.

A designação de "sociologia genetica" dada a esta historia de orientação social mostra bem a preoccupação vitalista dos que a professam, a intima certeza de que toda a estructura humana de caracter gregario é o resultado de um processo complexo, não só quanto á difficuldade, ao *desenho* dessa estructura, mas quanto aos proprios orgãos que collaboram na sua articulação. Haverá pois em todo o *social,* além de elementos ideologicos que

no-lo revelam e que, desde Platão, foram julgados como exclusivos typos delle, factores aracionaes, de dominios ainda mais obscuros que o da vontade, de que é preciso acercarmo-nos, e methodos e attitudes explicativas novas, uma especie de biologia.

O que afasta estas novas correntes historicas dos seus precursores de typo Oliveira Martins é, não só o papel ainda mais deminuto que attribuem á historia de archivo e o desdem que lançam sobre a historia biographica e politica considerada como sufficiente explicadora da gesta humana, mas uma attitude historiographica mais solida, verdadeiramente methodologica, compromisso entre a construcção historica de typo euristico e evocativo e o recurso ás sciencias do physico e do ethico, destinadas a dar ao *desenho* historico a consistencia de que a fluidez dos terrenos de explicação é a grande inimiga.

A fecundidade desta historia alargada é tão manifesta como os seus perigos. Mas a importancia das acquisições que ella traz vale bem o risco, principalmente em sociedades latitudinarias como são as da America do Sul. Ahi a relação homem-terra é quantitativamente inversa da européa, e logo a qualidade dos seus termos muito outra. Não só a area da luta é monstruosa, no sentido de dissolver a energia humana exigindo-a em doses descommunaes para qualquer resultado importante, mas todo o condicionamento da reacção socio-morphica é diverso. A ethica européa, temperada por seculos de fabrico social, por todos os rigores da concorrencia humana num curto espaço e por todos os acicates da resistencia desse espaço á vida sem muito trabalho, é reformada ao ter de lavrar humanamente as grandes extensões sub-tropicaes cortadas de torrentes e florestas. A conducta de

guerra e a lassidão de costumes edenicos dão-lhe um estranho tempero, uma accommodação de valores inteiramente nova.

A idéa mais interessante que retiro destas *Conferencias na Europa* é a identidade fundamental que subsiste, no pensamento historico de Gilberto Freyre, entre o agente europeu e o reagente sul-americano na formação do Brasil. Gilberto Freyre vae tão longe nessa linha geral da sua visão do Brasil, que a integra num arco amplissimo, "transnacional", o que elle chama um "bloco de sentimento e de cultura", uma "como patria maior, que é a unidade cultural formada pelas varias expressões humanas de esforço português espalhadas sobre o mundo moderno e a tão grandes distancias umas das outras".

Por difficil que seja de sustentar, principalmente á falta de tradições de interpretação e estudo que tem um tal problema, essa especie de pan-lusismo conceptual tão corajosamente defendido por Gilberto Freyre, a verdade é que constitue uma these de fecundas perspectivas e que conforta e robustece o sentimento português. Que longe vamos, como o proprio Freyre reconhece, dos nativismos de lá e dos desdenhosos purismos de cá!

Apontarei ainda o que Gilberto Freyre tem como flor do genio colonizador do português e, ao mesmo tempo, fermento do Brasil: a tendencia para a "democracia social", realizada pela criação de um agente de colonização extremamente movel: o mestiço.

Nas mesmas *Conferencias* se disserta sobre varios aspectos dos estudos historicos combinados entre Portugal e o Brasil. Vantajosos como tomada de contacto entre um historiador em *tournée* e as Universidades onde falou, esses lados das *Confe-*

rencias de Gilberto Freyre parecem-me menos interessantes, e ás vezes superficiaes, se prefigurarmos os problemas brasileiros em que a sua grande autoridade scientifica e o enthusiasmo do seu estilo nos podiam ter iniciado. Escriptas *currente calamo,* há nestas paginas por vezes um vago desalinho, além de tal ou qual luxo terminologico ("missionologia", por exemplo) proprio de concepção tão nova e imbricada da historia. Mas são senões valentemente afogados pela seducção, nervo mental, saber serio de um dos mais illustres historiadores modernos da lingua portuguesa."

X

Trechos de um artigo do dr. Robert C. Smith Jr. na revista The Quaterly Journal of Inter-American Relations, *de Cambridge, Estados-Unidos, vol. 1, n. 2, pags. 140-143:*

"Of all the colonizing European nations, so Freyre asserts, Portugal has been the most successful in transplanting to the conquered territories the essential spirit of the homeland, and in maintaining in both colonists and natives a common racial fuling. The prime factor has been the tolerant handling of the *mestiço,* who, thanks to the lack of discrimination, has become in Brazil a powerful force for social democracy, an element almost universally proud of its Portuguese background and traditions. He feels that these same special conditions for psychological and cultural unity prevail even in the least fortunate of the Portuguese colonies. It is the duty of the intellectuals every where

to safeguard this situation against the "almost superstitious fear" of miscegenation which is found in some quarters in Portugal and on the other hand against a certain intellectual tendency in Brazil to prefer purely European elements to the "Luso-Portuguese". For these critics he argues that social and economic degeneration in both Portugal and Brazil was not caused by the mere inter-contact of the white and black races, but rather by the social conditions of the singlecrop, patriarchal, slave-holding society. Against these same critics he defends growth of a Brazilian Portuguese language, to which the negro, Indian, and other colonial factors have richly contributed, thus increasing the universality of the Portuguese tongue. In conclusion Freyre stresses the peculiar lyrical Portuguese catholicism, which Unamuno long ago perceived (*Por tierras de España y Portugal,* Madrid, 1911), with its unchanged customs that bind together this Lusitanian world."

"Only by such studies carried on throughout in Portuguese world, he believes, will the final complete picture of the Lusitanian colonial accomplishment be produced. To his program, as vast as the plans of the Portuguese discovers themselves, Gilberto Freyre has dedicated his life. His book *Casa-Grande & Senzala* (Rio, 1934) was the manifest of the program; the present volume is a splendid *compte-rendu* of progress toward its realization."

UNIVERSIDADE DA BAHIA - FACULDADE DE FILOSOFIA
BIBLIOTECA

* *Este livro foi composto e impresso nas officinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", á rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Livraria José Olympio Editora, Rio, em dezembro de 1940.*